REVISTA arigó

Número 1 2020

Expediente

Revista Arigó

ISSN: 2764-1155

Periodicidade: anual.

Contato: revistaarigo@avl.org.br

https://www.revistaarigo.avl.org.br/

Editor-Chefe:

José Huguenin

Editores associados

Djalma Augusto dos Santos Melo

Lourildo Costa

Lúcia Assis

DIRETORIA DA AVL (2020-2021)

Presidente: Vicente Melo

Vice-presidente: Mércia Christani

Secretário: Lourildo Costa

Tesoureiro: José Huguenin

Diretor Social: Jean Carlos Gomes

Coordenação Editorial: José Huguenin

www.avl.org.br

Sumário

Editorial 4

Biblioteca da AVL.....6

Resenhas & Biografias..... 7

Textos Literários.....18

Trabalhos Acadêmicos.....42

Relatos Historiográficos.....96

Editorial

Volta Redonda, dezembro de 2020

É com imensa alegria e cheios de esperança que entregamos o primeiro número da ***Revista Arigó (RA)***! Alegria pelo fato de termos conseguido, apesar do momento, finalizá-la; esperança por acreditarmos que ela pode ser um veículo que nos permita conhecer mais a literatura feita na região e a literatura em geral. A ***RA*** foi criada com a missão de ser um espaço de discussão literária, de divulgação da literatura sul fluminense, de discussão acadêmica sobre literatura em geral, de registro historiográfico de nossa região, enfim, um espaço de encontro.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19. Vidas ceifadas, incertezas, eis o que toda humanidade teve neste ano. Diante do medo que este cenário suscita, a esperança teve que se fortalecer. Acreditar e levar à frente um projeto de tal monta é um exemplo, singelo, de resistência e de fé no futuro.

A ***RA*** tem cinco seções fixas, baseadas em sua missão. A seção *Biblioteca da AVL*, de responsabilidade da Coordenação Editorial da AVL, é um espaço para mostrar a evolução da constituição de um grande acervo literário de autores oriundos de Volta Redonda, em especial, mas também de toda a Região Sul Fluminense. Todo acervo da BAVL está aberto à consulta na Biblioteca do GACEMSS, grande parceiro da AVL. Neste número, destacamos o acervo atual, onde encontrá-lo, enfim, fazemos uma apresentação geral. Nos números futuros da ***RA***, desejamos mostrar a evolução desse acervo, comentando aquisições entre outras novidades. É o espaço da BAVL.

A seção *Resenhas & Biografias* é dedicada à apresentação de obras e autores da região. Essa seção é aberta à submissão de textos que apresentem resenhas /críticas literárias de livros de autoras e autores de Volta Redonda e Região Sul Fluminense, além de biografias breves dessas autoras e autores. Assim, pretendemos registrar e divulgar a produção literária da região.

A seção *Textos Literários*, sob a coordenação do professor, escritor e membro da AVL, Lourildo Costa, recebe produções em verso e prosa, apenas de autores e autoras da região. Poemas, pequenos contos e crônicas nela são publicados. Os textos são submetidos pelos próprios autores, o que permite que a ***RA*** seja veículo de apresentação de obras contemporâneas. Também são publicados textos oriundos de pesquisas dos editores e membros do corpo editorial como forma de tornar acessíveis textos antigos e oportunizar, aos nossos leitores, o conhecimento de autores do passado.

A seção *Trabalhos Acadêmicos*, sob a coordenação da Prof. Dra. Lúcia Assis (UFF), é dedicada à discussão de literatura em geral. São aceitos artigos que versem sobre obras e/ou autores da literatura universal. Incentivamos o estudo e a análise de obras de autores da região, como mais uma forma de registro de disseminação da produção literária local.

A seção *Relatos Historiográficos*, sob a coordenação do historiador, atual presidente do Conselho de Turismo, e membro da AVL, Djalma Augusto dos Santos Melo, visa registrar a rica história da região. São aceitas submissões de textos acadêmicos, baseados em pesquisas e estudos, e relatos pessoais de eventos contemporâneos e passados, como forma de registro para gerações futuras.

A conclusão deste primeiro passo não seria possível sem a contribuição de muitos. Agradecemos a diretoria da AVL, na pessoa do Presidente Vicente Melo, todo apoio ao projeto.

Não temos palavras para agradecer ao André Martins, Diretor-presidente da AMCorp, parceira da AVL, pelo desenvolvimento da página da ***RA*** e o excelente sistema de submissão de trabalhos.

Agradecemos também ao arquiteto João Paulo Oliveira Huguenin pela idealização e doação da logomarca da ***RA***!

Por fim, mas não por último, agradecemos aos editores associados, Djalma Augusto dos Santos Mello, Lourildo Costa e Lucia Assis, e a todos os membros do corpo editorial pelas avaliações e indicações de trabalhos e a todas as autoras e todos os autores que acreditaram na ***RA***, enviando-nos seus trabalhos de alto nível, garantindo muita qualidade artística e acadêmica neste número inaugural.

Boa Leitura!

José Huguenin
Editor Chefe

Biblioteca da AVL

A Biblioteca da AVL (**BAVL**), inaugurada em 14 de dezembro de 2019, tem por principal objetivo preservar e eternizar a produção literária do município de Volta Redonda e Região Sul Fluminense, buscando catalogar e salvaguardar os livros de autoras e autores da cidade e região e de seus acadêmicos, como forma de contribuir para conservação e valorização do patrimônio cultural do município e da região, guardando, também, a vivência do vale do médio paraíba.

Como toda biblioteca, a BAVL é viva e seu acervo físico é construído continuamente de forma a permitir a pesquisa e, na medida do possível, o empréstimo das obras à população. Conforme estatuto, a BAVL é vinculada à Coordenação Editorial da AVL. Através do acordo de Cooperação com o GACEMSS, a BAVL está sediada temporariamente na Biblioteca do GACEMSS (BG), na Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília – Volta Redonda-RJ. Visite-nos!

Acervo

O acervo é constituído exclusivamente por obras de autores da região. Ele está divido em duas categorias: *Coletâneas* e *Livros Solo*.

O principal destaque são as coletâneas do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos), fundado em Volta Redonda em 1975, e do GRABAL (Grêmio Barramansense de Letras), fundado em Barra Mansa também em 1975. Esses grêmios produziram, ao longo de mais quarenta anos, inúmeras coletâneas com textos em prosa e em verso de muitos autores da região. O acervo de coletâneas conta, em dezembro de 2020, com 44 títulos e 77 exemplares.

Os livros solos, de autores únicos, reúnem desde obras contemporâneas, doadas pelos autores, até livros raros, com edições esgotadas. Destacamos livros dos poetas e acadêmicos Maria José Maldonado e José Luís de Oliveira e do contista e acadêmico Ronaldo João Gori, entre muitos outros. O acervo de livros solo conta, em dezembro de 2020, com 69 títulos e 83 exemplares.

Consulte o acervo da BAVL em: https://www.avl.org.br/acervo/

Para fazer uma doação, os livros podem ser entregues na secretaria do Gacemss ou a um membro da AVL. Para fazer contato, escreva para contato@avl.org.br .

Resenhas & Biografias

Ronaldo João Gori: um contador de estórias

Ronaldo João Gori

Lourildo Costa

"É importante para o homem ter sonhos, mas é essencial dividi-los com seus semelhantes."
(Máxima de Ronaldo João Gori).

Com muita honra fui eleito Membro Efetivo da Academia Volta-redondense de Letras - AVL - em Assembleia Extraordinária realizada para eleição de novos membros, no dia 04 de Fevereiro de 2019, conforme Edital de Vacância de 2018, e passei a ocupar a Cadeira nº 3, cujo Patrono foi Ronaldo João Gori.

Resolvi encomendar uma obra de meu Patrono e encontrei - "Estórias & Contados de Bichos, de Gente, de Fatos", publicada pela Editora Valença, no ano de 1987. Tal raridade foi encontrada numa livraria de Belo Horizonte, MG e, por incrível que possa parecer, fui presenteado com sua assinatura na folha de rosto, com data de dezembro de 87.

João Gori foi um grande personagem e sua biografia trouxe-me um peso de responsabilidade sobre os ombros, pois sei que terei de empreender esforços para zelar por um grande nome. Foi Metalurgista, Economista, Administrador de Empresas, Professor Universitário – Mestre em Educação e Economia – e advogado.

Aposentou-se pela Companhia Siderúrgica Nacional, onde desenvolveu uma apreciável carreira metalúrgica. Ali foi admitido como servente e, de maneira gradual, foi promovido aos cargos de hierarquia técnica, até galgar os mais altos postos administrativos da Empresa.

Gori também militou de maneira marcante na vida sócio-cultural-política de Volta Redonda, cidade onde chegou aos três anos de idade. Foi professor, fundador e diretor de várias entidades profissionais, sindicatos e associações.

Foi autor de diversos trabalhos técnicos e didáticos. "Estórias & Contados" foi a sua primeira obra literária. Nela reuniu um conjunto de contos e retratos da vida cotidiana, onde deixou registradas marcas do dia a dia da primeira geração de trabalhadores metalúrgicos do "Coração de Aço do Brasil". Imagens rústicas, próprias do homem do campo, interagiram, de forma extraordinária, com o desenvolvimento tecnológico industrial.

O livro compõe-se de 38 "Estórias & Contados". São narrativas de cunhos populares e tradicionais. O autor deu por título um verbete classificado como brasileirismo – "Estórias" – que significa um gênero de narrativa de ficção, onde as ações são "Contados" sem fundamentações em "Fatos" verídicos.

Chamou-me a atenção a dedicatória de seu livro. Gori usou a 3ª pessoa do discurso para falar de si mesmo. Deixou-me a impressão de se tratar da existência de um habilidoso escritor que habitou o âmago do Gori profissional. Duas pessoas distintas entremeadas formando um todo. Ele deu início àquela inscrição afetuosa que marcou profundamente aquele momento. Viu-se frente a frente com um sonho realizado e que talvez para a maioria das pessoas não representasse nenhuma utilização proveitosa. Muitos anos havia passado e, sozinho, aos 51 anos de idade, ele conseguira concretizar um forte desejo. Segurou a "boneca" do livro nas mãos e admirou-a. No dia seguinte daria prosseguimento para que os textos fossem reunidos numa publicação. O sentimento foi o mesmo de um pai presenciando o nascimento de um filho. Suas mãos trêmulas correram silenciosamente pelas folhas datilografadas, acariciando os contos, as estórias, recordando seus mínimos detalhes, a cada página que passou diante dos seus olhos.

Os personagens dos seus contados foram figuras que fizeram parte de suas caminhadas do dia a dia, num certo espaço de tempo, delimitado pela luta renhida pela vida em oposição à morte. Ter a matriz de sua obra nas mãos trouxe-lhe uma acepção criadora encarnada num escritor. Seus pensamentos agradáveis tornaram-se alados, enquanto indagou a si mesmo: "O que poderia levar alguém a escrever alguma coisa?"

Inúmeros relatórios técnicos foram escritos, todos os dias, durante muitos anos de sua vida profissional. A experiência fê-lo descobrir que tais documentos não podiam passar de duas laudas; por certo os relatórios extensos seriam lidos exclusivamente em partes pelos gerentes. Juízes também não tinham por hábito a leitura de petições muito longas; pois requerimentos compridos apenas tentavam esconder direitos desprezíveis. A mesma coisa ocorriam com as atividades estudantis: trabalhos escolares prolongados manifestavam somente o desejo dos alunos em obterem notas nas disciplinas, pois os professores também nunca os liam.

Na Dedicatória, Gori relembrou um fato que lhe ocorrera no colégio, quando a professora exigiu que copiasse mil vezes uma frase inteira de Rui Barbosa. Muitos dias foram necessários para elaboração do castigo, até que teve uma brilhante ideia: no meio das frases repetidas, descreveu uma partida imaginária de futebol. O regente da turma, responsável pela conferência da tarefa, recebeu o trabalho e nem percebeu a maquinação secreta com o objetivo específico de iludi-lo. Deu por encerradas as atividades e riscou o seu nome do livro negro.

Ao concluir sua crítica, Gori asseverou que a leitura de qualquer texto também precisa ser realizada considerando as intenções que não estão explícitas ou diretamente expressas numa mensagem. O leitor deve buscar o sentido conotativo, ainda que não dito, mas inferido, ou não expresso em linguagem verbal, mas conjecturado. Gori foi um homem de muitos sonhos! Alegra-me que, mesmo dormindo o sono eterno, julgou essencial dividi-los com os que ficaram.

Uma saborosa literatura sai da "Panela de ferro" de Isaque Fonseca

José Huguenin

Não tenho dúvidas que tenho às mãos uma obra prima de um artista de grande sensibilidade. Leio as narrativas curtas de "Panela de ferro" (Editora Record, 1998), do confrade, amigo e companheiro Isaque Fonseca, com a voz rouca do autor. Essa é uma particularidade minha com livros de autores próximos: leio a obra com a voz do autor ecoando na cabeça.

Isaque chamou de "reminiscências" os contos autobiográficos. São lembranças, tão magistralmente contadas, que pintam o quadro de um tempo que hoje nos parece distante dada a infância "eletronicalizada" que vivenciamos. Não sei se conseguimos comprar um pião hoje em dia, talvez em um brechó. Mas conseguimos ver a rotação e precessão da pequena peça de madeira que autor joga brilhantemente com as palavras ("Pião", pág.15).

Artífice das letras, constrói castelos elaborados, elegantes com umas palavras aparentemente simples. Fala das dificuldades que uma família operária, migrada da roça para o eldorado industrial iniciante junto à curva do rio, passa. Mostra a visão de um menino frente as privações. O incrível é que a narrativa não mostra dor, mágoas ou rancor, mas uma poesia refinada que nos faz sentir uma empatia imediata com o "menino herói" de quase todos os contos. Logo nos encantamos com o menino e suas peripécias nos faz perdoar imediatamente os pecados confessados diante do medo de um "Eclipse" (pág.109) que fez o dia virar noite, nos faz vibrar com a sabedoria instintiva, parecida com a de um sertanejo de Canudos, para comer o "Pastel de maio" (pág.35), nos faz temer pelo menino e Dona Osdiva, mãe amabilíssima e rigorosa, em um dia de "Tempestade" (pág.85) que pôs em risco o alpendre de chão batido da casa simples com goteiras, preço a se pagar por um espetáculo de luz produzido pelo sol em atmosfera úmida que encantou o menino na janela, acordado por Dona Osdiva para a arrumação da casa após o dilúvio. Ele, com essa forma poética, denuncia desigualdades que, como Carlos, o levou a ser *gauche* nessa vida.

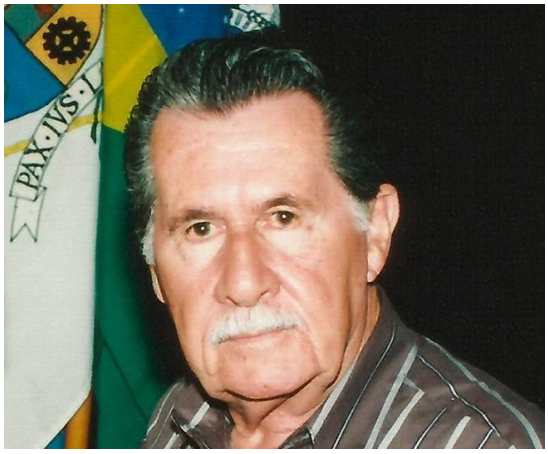
A obra mostra ainda o que sustenta a gente que se põe em movimento em busca dias melhores: a fé. Em "Novena" (pág.31) a tradição da reza nas casas, entre as famílias (a reza está presente em vários outros contos), é um documento cultural de altíssimo nível, assim como o é o conto "São João" (pág.21) que mostra que esta festa não é prerrogativa da região onde é mais famosa, o Nordeste, mas está no âmago e imaginário toda gente do Brasil. No

conto que dá nome ao livro ("Panela de ferro" – pág.115) ficamos com água na boca vendo (a obra é um quadro, já disse)o toucinho refogado em alho, aprendendo a receita para tirar baba de quiabo, legumes fresquinhos colhidos na horta da família, onde menino limpava a sementeira. Faço aqui um parêntese, pois neste conto a obra tornou-se espelho e me identifiquei deveras como o menino do conto pois na minha infância o que eu mais fazia era limpar a tiririca das sementeiras das lavouras que meu pai teimava em plantar. Eu também, muitas vezes, me apoiava em uma das mãos enquanto a outra, lentamente, retirava as pragas de pertos das mudas.

Vale destacar também o poema "Passarada" (Pá.45), escrito pelo autor aos 10 anos. A descoberta pela irmã lhe causou represálias por causa da rima inocente que vez com o pássaro Anu. Uma experiência narrativa inovadora e forte se vê em "Zepe" (pág.47).

Por fim, e não menos importante, o livro traz o conto "A lição" (pág.39), texto selecionado para integrar a coletânea "Contos para ler na escola" (Editora Record - 2007), onde o nome de Isaque Fonseca aparece ladeado de Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Rubem Braga, Cristóvão Tezza, entre outros. Tive a oportunidade de ouvir algumas falas de Isaque dizendo-se feliz por esta coletânea o colocar ao lado de tão grandes escritores. Depois de ler "Panela de ferro", posso dizer a ele, com a convicção que minha humilde experiência de leitor pode oferecer, isso não foi favor nenhum do organizador. Você é, sem dúvidas, um grande contista da literatura brasileira. Obrigado por mais esta obra cheia de poesia e vida.

J. M. do Lago Leal: fundador e ex-presidente do GREBAL



J.M. do Lago Leal

Lourildo Costa

Na década de 70 tive o privilégio de estudar com o escritor J. M. do Lago Leal – (seu pseudônimo literário) – cujo nome de batismo era Joaquim Mariano do Lago Leal.

Aos 25 de agosto de 1933 nasceu em Barra Mansa, onde estudamos Literatura e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Barra Mansa, (SOBEU). Leal foi empresário, mas tais atividades não o impediram a sua dedicação incansável à literatura.

Foi Colunista de vários jornais da Região do Sul Fluminense, durante muito tempo. Lembro-me que fomos colaboradores do Jornal "A Voz da Cidade", onde tínhamos nossas colunas semanais.

Foi autor das obras literárias: "Caravana", "Prisão Sem Grades", "Meu Mar Interior" e "As Pedras da Catedral".

Foi ganhador de mais de trinta prêmios em participações de concursos nacionais e internacionais. Distinguiu-se pela Medalha de Mérito Literário Olavo Bilac, recebida pelo GREBAL, no ano de 1998. Pela Câmara Municipal de Barra Mansa foi condecorado com a Medalha Barão de Ayuruoca.

Aqui em nossa Região foi Acadêmico da ABH – Academia Barra-mansense de História e membro fundador do GREBAL – Grêmio Barra-mansense de Letras, tendo sido seu presidente por cinco gestões, nos períodos 1976, 1977, 1982 e 2007 a 2012.

Na seção ***Textos literários***, o leitor encontrará publicado o poema "Pássaro Cativo", de autoria do saudoso J. M. do Lago Leal, premiado com Menção Honrosa no Concurso Internacional de Prosa e Verso da Cidade de Varginha, MG.

Trilogia autobiográfica de Asséde Paiva tem imenso valor literário.

José Huguenin

O escritor Asséde Paiva tem inúmeros trabalhos e a verve "contadora de história" é, para usar a expressão mineira, naturalidade do escritor, como cachaça boa: melhora com o tempo. Dono de uma escrita primorosa, em seu livro Brumas de História, ao melhor estilo de Euclides da Cunha, mostra na narrativa acadêmica sobre a história do povo cigano no Brasil um traço literário de altíssima qualidade. A história é uma ciência que o cativa, já tendo escrito sobre o presidente JK em livro que traz, também, um poema dedicado à Brasília do também grande escritor da região, José Fleming, amigo e companheiro de GREBAL de Paiva. Nos versos, aventurou-se de forma bem-sucedida no cordel "Rosa, a ciganinha" e em parceria com o saudoso escritor Ronaldo Gori, co-fundador da AVL, em "Máscaras".
O conto é um gênero que Asséde domina e reinventa. Em estilo todo próprio, gosta de humanizar personagens inanimados. Tal estilo conheci lendo o conto "Ludopédio", onde a paixão pelo futebol, característica de nosso povo, em personagens intergalácticos, míticos, enfim, entretém e ensina. Em seu conto "Portumática", vencedor do concurso Talentos da Maturidade 2012, elementos da língua portuguesa ganham vida. Já no conto "Epinome", figuras de linguagem da língua portuguesa são as personagens. Neste texto, a sonoridade dos nomes dos personagens/figuras de linguagem são um atrativo a mais. A variação do tamanho das letras para a figura onomatopeia é um recurso de som e imagem que sempre usa muito bem, como os "bruuuuunms" e "cabrummns" de Portumática. Mas, o que nos trouxe as estas linhas foi seu trabalho mais recente, a trilogia de contos contida em "O eterno retorno" (Edição do Autor - 2019).

O conto de abertura, "A pensão de Dona Assunta", conta a história de um jovem inquieto que se lança ao mundo em busca dos sonhos, do próprio sonho a ser sonhado, vale frisar, dadas as incertezas do jovem – "o que será de mim?", se pergunta a personagem que, com a cara e a coragem, depois de penar e não conseguir trabalho no Rio de Janeiro, desembarca na maior capital da América latina: São Paulo, a terra das oportunidades. Lá, com dinheiro curto e sem rumo certo, acha certa pensão, a de Dona Assunta, que como em "O cortiço", de Aluízio de Azevedo, a própria pensão é uma personagem marcante na trama. Era o que tinha para o momento. De certa forma, o texto é nostálgico, no melhor sentido, para leitores de minha geração, que, quando criança, sonhavam em ter uma Caloi. A foto da antiga fábrica e seu na parte interna da capa é um presente aos leitores. Pois foi na fábrica

desta bicicleta que o herói começa sua jornada. Idas e vindas, escolhas visando melhorias, perigos de vida, tropeços, o autor-personagem filosofa que "um tropicão serve para darmos dois passos". O texto tem um humor afiado usado em cenas que seriam (e foram, de certo, para ele) tristes, mas que o afastamento temporal permite, dado o desfecho da vida, abrir um sorriso ameno sobre os fatos que o levariam onde está hoje. Diante das desventuras inusitadas, toma o trem baiano em São Paulo para desembarcar na plataforma de sua vida.

O segundo conto, "Acerto de contas", narra sua chegada e trajetória em Volta Redonda. O texto é direto e de ritmo intenso, típico da escrita assedeana. Nesse ponto, parte importante da história, sempre ela, de nossa cidade ganha o protagonismo da narrativa. Mas lembremos que se trata de uma obra literária, que história e estória (quando existia tal palavra) se misturam de forma que a literatura fantástica, que o autor faz muito bem, toma de assalto a narrativa realista (e real) para fazer chegar certo fantasma, certo encontro com o passado e, definitivamente, acertar as contas, abrindo as portas do paraíso, ou do juízo, que se dá no terceiro conto "Renascimento", onde o realismo fantástico toma as rédeas de vez e a tomada de consciência da morte pela personagem nos lembra do reconfortante ensinamento bíblico que "Todo aquele que evocar o nome do Senhor será salvo (Rm 10:13)".

O volume traz ainda as traduções dos contos para o inglês, o que, certamente, possibilitará leitores de outras línguas a conhecerem a narrativa afiada deste juiz-forano-volta-redondense. O conto "A pensão de Dona Assunta" tem tradução primorosa do professor Willian Lagos. Os três contos deixam no leitor uma imagem de lutas e vitórias, tropeços, erros e acertos, ou seja, deixam uma lição de vida. Quem aventurar-se por esta leitura terminará, de certo, em paz, reconciliado consigo mesmo.

Textos Literários

Verso

Porque[1] ...

Luisa Pettersen Marconi

... a fome de escrever
Na busca de aprender o que não sei?
Só posso fazer isso
as páginas escritas,
sem ter a quem a falar,
a tomar cuidado no que penso
Ou tentar expressar.

Na ênfase de quem sou
Ou quero ser,
Estar preparada para enfrentar o inesperado,
sem ser destruída.
Escrever é ter ilusão de controle.[2]
Silenciar sobre um abismo de discórdia
está além de mim.
Superar o desconforto
de ir em frente
no acalentar de um sonho
através da linguagem

Pura e simples,
chegar a universo
da realidade em que vivemos,
em um mundo que tudo
já está decido exatamente ao contrário.

[1] Poema do livro "Tempo de uma vida" (2015 – Editora Nova Gráfica)
[2] Grifos do Editor

O mais atordoante
é que estamos prisioneiros
de uma violenta realidade,
onde a maldade agride
os bons condenados
nas grades do silêncio.

Por que não temos a escolha
de nos lançarmos
além de nós mesmos?
Por que não capturar
os vestígios da sabedoria da vida,
não apenas vivenciar
e logo se perder,
condição dolorosa
de nos sentirmos
completamente perdidos?

Pássaro Cativo

J.M do Lago Leal

Por que cantas, ó pássaro engaiolado,
Ao invés de chorar?
Será o seu canto um choro simulado
Ou serei eu que não sei mais cantar?

Por que cantas, ó pássaro cativo,
Ó filho da amplidão?
Não tens acaso a dor de uma saudade
A ferir-te o coração?

Roubaram teu lar – a natureza –
Roubaram teu céu – a vastidão –
Roubaram-te a natureza beleza.
Reduziram teu espaço
Ao espaço escasso,
Das grades de aço
De uma prisão.

Cercearam de tuas asas o ruflar,
Roubaram-te a companheira
E o amor que tinhas para dar.
Roubaram-te a liberdade
E a alegria de voar.

Quem te encarcerou?
Foi a inveja?
Foi a maldade?
Ou foi a genuidade,
Que apenas queria
Roubar também tua alegria?

Pobre pássaro do azul sem liberdade;
Por que cantas ao invés de chorar?
Será o teu canto o choro da saudade
Ou serei eu que não mais sei cantar?

Café

Saulo Soares Monteiro de Carvalho

Quando isso acabar
Quero tomar um café com você.
Espresso, espesso, sem pressa, sem preço.
Um café com você.

No redemoinho da espuma,
Dizer que a vida se esfuma *senza te*.
Na branca fumaça -
Que sai da minha taça e incensa minha tez -
Dizer que a vida é sem graça *senza te*,
Insensatez.

No aroma das horas dos grãos que torramos, moemos,
Dizer: Vivamos, agora, amemos!
Pois, tudo passa, num passe de mágica,
Da trágica peça da álgica via
À bela moldura que envolve sua face,
Apenas e sempre,
No dia que durasse o tempo do tempo
De eu tomar um café com você.

Poema sem rima

Claudia Lundgren

Vindo de mim, é incomum poetizar sem rimar
O emaranhado de palavras que não se casam
Se identificam com o momento em que vivo
Turbilhão de emoções em minh'alma

Sou solitária anciã
Trancada entre quatro paredes
Privada de ver meus filhos, netos
Qualquer outra pessoa, cachorros ou gatos

Olho pela fresta do muro a rua
Converso com a estática Mona Lisa
Desabafo com aquela foto antiga dos meus pais
Vou reclamar da vida com quem?

Engessada, algemada, quantos nós na garganta...
Tento me distrair, ligo o rádio, a televisão
E ainda mais me angustio
Meus gastos e rígidos joelhos já não conseguem se dobrar em oração

Me derramo em meus versos desconexos
Me transbordo sem métrica
Me desnudo em palavras escritas
Já que minha voz aguda ninguém é capaz de ouvir

Na minha face já não tem espaço para novas rugas
Os cabelos totalmente prateados
Não sou capaz de exteriorizar o que sinto
O meu ser inflado de tantas palavras não ditas e sentimentos que não exprimo

Quando eu puder novamente abraçar meu filho
Com certeza irei chorar de alegria
Dar aquele grito contido, falar descontroladamente
E também estarei desejosa, sedenta para ouvi-lo

Sou anciã, eremítica, isolada
Prolixa, uso a caneta para suprir minha solidão
Dependo de alguém para comprar meu pão
Junto as mãos, na esperança de que tudo irá passar.

Poema da linha de frente

Márcio Castilho

De máscara encaro o meu dilema,
Esta ansiosa urgência por ar,
Se outrora me tardava a ver a hora,
Voltarei para o agora estes versos a criar.

Pois que a rotina de antes do vírus
O risco de ir às ruas, de súbito, a levou;
Eis que o bombeiro na escada Magirus
Toca o trompete para quem se isolou.

De máscara encaro o meu dilema:
Sobreponho versos já escritos sobre estes?
Urgentemente necessito de ar no poema,
Não deste ar causticante que se irrompe entre a gente.

Dê-me, Deus, proteção neste dia
Para, aos amigos, um conselho deixar:
Planeja o beijo após a invernia
Que este tempo, de certo, há de passar.

Sigo então com vestes alvas
Para salvar o mundo lá fora,
Pois que é preciso mais do que salva de palmas
Para combater esse monstro que a vida apavora.

Vou-me sem saber se farei um poema
Para este dia gris de quarentena,
A única certeza que persiste, teima,
Precisa, de fato, valer a pena.

A certeza que tenho é do ofício que me chama
Para, na linha de frente, somar-me a engrenagem,
Em prol da cura para a raça humana
Nesta intensiva vida de enfermagem.

Cansaço

Marcello Henrique Marques Passos

Cansaço,
Fadiga os músculos,
Corrói o ânimo,
Destrói os planos.

Na cidade do aço,
Queria eu, suportar o cansaço.

O arrasto dos passos
Aponta a fraqueza,
Demonstra a moleza,
Parece lerdeza.

Na cidade do aço,
Queria eu, suportar o cansaço.

O corpo padece,
A mente enfraquece,
Você amolece,
O cansaço aparece.

Na cidade do aço,
Queria eu, suportar o cansaço.

Na selva de concreto,
Já é quase certo,
Só sobrevive quem é de aço,
Quem não sente o cansaço.

Prosa

Acordei

Elyane Lacerdda

Acordei...

Posição fetal...

O corpo todo enroscado, meio embrião...

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança de que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

Tive medo de chegar à janela, e não avancei.

Tive medo dos carros, dos ônibus, dos monstros...da poeira...do asfalto!

Eu tive medo e voltei... Voltei para mim.

Lá fora tudo é muito escuro, me apavora! Lá fora mora o mundo, eu o temo, como temo a morte! Curvei-me como uma velha! Cansada de existir, de ver os carros...Os ônibus...Os monstros... A poeira... O asfalto!

Fiquei angustiada, tive vontade de vomitar a Terra...Os pequeninos homens.

Voltei para o quarto, acendi a luz, e então me senti protegida dos carros...Dos ônibus...Dos monstros...Da vida...Da Morte!...

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

O dia foi passando rapidamente, não percebia, apenas tinha a certeza de que não conseguiria vencer a apatia perante a sensação estranha que me invadia e a realidade que reinava no mundo. Era muito triste olhar pela janela da sala e não acreditar que o mundo havia parado literalmente, o Sol brilhava, mas faltavam as pessoas, as vozes pelas ruas, os vendedores ambulantes, não havia escolha, apenas calar... mas não nasci assim e questiono tudo o que me rodeia e observo, não consigo olhar sem procurar ver além...escrever me fascina por esse

motivo, através das palavras posso me posicionar e levar às pessoas algumas questões, que muitas vezes passam despercebidas.

A necessidade de reinventar-se é clara e não podemos parar de raciocinar nunca, somos movidos pela razão, apesar da emoção nos conduzir em alguns momentos e até nos provocar atitudes meio insanas *rsrsrsrs* porque quando agimos com o coração, nem sempre fazemos o "melhor", mas somos impulsionados a tomarmos atitudes repentinas e até podemos nos arrepender num futuro breve.

Ando pelo apartamento procurando um espaço, mas não consigo definir onde escrever, ler, dançar, ouvir música, assistir a um bom filme ou apenas pensar...lembro dos meus amigos e os procuro todos os dias pelas redes sociais porque quero me certificar de que estejam bem... com saúde e longe dessa "Pandemia!"

O isolamento nos separa, mas não nos afasta porque somos movidos pelas nossas lembranças e os verdadeiros companheiros estarão sempre conosco, até mesmo nessa guerra biológica que se instalou no Planeta Terra!

Não sei viver sem abraçar, beijar e dar gargalhadas ... sempre fui comunicativa ao extremo e gosto muito de ouvir as pessoas, sinto prazer em poder dar uma opinião e tentar amenizar dores alheias.

O ser humano é totalmente dependente da comunicação entre si, não há como sobreviver sem família, amigos, colegas, internet, estamos todos na mesma embarcação que nos levará a um futuro desconhecido, mas que acreditamos ser "melhor!" Que essa experiência com a solidão nos leve a entender que "nada somos" sozinhos, e que tudo podemos, quando nos unimos!

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança de que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

A noite chegou... uma lua gigantesca, estrelas brilhando no infinito e o coração acelerado... toc...toc...toc...

Acordei...

Numa posição fetal, o corpo todo enroscado,

Meio embrião...

Disgramado

Eduardo da Silva Pereira

Pulou da Cama. No sobressalto, quase despertou Dona Jovita. Um dia antes havia visitado o Acampamento Central. Voltara com ideias. Madrugada ainda. Nem tomou uma caneca de nada. Pegou um chapéu panamá e um sobretudo vermelho. Percorreu as vielas do Terreno da Light.

– Cunhado! Cunhado! Tá na hora de buscar o Camarada!

Uma luz desmaiada se acendeu do outro lado da porta. Após calçar suas botas, vestir seu paletó verde e suas calças pretas de domingo, outro apareceu do lado de fora do barracão. E partiram.

Pouco conversaram. Se tudo corresse conforme o plano, regressariam antes da hora do almoço. Não haveriam de encontrar nenhuma "coruja-buraqueira" que lhes mudasse a sorte. Não, senhor! Isso não. Caraminholavam algumas hipóteses de escapatória, para o caso de algum inesperado. Melhor escapar fedido do que morrer cheiroso.

Chegaram ilesos ao destino. Ficou a cargo de Cunhado paramentar o Camarada. Colocou o chapéu no quengo do sujeito, encobrindo a cara. Em seguida, tratou de fazê-lo vestir o capote.

Agora podiam retornar à base. Sem demora. Manteriam a calma que já lhes era característica inata.

Ganharam a estrada. No meio ia o Camarada, sendo amparado por Cunhado à esquerda e Onofre à direita. Passos lentos. Nada de hesitação para garantir o sucesso do planejado. Onofre repetia uma expressão que aprendera com Tia Augusta: "Carpir o dia". Cunhado concordava com um aceno de cabeça.

– É certo, Onofre! Farta pouco!

Quase lhes era possível o avistamento da birosca de Seu Quinzim. Não estavam tão longe. Um arrepio frio subia pelas espinhas dos dois. E seguiam em silêncio, a passos firmes e lentos. Tão lentos quanto os da procissão que vinha sentido oposto. O sol resplandecia na imagem do Cordeiro. Cada vez mais perto.

– Falta de respeito! Nem tira o chapéu pra saudar o Santo! Sacrário do Nordeste!

Os dois companheiros ficaram quietos, mas Camarada começou a esbravejar:

– Bebé...Bebé!!!

– Mas que beber que nada, disgramado!! Já bebeu demais, rapaz! Sua mulher tá te esperando pra almoçar!

De fato, muita gente esperava por eles. Quando chegaram ao terreno já era mesmo hora do almoço. As mulheres e as crianças estavam preocupadas. Seu Natal cachimbava em desespero. Os mais velhos franziam o cenho. As comadres batiam na testa em sinal de vergonha. Ainda assim, ajudaram a acender o fogo. Todos comeram a carne do bode. Nada mais se comentou a respeito.

Ela foi feita pra arder, essa dor

André Carneiro Ramos

És nuvem, és oceano, és olvido.
E és também o que terás perdido.
Jorge Luis Borges

A paisagem ao redor era turva, carros passando, engravatados vestidos a caráter inclusive. Aquele barulho me azucrinava. Tive ímpetos de não ser. Quis gritar, correr pra cima dos carros, lançar-me de frente no redemoinho do vento, que cortava aquele centro do Rio. Minha vida por um triz. Aquele som vinha de dentro e me calava. Paciência, a virtude que não tenho. Continuei assim a vida toda, dissimulando, curvatura da coluna já torta, exposta em frangalhos. Coração. Nervos vencidos em batalhas que nem sequer travei. Não tive direito nenhum sobre sua vida. Um pleno vassalo em reino seu. Meu sol, já sem brilho, ardia frenético. Nas bancas de jornal do Largo de São Francisco as notícias de sempre, revistas enfileiradas, velhos corpos retratados clamando atenção. Ao entorno, nos passantes, rostos embevecidos repletos da costumeira penugem. Não a tenho. Nem quero ter. O cigarro? Acorrentado em meus dedos. Um toco de néctar a me queimar, minhas garras destruídas, um dia foram mãos? Este vício ressurge, calejado. Necessitava de outro cigarro, mais um, muitos, muitos outros. O estrago já era solene. Meu sobrenome. Roupas velhas, rotas, em desalinho. Um sorriso de já nem sei desfigurava meu rosto. Há séculos que não passava por aqui. Os vitrais da catedral me ofuscando, amargor nos ossos e na carne, o mundo é subterrâneo. Vivi muito menos que você nossos momentos de eternidade amorosa. Nesse pretérito finquei raízes, não tive como escapar tão facilmente. No que penso agora? Desvãos que se abrem sob meus pés. Engulo um cachorro encardido cada vez que esbarro contigo em meus sonhos. Quero fugir. Cabeça. Mas tudo aconteceu tão rápido, fósforo riscado em sola de sapato, ondas que me levam para longe, na distância de um esquecimento. A juventude em linha reta, um eu-caminhante, trilhando rumos sem cessar, não saindo ordinariamente dos trilhos. Fui um bom moço, bem que sei. Fui. Chegando aos trinta em doses cavalares de calendários, a vida se impondo. A cada madrugada uma aventura. E a manhã fresca chegando, com mais segredos e a continuidade do martírio. Expectativas que rompem, rugas brotando, dentes que não tenho todos, escalavrados, pedaços de mim que deposito no fundo de uma mágoa para, impunemente, lhe ofertar. Aceno a todos com tristezas e ofensas. O rosto lívido de uma criança perambula ainda claro, em meus pensamentos. Podia jurar que ontem a vi ao meu lado. Tempestades lambendo meus olhos,

que se recusam a fechar. Mas eu os lacro. Quero é ouvir! Só então vejo sua aura, dia ameno escorrendo-lhe em sorrisos. Pombos ao redor beliscam o alimento que me sobra. Migalhas minhas? Eu-mesmo, minhas sobras. Dou de comer aos pombos da praça, numa superfície de não sei donde. Tudo muito, muito iluminado, água escorrendo nas pedras, molhando minha fronte com luares. Ela foi feita pra arder, essa dor. Agora, estou em frente à sua porta. Porém, mais conjecturas: calçada, passantes, pernas que se revezam velozes, incompletas, ritmos cadenciados. Sentado num meio-fio da República do Chile enxergo uma nesguinha de nuvem, branquíssima, como que a me engolir. E por baixo, em outro plano, os arvoredos. Lutam bravamente, bem mais fortes que este nada, mantendo o que restou dos frutos e de uma camada de sonho. Todavia, ambos caem. A realidade os colheu. E este meu vento é frio, no corpo inteiro agora. Não há nuvens, flertes oníricos, só mais um cigarro agora. Meus olhos ardem e as coisas circulam. Passado remoto de luz apagada, destino vertendo-se em jogatinas, num eu-perdedor. Não consigo mais, nunca posso lançar estes dados, presos que estão à mão direita que sangra e escorre medo. Um som de sirene, estridente, ao longo do largo. Ouço vozes gritando. Meu nome? Lampejos, fagulhas de um ferro incessante que desmancha no ar, ao longe. Sussurros de vozes agora, não mais um simples barulho penetrando as entranhas. Nervos. A voz é uma só. Sua. Ela me retém. De repente o cigarro! Calmaria nas mãos, no peito que arfa. Necessito acendê-lo urgentemente, a fumaça me entorpece, alguma coisa se esvai nessa falta de nada talvez. Arrombar a porta do quarto? Seria tão simples. E no escuro da Lapa, as janelas se abrindo me convidariam para o ar puro de uma noite eternal. Lágrimas crudelíssimas! Estou prestes a entregar-me, bem sei, e a luz é cálida, divina e etc. Descortino-me suave agora. Estômago. E o primeiro esboço que vislumbro é o meu, perfil gasto nas ranhuras desta cidade. E este corpo flutuante é o meu! Olhos fechados, à deriva, Fausto negro, pleno espelho (outrora sala de visitas). A penumbra de agora resvala mistérios que fazem parte desse drama. E eu não os procuro. Sua imagem existiu num verão. Criticando meus cabelos, meu sorriso. Existiu. Meus olhos se abrem agora. Orvalho caindo sobre um corpo pesado, ainda meu. Não mais a realidade. E esse vislumbre? Nuvem gigantesca, que me cobre. Silenciosa que só.

O pão nosso de cada dia

Luís Paulo Gussem

O dia amanheceu lindo! O sol, antes de despontar no horizonte, já dava um prenúncio de que seria um dia perfeito de verão. O céu, completamente limpo, exibia um tom *dégradé*. Variava de um azul profundo, remanescente do céu noturno, e passava para um azul que clareava conforme chegava à cor escarlate, já influenciada pelo brilho intenso e puro do Sol. Como de costume, Ana havia acordado às 4h30m da manhã. Comeu um pedaço de angu que sobrara da noite anterior. Lavou o rosto, escovou os dentes com uma velha escova sem pasta, meio que penteou os lindos cabelos louros e se preparou para descer. Antes, porém, ajustou o rosto para olhar sua aparência num caco de espelho que ficava pendurado na torneira do tanque. Realmente gostava do que via. O cabelo louro descia em cachos iluminados até a altura dos ombros. Os olhos, de um azul turquesa, pareciam duas contas de luz a brilhar. Dizia sua mãe, que eram herança de sua avó materna. Esta, imigrante italiana, que veio do norte da Itália, região do Piemonte, contava a mãe com orgulho.

De feições muito finas, porte esguio, aos 15 anos de idade, Ana já mostrava, do alto de seu 1,77m, que o corpo, ainda em formação, seria uma obra dos deuses.

O celular já marcava 5h15m quando Ana ouviu a mãe falar, ainda na cama:

— Filha, comeu o angu e bebeu o leite que deixei?

— Comi o angu, mãe. Pode dar o leite para o Artur, não estou com vontade, respondeu Ana.

— Olha, continuou a mãe, não perca a hora de voltar. Começo hoje em um cliente novo. Não sei o tempo que vou levar até lá. Preciso sair daqui às nove horas.

Ana foi até a cama, beijou carinhosamente a mãe, que agora já estava sentada, e começou a descer o morro em direção ao asfalto.

Do alto do morro onde morava, Ana tinha uma vista privilegiada da Baía de Guanabara. Aquele céu de início de manhã, a brisa fresca que trazia o cheiro de maresia e as águas esmeraldas, em aparente calma, levavam a ela um sentimento de alegria indescritível. A vontade que Ana tinha era de alçar voo dali mesmo e, por pura magia, pairar como as gaivotas acima de todo aquele mundo. Mundo este que ela só conhecia pela televisão e pelo pouco que sua mãe contava.

Nas mãos Ana levava uma caixinha com *drops*, Caramelo de Leite, da Nestlé. Passaria o início da manhã na Estação da Central do Brasil oferecendo-os aos transeuntes. Era uma forma de ajudar nas despesas de casa. Era manhã de sábado, o movimento prometia ser grande. Gente indo para o trabalho e muitos outros, que ainda não trabalhavam, a maioria

com a idade dela, formando grandes grupos, bagunceiros e barulhentos, a caminho das praias da Zona Sul.

Ooops... Um leve escorregão, numa parte da descida sem calçamento, a trouxe de volta à realidade. Estava chegando ao pé do morro e a boca de fumo ainda tinha intenso movimento.

A boca funcionava no bar do Gordo. Lugar sujo, escuro, com pintura descorada e paredes marcadas por cicatrizes de tiros, brigas em que voavam cadeiras, mesas e garrafas. O Gordo, por si só, já era uma figura asquerosa. Vivia sujo, barba por fazer, um resto de cabelo grudado ao couro cabeludo, puro sebo. Trajava sempre chinelos, uma mesma e surrada bermuda azul e qualquer que fosse a camisa, aberta até a altura do umbigo, deixando à mostra uma pança volumosa, cabeluda e suada.

O bar do Gordo era o ponto de Peteleco. Se o sábado de Ana já começara, a sexta-feira de Peteleco estava longe de acabar.

Peteleco era um jovem adulto com seus trinta anos, gerente da boca de fumo. Mulato claro, feições muito bem feitas, tinha 90kg, muito bem distribuídos em 1,80m de puro músculo. De fala mansa, modos educados, sempre disposto a ajudar as pessoas mais idosas que subiam o morro com sacolas de compras. Mandava logo um de seus *soldados* acompanhá-las carregando as bolsas. Peteleco, porém, era destemido e cruel no seu trabalho. Não perdoava erros nem aceitava desrespeito. Sua boca de fumo era, por assim dizer, a mais organizada e movimentada do morro. Quando alguém se desentendia próximo a seu *ponto*, bastava um ou dois gritos para o salseiro logo se desfazer:

— Ei... Ei... mas o que é que vocês estão querendo fazer aqui na minha área?! Posso saber? Posso participar? Vamos seguindo!!! Vamos tocando o barco daqui... Isso é lugar de respeito, porra!!!

Essa bronca e a decidida caminhada em direção à pendenga funcionavam como a própria visão da morte. Cada um tratava de abaixar a cabeça e meter o pé dali. Peteleco foi criado no morro, conhecia todos os esconderijos, todas as ruelas e becos. Desde cedo, por volta dos dez anos, foi convocado pelo tráfico como fogueteiro. Tinha trabalhado com vários chefões do tráfico. Morria um, entrava outro, e ele sempre atendia a todos com fidelidade. Não questionava ordens, ele as cumpria.

O chefão do momento era o Careca, mas ultimamente Peteleco andava pisando na bola.

— Mermão, disse Careca na tardinha de sexta-feira, vou levar um papo reto contigo. É só dar sexta-feira e véspera de feriado, que sua conta não fecha. Cacete!!! Tá cheirando muito, porra!!! Vê se hoje trabalha na *responsa* e me paga o que deve.

Peteleco sabia que Careca falava sério, não podia vacilar. Peteleco, que sempre fora exemplo, corria o risco de virar lição.

— Tá tudo no controle, chefia, vai entrar uma grana extra e a gente acerta tudo amanhã, garantiu Peteleco.

Mas a grana extra dependia de ele ir até a avenida que ficava a três quarteirões da entrada do morro, para dar um ganho em algum bacana que desse mole. O momento seria quando o sinal fechasse. Sempre que o cinto apertava, ele usava com sucesso desse recurso. Recurso de que Careca tinha conhecimento e que, por algumas vezes, dizia que não queria. Isso chamava a atenção para o local. Espantava a freguesia. Levava polícia à entrada do morro, era um rebu danado.

— Atrapalha o movimento, resumia Careca, para encurtar a conversa.

Agora, diante das falhas de Peteleco e de sua teimosia em lançar mão de tal expediente, Careca sabia que estava diante de um problema mais sério.

Para agravar tudo, a experiência mostrava que Peteleco chegara a um ponto do vício do qual não havia retorno. Pelo menos não ali, naquela realidade, fazendo parte daquele mundo. A tendência seriam as coisas piorarem. Peteleco teria que ser eliminado! As manhãs eram um martírio para Peteleco. Aquela vida havia causado nele verdadeiro pavor da luz do dia. Sentia-se vulnerável, desprotegido, em evidência. A noite, ao contrário, era sua cúmplice, protetora natural da vida marginal que levava. Conforme o movimento de pessoas descendo o morro aumentava com o início da manhã e os carros nas ruas próximas faziam barulho, e tentando achar espaço no trânsito conturbado, mais inquieto e agitado ele ficava.

Aquela manhã era ainda pior. Teria que descer até a avenida para fazer o serviço extra e, na ânsia de diminuir a inquietação, bebera um conhaque e cheirara mais um papelote de cocaína.

Um alívio na alma ele sentia quando a menina Ana passava. Ela tinha a capacidade de lembrá-lo de que existia outro tipo de vida que não aquela que ele levava. Peteleco sentia a pureza da menina, uma flor em meio a toda aquela sujeira. Ele nutria por ela um carinho especial, paternal, protetor.

— Oi, Peteleco, bom dia! — dizia sempre a menina, quando passava pelo ponto.

— Bom dia, menina Ana! Bom trabalho e boas vendas.

Ao que ela sempre correspondia com um sorriso acanhado que tinha a capacidade de transportá-lo a um local de profunda paz.

Às vezes, algum freguês do ponto tinha a intenção de se aproximar de Ana. Os olhos de águia de Peteleco, no entanto, enxergavam além dos atos. Ele sentia a intenção do arrojado e cortava antes do primeiro gesto.

—Epa! Epa! — gritava logo. — Pode ir parando por aí mesmo. Num chega nem perto da menina, que num é pro teu bico não, abusado. Perdeu o juízo, seu cheio de pulga?!

Isso, aliado à conhecida disposição que tinha, sempre bastava.

Logo que Ana virou a esquina da rua de baixo, o mundo cinza e sombrio em que vivia mergulhado voltou a existir. Tinha que resolver logo aquela parada, a hora de acertar o movimento de sexta-feira com Careca se aproximava. A coisa era séria, trabalho era trabalho,

e Peteleco sabia que estava pisando na bola. O serviço no sinal de trânsito tinha que ser feito. Às nove horas o caixa da boca seria fechado, não podia adiar isso.

Num bairro da Zona Sul, o médico cirurgião Carlos Eduardo acaba de beber, em pé, já com sua maleta de trabalho na mão, um último gole apressado de café, sob os indignados protestos da esposa:

— Mais uma vez vou ter que ir sozinha a um evento social! Para você, Carlos Eduardo, só existe mesmo o trabalho. Nada, nada mais importa. Mamãe bem que me avisou: "Minha filha, casar com médico é não ter hora para nada. Quando todas as malas estiverem no carro, para aquele passeio marcado há seis meses, toca o telefone, e pronto! O tão programado passeio acaba ali mesmo, na garagem do prédio.

— Querida, respondeu ele com a maior calma e esboçando no rosto um sorriso de sincera compreensão, eu entendo que isso te aborreça, mas estão realmente precisando de mim. Sou cirurgião chefe e não posso faltar neste momento.

E continuou:

— Não se esqueça que recebo por isso e, neste momento, dinheiro extra ainda nos faz falta. Vamos ter um pouco mais de paciência, que daqui a pouco tudo vai se arranjar.

Dito isso, viu que o semblante de Kátia voltara ao normal. "Como é linda minha mulher!", pensou consigo mesmo.

De fato, Kátia era aquele tipo de mulher que, quando chegava a algum lugar, ninguém deixava de notar. De uma beleza exótica, lindos cabelos negros que mais pareciam asas de graúna. Seus olhos negros estavam sempre observando tudo que se passava à sua volta. Um corpo escultural, completando uma classe que intimidava qualquer olhar mal intencionado.

Carlos Eduardo deu-lhe um rápido beijo e saiu para mais uma emergência de trabalho. O rádio ligado dava uma preliminar de que não encontraria nenhuma desagradável surpresa no trânsito. Poderia, dessa forma, seguir pelo caminho preferido, o das praias. Carlos Eduardo adorava ir para o trabalho aos sábados. A cidade se transformava, era como se ela soubesse o que estava acontecendo. O cinza e azul marinho dos ternos ficavam pendurados. Com isso, ruas, praças, parques, tudo, enfim, ganhava cores, se iluminava e emanava alegria.

As praias, no caminho, já apresentavam grande movimento. Pessoas correndo pela orla, bermudas, *shorts*, saiotes e camisas coloridas em corpos dourados pelo sol. Muitos de bicicleta, outros de patinete ou patins. Vendedores abastecendo seus carrinhos e barracas. Pais e mães carregados de apetrechos, faltando-lhes braços e mãos para conterem a pressa dos filhos, que, em desabalada corrida, tentavam ganhar o mais rápido a areia e o mar. Tudo enfim era pura ebulição.

Conforme, porém, se aproximava do hospital, Carlos Eduardo ficava mais pensativo, mudava seu foco para o trabalho. Os desafios que enfrentava diariamente eram imensos.

Variavam da falta de aparelhos médicos adequados, remédios ou mesmo o material mais elementar de desinfecção hospitalar.

— Quase lá, disse para si mesmo. — O que será que nos aguarda hoje?

****

A avenida estava movimentada. Ônibus passavam lotados de banhistas. Batucada na lataria dos coletivos e cabeças perigosamente para o lado de fora das janelas. Uma vez tendo tomado a decisão de eliminar Peteleco, Careca não perdeu tempo. Entrou em contato com o chefe de outro morro que fazia parte da mesma facção sua. Seria importante que Peteleco não conhecesse quem faria o serviço. A conversa foi rápida.

— Bom dia, falou Careca. Tudo na paz, meu *brother*?

— Tudo certo, respondeu a voz do outro lado da linha.

— Cara, estou precisando me livrar de um problema aqui na minha área, disse Careca.

— Precisa de quê? — respondeu a voz.

—Aquele garoto, Caroço... me manda ele.

— Já é... Daqui a pouco está chegando.

— Valeu, *brother*.

Caroço chegou e estrategicamente se posicionou onde Careca havia orientado. Foi fácil distinguir Peteleco no meio do povo, seu ganha-pão era esse.

Próximo à Estação Ferroviária há um sinal de trânsito, logo ao lado da escadaria que dá acesso à Plataforma. Aconteceu tudo muito rápido. O carro de Carlos Eduardo era o terceiro da fila que, devido ao fechamento do sinal, se formara. Para o médico, alguém a pé que passava apressadamente diante do seu carro, tropeçara e caíra. Ana, retornando para casa, havia descido o primeiro lance da escadaria da passarela. Não acreditou no que viu, bem abaixo, pelo meio da rua à sua frente. Peteleco andava de forma rápida e decidida em direção a um ponto qualquer entre os carros parados no sinal. Ela sabia que alguma coisa séria estava para acontecer. Seu coração disparou quando viu que na mão direita, que mantinha para baixo, bem colada ao corpo, Peteleco empunhava uma pistola prateada.

Ouviu-se, então, um estampido. Peteleco restava imóvel numa crescente poça de sangue entre dois corredores de carros. Imediatamente Carlos Eduardo abriu a porta para prestar o socorro possível. Ainda não havia atinado para o que, de fato, acontecera. Bastou um breve olhar para entender, exclamando:

— Está morto! Chamem a polícia, parece que o tiro atingiu o pulmão e o coração!

Ana seguiu para casa aos prantos. Carlos Eduardo, para o hospital. Caroço realizara mais um serviço: Peteleco nunca mais estaria gerenciando a boca.

Trabalhos Acadêmicos

A presença do léxico da informática no cancioneiro brasileiro[3]

Márcia Antônia Guedes Molina (UFMA)[4]
Ana Caroline Luzo de Sá (UFMA)
Ana Mércia Araújo Cruz (UFMA)

RESUMO:

Os inúmeros avanços tecnológicos, iniciados, sobretudo, em meados da década de 40, do século passado – com a criação das primeiras calculadoras programáveis (LÉVY, 1999) e a crescente evolução desses equipamentos, somados à ebulição da contracultura (década de 70 do mesmo século), ocasionaram uma intensa inserção do mundo da informática em nosso cotidiano. Assim, palavras outrora restritas a esse mundo hoje inserem-se em conversas corriqueiras. Por esse motivo é que se propôs este trabalho, de caráter interdisciplinar, para avaliar a presença do léxico da informática no cancioneiro brasileiro. O aparato teórico que norteou as análises foi o da Linguística Textual, estudando o estabelecimento da coerência, em especial da intertextualidade, como fator de textualidade. Constitui o corpus desse trabalho, as seguintes letras de canções: Admirável chip novo, Pela internet, Tecnopapiro, Mamãe no Face. Ao final do trabalho, observou-se que, de fato, a inserção desse léxico está ocorrendo e, a cada dia, mais e permeando o nosso cotidiano.

Palavras-chave: Linguística Textual – Intertextualidade – Informática – Cancioneiro brasileiro

1. Introdução

Sabe-se que hoje um bom leitor é aquele que não só decodifica sinais(letras) como aquele que percebe as relações implícitas e explícitas no texto, dentre as quais se destaca a intertextualidade. Reconhecer intertextos favorece-lhe uma leitura verticalizada em que os já ditos emergem à superfície e, dessa forma, possibilita-lhe uma melhor leitura do texto.
Dada a importância disso é que este trabalho debruça-se sobre intertextos contidos em letras de músicas do cancioneiro brasileiro, como elemento de coerência, privilegiando-se

[3] Citar como: M.A. Guedes Molina, A.C. Luso de Sá, A.M. Araújo Cruz, "A presença do léxico da informática no cancioneiro brasileiro", Revista Arigó, 1, 43-67 (2020)
[4] Autora correspondente: maguemol@yahoo.com.br

aquelas que fazem menção ao léxico advindo da informática, sem contudo pontuar os pertencentes a outros mundos, exatamente por isso, tem este trabalho vocação interdisciplinar, compreendendo a interdisciplinaridade, como Fazenda (2002), que a entende como atitude, uma maneira de ser e fazer relacionada a uma nova maneira de enxergar e lidar com o conhecimento, uma interação; a integração, a solidariedade entre as disciplinas.

Para a realização da pesquisa, fez-se, primeiramente, uma pesquisa e catalogação das músicas brasileiras que contivessem, em suas letras, palavras da informática e tivessem se utilizado de jogo de sentidos para veicular sua mensagem. Lévy (1999) discute essas interações entre arte-informatização e aponta que, a posteriori das vanguardas do século XX, os limites da obra ou de seu contexto são colocados de maneira diferente e com impetuosidade característica, pela ciberarte.

O método adotado para seleção dos dados foi o de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), seguindo os passos descritos abaixo:

a) Fase de análise de conteúdo: momento em que foi lido o material para determinar de forma geral e sucinta os componentes básicos de cada uma das letras de músicas;

b) Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes: momento em que se começou a relacionar do material o que era relevante.

c) Processo de categorização: fase em que foram elencados os intertextos e analisados de acordo com o contexto, sublinhando os advindos do mundo da informática.

Já as análises deram-se de forma descritiva-analítica.

Os principais autores que embasaram as discussões foram: Koch & Elias (2012), Fávero (2003), Lévy (1999), Travaglia (2002) e Marcuschi (1983).

2. Texto e textualidade

Texto pode ser entendido como uma união de palavras e frases organizadas de forma que transmita uma informação e cujo sentido possa ser estabelecido pelo interlocutor. Para Fávero (2003, p. 7), "O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Assim, pode até configurar-se como uma pequena frase, mas, ao transmitir uma mensagem aceita pelo interlocutor, será considerada texto.

Afirma Marcuschi:

> *...o texto deve ser visto como uma sequência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma sequência de frases de algum modo coesas. Com isto, entram, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos*

> *institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de senti dos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas.* (MARCUSCHI, 1983, p.22)

De acordo com Fávero (2003), o texto pode ser verbal, não-verbal, ou ambos, e o que faz com que seja percebido como tal é sua textualidade, estabelecida por meio da interação entre os interlocutores. Para Koch & Elias (2012, p. 37): "o texto é um exemplo de que o autor pressupõe a participação do leitor na construção do sentido, considerando a (re) orientação que lhe é dada".

Assim, a concepção da textualidade depende de outros elementos texto: o contexto em que os envolvidos desenvolvem a interação, a progressão da comunicação e outros dois importantes fatos da textualidade são a coesão e a coerência que serão tratados na sequência.

2.1 Coesão

A coesão envolve mecanismos que colaboram na e para a conexão de palavras, favorecendo melhor harmonia no texto. Para Koch (2007, p.18) "...o uso de elementos coesivos dá ou texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.".

De acordo com Koch (2007, p.88) a coesão "é uma relação linear entre as sentenças, não sendo nem necessária nem suficiente para a coerência já que pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá ao nível de coerência." e se refere às relações que existem dentro do texto que lhe dão sentido e o fazem efetivamente um texto. Para Halliday & Hasan (1976, p. 4, apud Koch, 2007, p.12) "A coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.".

Assim, pode-se dizer que coesão trata também da utilização de conectivos responsáveis pela sequenciação do texto; segundo Koch (2007, p. 18) "coesão textual diz respeito a todos os processos que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual."

Para Fávero (opus cit), há três tipos de coesão: a coesão referencial, que se dá quando um elemento do texto diz respeito a outro(s) já usado(s), perdendo sua interpretação semântica própria. Para a autora, a coesão pode ocorrer por substituição ou reiteração. Por substituição, quando um elemento é retomado ou precedido por um componente que o representa, chamado de pro-forma. Para Fávero:

A substituição se dá quando um componente é retomado ou precedido por uma pro-forma (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome;

caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui). No caso de retomada, tem se uma anáfora e, no caso de sucessão, uma catáfora. (Op. Cit., p.19)

De acordo com Fávero, as pro-formas apresentam-se como pronominais, verbais, adverbiais, numerais e têm função de pro-sintagma, pro-constituinte ou pro-oração. No que diz respeito aos pronomes pessoais, apenas os da terceira pessoa enquadram-se como pro-formas. Por reiteração, quando as palavras se repetem no texto e as mesmas têm referência igual.

Já a coesão recorrencial acontece, de acordo com Fávero (opus cit), quando se tem retomadas de partes do texto e ainda assim há progressão, ou seja, é uma forma de concatenar elementos já mencionados com informações novas dadas sobre ele. Acrescenta Brown e Yule (1983, p. 154): "Constitui um meio de articular a informação nova (aquela que o locutor acredita não ser conhecida) à velha (aquela que acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso).".

A recorrência não deve ser confundida com reiteração, esta última diz respeito a repetição, não há progressão, a informação retomada é mantida.

Por último, tem-se a coesão sequencial, que ocorre quando os elementos textuais que marcam a passagem do tempo, dão sequência a narrativa ou a amarra.

Para Koch (2007, p.53):

> *A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que o texto progredir.*

Assim:

> *Os mecanismos de coesão sequencial strictu sensu (porque toda coesão é, num certo sentido, sequencial) são os que tem por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional. Diferem dos de recorrência, por não haver neles tomada de itens, sentenças ou estruturas.* (FÁVERO, 2003, p. 33)

Podendo ser por sequenciação temporal e por conexão.

2.2 Coerência

Coerência pode ser definida como uma característica que dá sentido ao texto; uma harmonia entre elementos do texto. Como afirma Fávero (2003, p.6) que, "todo falante de

uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado de um aglomerado incoerente de enunciados".

Então, mesmo que nele faltem ligações sintáticas, é possível discerni-lo como coerente, tendo o receptor ciência sobre o que trata o texto. Nesse sentido:

> *Apesar de o texto ser apenas uma ser apenas uma lista de palavras sem qualquer ligação sintática e sem explicitação de qualquer relação entre elas, quem lê tende a perceber nesta sequência linguística uma unidade de sentido que permite estabelecer uma relação entre seus componentes, fazendo que seja vista como um texto. (KOCH e TRAVAGLIA, 2002, p.11).*

Assim, a coerência é também o conhecimento enciclopédico que se tem e que se supõe que o outro (o interlocutor), tenha. Como diz em Koch e Travaglia (2002, p.40) "A questão é mesmo de interação". Ou seja, pode-se dizer que a coerência se estabelece na ligação, ou interação, numa situação de comunicação entre sujeitos. Além disso,

> *(...) é preciso ter sempre em mente que a coerência é um fenômeno que resulta da ação conjunta de todos esses níveis de sua influência no estabelecimento do sentido do texto, uma vez que a coerência é, basicamente um princípio de interpretabilidade do texto.* (KOCH e TRAVAGLIA,2002, p.46)

Ou seja, o autor pretende comunicar algo, mas o receptor é quem determina de que modo tal interação será interpretada e esse fator está relacionado com a idade, classe social e cultura.

> *(...) a coerência como princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários de recuperar sentido do texto pelo qual interagem, capacidade essa que pode ter limites variáveis para o mesmo usuário dependendo da situação e para usuários diversos, dependendo de fatores vários (como grau de conhecimento sobre o assunto, grau de conhecimento de um usuário pelo outro, conhecimento dos recursos linguísticos utilizados, grau de integração dos usuários entre si e/ou com o assunto, etc.).* (KOCH e TRAVAGLIA, 2002, p.36)

Assim, podemos dizer que coesão e coerência se diferem, mas estão intrinsecamente relacionadas, de modo que a coesão estabelece conexão entre as palavras, enquanto a coerência é responsável pelo sentido. Ensina Fávero:

> *A coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência.*
>
> *A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração de maneira reciprocamente acessível e relevante.* (FÁVERO, 2003, p.10)

São vários os fatores constitutivos do texto e que auxiliam no e para o estabelecimento da coerência. São eles: **elementos linguísticos:** palavras, pontuações que são incorporadas ao texto, que vão lhe dando clareza; conhecimento de mundo, constituído pelas experiências adquiridas no dia a dia; **conhecimento compartilhado**, percebido quando as ideias expostas por alguém levem ao outro o mesmo sentido, ou seja, quando ambos possuem conhecimentos comuns; **inferências**, ocorre quando o que é subtendido em um texto, o que fica nas entrelinhas, que faz com que o leitor use seu conhecimento de mundo, para estabelecer as relações necessárias para sua compreensão; **fatores de contextualização**, para Koch e Travaglia (2002), são aqueles que "ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada". Esses fatores podem ser: contextualizadores, e os perspectivos. Sendo respectivamente, aqueles que dão informação, por exemplo, data, local, e os que ultrapassam a expectativa do texto, muito utilizado pelos publicitários, para montar seu texto de marketing, chamativo e que prenda o leitor.

Citam-se também: **situacionalidade**, que pode se dar em duas direções, de acordo com Koch e Travaglia (2002): da situação para o texto; e, do texto para a situação; **informatividade**, voltada para o quanto o texto pode ser previsível ou informativo de modo a declarar que é redundante, quando seu grau de informatividade é baixo, ou não, quando traz novidade e supera a expectativa; focalização, que tem a ver com o conhecimento de mundo e o conhecimento partilhado, segundo Koch e Travaglia (2002).

Há também a focalização que pode ser diferente para os interlocutores, já que seus conhecimentos individuais, podem levar o texto diferentes interpretações. "No caso das palavras homônimas, a focalização comum dos interlocutores permitirá depreender o sentido naquela situação específica.". (opus cit, p.90); **intencionalidade** que, segundo Koch e Travaglia (2002): *"... refere-se ao modo como os emissores usam o texto para perseguir e realizar suas intenções...",* ou seja, refere-se a fazer com que o leitor não tenha outra interpretação sobre o determinado texto, a fim de que seja compreendido de forma única e universal; e **aceitabilidade** que, de acordo com Koch e Travaglia (2002): *"...constitui a contraparte da intencionalidade.*", ou seja, fica a critério da interpretabilidade do leitor, há um esforço de ambas

as partes para que seja compreendido, e tem a ver com o conhecimento de mundo dos mesmos; consistência e relevância que, de acordo com Kock e Travaglia (opus cit, p. 99):

> *(...) exige {m} que cada enunciado de um texto seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros (ou seja, não contraditórios) dentro de um mesmo mundo ou dentro dos mundos representados no texto.*

Finalmente, outro valor importante na e para o estabelecimento da coerência (e também objeto deste trabalho) é a intertextualidade por meio da qual se pode ser estabelecer a textualidade, dado que o texto constitui-se sempre nas palavras de outros (Bakhtin, 2003). Koch & Elias, opus cit. ensinam:

> *... a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (Op. cit, p. 86)*

Para Kock e Travaglia (opus cit, p. 94) pode ser ela explícita ou implícita. No primeiro caso, o texto indica a fonte do texto primeiro; já no segundo, sua percepção vai depender do repertório do leitor para sua detecção, como se verá a seguir:

No primeiro caso, o texto contém a indicação da fonte do texto primeiro, como acontece com o discurso relatado; as citações e referências no texto científico; resumos e resenhas; traduções; retomadas da fala do parceiro na conversação face a face etc. Já no caso da intertextualidade implícita não se tem indicação da fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la; do contrário, não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar.

Para que possamos melhor compreender o objeto de estudo, passa-se, na sequência, a rever um breve percurso da informática, em especial, no Brasil.

3. Breve percurso da informática

Como em inúmeros avanços tecnológicos do mundo iniciaram-se através da precisão em guerras, o surgimento do computador, não foi diferente. Segundo Lévy (1999), em meados da década de 40, nos Estados Unidos e na Inglaterra foram criadas as primeiras calculadoras programáveis com capacidade de armazenamento (os computadores), que por um longo período foi de uso exclusivo dos militares, sua utilização pela população alastrou-

se a partir de 1960. A partir de então já se era esperado que as máquinas continuassem com a crescente evolução. A informática ocupava-se com os cálculos, com folhas de pagamento etc.

A década que marca o desenvolvimento, são os anos 70, do século XX. O avanço e a venda do microprocessador impulsionaram os ramos econômico e social de grande extensão. Lévy (1999, p.31) nota, "Eles abriram uma nova fase na automação da produção industrial: robótica, linhas de produção flexíveis, máquinas industriais com controles digitais etc. Presenciaram também o princípio da automação de alguns setores do terciário (bancos, seguradoras).". Aos poucos, as atividades econômicas começaram a ser tomadas com uso de aparelhos eletrônicos, computadores e redes de comunicação de dados, atitude na qual prossegue atualmente.

Em contrapartida, no momento de ebulição da contracultura, surgiu um movimento social localizado na Califórnia que, servindo-se das alternativas técnicas da época, criou o computador pessoal. A partir deste momento, esse aparelho começaria a mudar o processamento de dados das grandes empresas e, valendo-se de programadores profissionais para tornar-se instrumento de criação de textos, imagens, músicas, de organização de banco de dados, planilhas, de simulação para ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa e de diversão, como, por exemplo, jogos, na posse da população de países desenvolvidos.

Nos anos 80 era possível vislumbrar um pouco do cenário atual da multimídia. A informática perdera, paulatinamente, o caráter técnico e de setor industrial particular e principia a incorporação às telecomunicações, à editoração, ao cinema e à televisão. A digitalização adentrou de forma primária na produção e gravação de músicas, contudo os microprocessadores e as memórias digitais enveredavam a ser infraestrutura de produção de todo domínio da comunicação. Lévy (1999) aponta, "Novas formas de mensagens "interativas" apareceram: este decênio viu a invasão dos videogames, o triunfo da informática "amigável" (interfaces gráficas e interações sensório motoras) e o surgimento dos hiperdocumentos (hipertextos, CDROM)."

Em meados do fim dos anos 80 e início dos anos 90, um novo movimento sociocultural tomou proporções mundiais, movimento esse originado por jovens profissionais de grandes metrópoles e camponeses americanos.

Sem organização, diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70, uniram-se e o número de pessoas e computadores conectados à interrede veio a aumentar de forma exponencial. Conforme diz Lévy (1999, p.32), "Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecno econômico.". As tecnologias digitais apareceram, então, como base do ciberespaço, novo espaço de comunicação, sociabilidade, organização e transação, e ainda novo mercado de informação e do conhecimento.

Hoje, a informática, vai além do que se poderia imaginar há poucas décadas. A partir de pesquisas realizadas nas grandes empresas, especialmente as de telefonia, foram desenvolvidos aparelhos que passaram a constituir o que se chama de quarta geração de computadores com uma grande extensão das funcionalidades. A computação pessoal deixou de se limitar aos aparelhos de mesa e passou a incluir outros dispositivos sobretudo os telefones celulares. Aplicações de uso geral passaram a ser portadas para esses dispositivos e, com o desenvolvimento das "nuvens", arquivos armazenados em um aparelho puderam ser sincronizados a outros, tornando a computação onipresente, a verdadeira "rede" a que se referia Levy (opus cit).

Especialmente aqui no Brasil o caminhar foi semelhante. De acordo com Ferrari [5] (2013), seu desenvolvimento inicia-se no fim da década de 50 do século passado, com máquinas computadoras de grande porte, importadas de outros países, como os Estados Unidos. Os equipamentos nesse tempo, precisavam de refrigeração e ficavam em universidades e grandes empresas que tinhas como utilizar as máquinas. Eram máquinas que só faziam operações simples como adição, subtração, multiplicação e divisão.

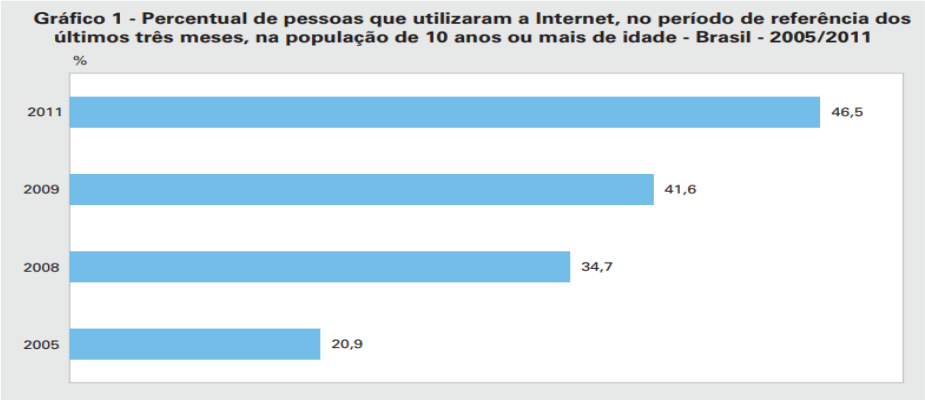
O primeiro computador foi produzido na década de 70 do mesmo século, pela Universidade de São Paulo. Após, em 1979, criou-se a Secretaria Especial de Informática, responsável pelos assuntos de suma importância à informática do país.

No fim do século passado, deu-se um dos mais importantes passos para a informática no Brasil, a Política Nacional de Informática, passo esse que mudou o atraso tecnológico do país em relação a outros países e deu um acréscimo de cerca de, 30% ano na taxa de crescimento da informática nacional.

No governo de Fernando Collor de Melo, o país começou a nivelar as mudanças tecnológicas do setor, mesmo com atraso. Hoje, o Brasil já está entre os países desenvolvidos, em relação ao uso das tecnologias e inovações pela população.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os resultados da pesquisa mostram que, em 2011, 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet no período de referência nos últimos três meses. Este contingente equivalia a 46,5% do total da população de 10 anos ou mais de idade. Em 2009, o número de internautas foi estimado em 67,7 milhões, representando 41,6% da população-alvo. Nos anos de 2008 e 2005, estes totais foram estimados em 55,7 milhões (ou 34,7% da população-alvo) e 31,9 milhões (ou 20,9% da população-alvo), respectivamente. De 2005 para 2011, a população de 10 anos ou mais de idade (população em idade ativa)) cresceu 9,7%, enquanto o contingente de pessoas que utilizaram a Internet aumentou 143,8%, ou seja, em seis anos o número de internautas no País cresceu 45,8 milhões, como pode ser visto no gráfico 1.

[5] https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/o-surgimento-da-informatica-e-sua-chegada-ao-brasil/47410



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2011.

Hoje no Brasil, já se pode observar o quão importante ela tem sido para a sociedade, tanto para desenvolvimento de pesquisas científicas quanto para a inserção da Educação em vários espaços outrora alijados de informação, traduzindo as palavras de Lévy (opus cit, p.17): "A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização"

4. A informática nas letras das canções: um olhar intertextual

Antes de começarmos as análises, vale lembrar que se compreende a intertextualidade como a intersecção entre textos, ou seja a referência de um em outro, observável por meio do conhecimento prévio do interlocutor, de seu repertório, quando implícito. Quando explícito, configura-se de forma citada, na superfície do texto.

4.1 Admirável Chip Novo [6]

A autora utilizou de textos advindos tanto do mundo da informática quanto do da propaganda, de forma explícita. Nas três primeiras estrofes canta: "pane no sistema, desconfigurou...", que são inseridos na música, para mostrar a "robotização", porque passa o ser humano ao se deparar com as ordens típicas da linguagem conativa da propaganda e da informática. Além disso, na segunda estrofe, informa: "tudo é programado", "reinstalar o sistema".

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?

[6] https://www.youtube.com/watch?v=lGz-idtX_rk

Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

A autora canta "parafuso e fluido em lugar de articulação até achava que aqui batia um coração nada é orgânico, tudo programado e eu achando que tinha me libertado mas eles vêm novamente, eu sei o que vão fazer reinstalar o sistema", mostrando a troca das partes do corpo humano por peças e óleos de máquinas, apontando seu irrefutável definido ciclo, já que, para seu bom funcionamento, necessário, por vezes, reinstalar o sistema.

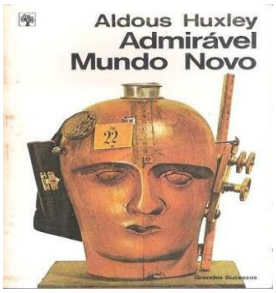
Na quarta estrofe, reforça a robotização, em que o ser humano vê-se condicionado a um sistema que lhe ordena:

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Ou seja, há presente no texto uma crítica ao consumo exacerbado, usado em grande parte pelos meios de comunicação propagandísticos, definidos por ordens similares às de programação.

Isso fica mais acentuado ainda em virtude do título "Admirável Chip Novo", um intertexto com o clássico "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley escrito em 1932, a obra com uma visão futurista e crítica, que retrata a robotização do ser humano, que segue ordens sem questionar, obedece: "não, senhor, sim, senhor não, senhor, sim, senhor", em que ele se vê programado a obedecer.

Figura 1 – Uma das capas da obra



Fonte: Jota Cortizo (2015)

O livro e a música interagem de forma a reforçar a crítica à manipulação do homem em sua sociedade, sendo robôs, pré-programados para acatar os mandos ditos. A crítica, fica mais pontuada ainda nos versos:

Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

A tão valorosa internet, que nos trouxe grandes avanços, pode, se mal utilizada, causar prejuízo. Em relação à coerência, observa-se o papel da consistência e relevância, já que a autora durante toda a letra da canção pontua a "robotização humana".

A intertextualidade é fator decisivo para o estabelecimento da coerência. Os conhecimentos de mundo/linguístico e do mundo em que se inscreve o texto auxiliam o leitor na e para sua compreensão.

4.2 Letra da música "Pela Internet "[7]

Na letra da música "Pela internet", de Gilberto Gil, a textualidade é obtida por meio da compreensão dos intertextos explícitos, principalmente de termos advindos do mundo da informática e do candomblé.

Logo na primeira estrofe, o autor canta:

Criar meu web site
Fazer minha homepage
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje.

Utilizando termos importados do mundo da informática. Tais palavras têm como significado, respectivamente, segundo o Sawaya[8] (1999):

web site = página inicial;
homepage = página de apresentação ou de abertura; página da WWW; página inicial; página pessoal.
gigabytes = capacidade de algum dispositivo/tamanho do arquivo.

[7]. https://www.youtube.com/watch?v=YoaMnOdMS4U. Análise feita na primeira versão da música, apresentada em 1996, há uma atualização feita em 2018 com adição de estrangeirismos. Nova versão disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X6BA_9cYhpA

[8] https://nosda18.files.wordpress.com/2009/04/dicionariode-informatica-e-internet.pdf

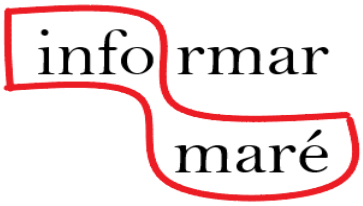
Sem deixar de mencionar os últimos versos desta estrofe, em que se dá relevância ao meio de transporte, mostrando que não há limites para a internet.

Na segunda estrofe, encontra-se um cruzamento vocabular[9] de termos relacionados a informática e ao mar (informar+mar/informar+maré), que são os termos "infomar" e "infomaré", uma construção dada pela união do radical de uma com outra palavra relacionada a mar, elas dizem respeito ao mar de informações que a internet possibilita ao ser humano, apresenta uma analogia do quão longe a internet pode chegar, por meio da navegação.

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé.

Tal cruzamento pode ser assim lido:

Figura 2 – Cruzamento Vocabular



Fonte: Autoria própria (2019)

Na estrofe citada acima, observa-se ainda a utilização de termos do Candomblé. O autor menciona as palavras "oriki e orixá", da língua Yoruba, que, traduzidas para o português, significam: louvar/invocar e ser superior, respectivamente. No decorrer da música, é possível observar que, para a informática, não existem limites, mostrando as redes (ciberespaço)[10] estabelecidas por ela entre diversos países, estabelecendo uma rede mundial a partir da Praça Onze, Rio de Janeiro:

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link

[9] Sandman, em Morfologia Geral (1991, p.76), conceitua os cruzamentos vocabulares como "um tipo de composição, distinguindo-se dessa porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico."

[10] "[o ciberespaço é] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (LÉVY, 1999, p. 92).

Num site de Helsinque
Para abastecer
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão
Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar

É importante ressaltar o papel dos conhecimentos de mundo e partilhado para que a coerência seja estabelecida, já que o texto faz referências a diferentes linguagens e lugares. Os lugares citados no texto possibilitam que se imagine o lançamento de uma rede ao mar:

Figura 3 - Indicações dos lugares inseridos na Música "Pela Internet"

Fonte: Continentes no Mapa Mundo Projeção de Robinson, CIA 2013 – adaptado pelas autoras

Figura 4 – Rede lançada ao mar

Fonte: Eduardo Machado (2009)

Na quarta e quinta estrofes, é aberto um discurso sobre vírus, interconexões, debate online, ou seja, fala-se a respeito de conectividade, interações que se podem fazer de qualquer lugar do mundo, viajar sem sair do lugar...

A internet mantém o ser-humano conectado com lugares que não conhece e pessoas que nunca viu. Por meio dela é possível interagir com o mundo sem sair de casa, ter acesso a pessoas distantes e um mundo de informações.

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão.

Ainda há na estrofe acima, a palavra vírus, que, como se sabe, e ensina Sawaya (1999) é "rotina ou sub-rotina que causa danos em arquivos ou na área de boot do computador", ou seja, de acordo com um texto, é possível se acessar de qualquer parte do mundo, os computadores no Japão, com a internet se pode fazer o bem, mas também o mal, mais uma vez reiterando que não há limites territoriais para a internet e que a mesma serve para diversas utilizações.

4.3 Letra da música "Tecnopapiro"[11]

Em Tecnopapiro, de Maria Gadú, há na letra uma total oposição entre o antigo e o atual e a coerência é dada por meio da intertextualidade implícita, exigindo do interlocutor conhecimento prévio para que depreenda os avanços ocorridos na sociedade, ao longo dos anos.

Na primeira estrofe, a autora apresenta uma crítica em relação à desatualização da mãe, apesar da crescente evolução da informática, opondo o "mundo de botão" ao das teclas, dos computadores e celulares.

Continua dialogando com o mundo virtual, quando canta: "se a tela espia nossa solidão", como que personificando a tecnologia, como um grande Big Brother, a vigiá-la, fazendo referência, de forma implícita, à obra de George Orwell:

Perdão mãe
Se a vida virou um mundo de botão

[11] https://www.youtube.com/watch?v=YnsHR34L3Mc

Se a tela espia nossa solidão

Nesta estrofe, ainda há duas palavras adotadas na informática, mas que já fazem parte do nosso léxico, são estas, "digitei" e "compartilhar.".

Se digitei errado pra você (...)
Se eu não compartilhar teu sol num papiro

Relembra também o caderno de pauta, com que se treinava a caligrafia e àquela na qual se desenha a clave de Sol:

Me dê mãe
Tua caligrafia meia dois
A pauta inteira pra eu saber depois

Na última frase da primeira estrofe canta: "se eu não compartilhar teu sol num papiro", material muito utilizado pelos egípcios para gravuras, cartas, inclusive na época de Jesus Cristo, apontando o julga sua mãe anacrônica em relação a ela.....
Na sequência, canta: "Analógica você", reafirmando o que fora dito ao longo do texto.

Na terceira estrofe, continua a oposição, agora referindo-se às cartas, "num papel de pão"; e ao disco de vinil, tão oposto ao que se utiliza hoje para acesso às músicas:

Cartas num papel de pão
Teu aroma de vinil
Me inspira

Para corroborar, cita a enciclopédia Barsa, cabalmente utilizada no século XX, para pesquisas, antes do desenvolvimento da internet e do avanço do site de pesquisa: Google.

Cadê mãe?
Aquela Barsa que atirou em mim

Ainda nesta estrofe, fala sobre o monstro alado, um caso que aconteceu em 1903, na cidade de Van Meter, englobando uma história do século XIX. E uma associação em: "um telegrama pro e-mail errado" com uma palavra informal "Fudeu", fazendo o interlocutor imaginar o resultado negativo no caso do envio de uma telegrama a um endereço errôneo, similarmente ao que pode ocorrer com o envio de um e-mail para o endereço errado.

Lembra também o "pião", um dos jogos tradicionais infantis e o opõe à "tecnoroda".

O monstro alado da história sem fim
Um telegrama[12] *pro e-mail errado*
Fudeu, né?
Vou te ligar de dentro do avião
Pra te dizer que o meu velho pião
Tecnoroda nos meus sonhos antigos

Na última estrofe, volta a citar palavras da informática, download, para mostrar que tem a intenção copiar o modo, jeito de ser da mãe e colocar em si, unir-se a ela....para melhor a conhecer.

Calei mãe
Já fiz download [13] *do teu coração*
Já imprimi teu mapa astral no meu

Na letra desta música podemos observar a situacionalidade como fator de coerência, em que se trata de uma conversa entre mãe e filha, fazendo um comparativo entre as duas gerações, de forma relevante e consistente, já que a temática foi mantida ao longo de todo o texto. A intertextualidade implícita permeia o texto e a explícita percebe-se com faz referência à já citada obra de Orwell.

4.4 Letra da música "Mamãe no Face"[14]

Na letra da música "Mamãe no Face", de Zeca Baleiro, o autor utiliza-se do Facebook para comunicar-se com a mãe, sendo necessário conhecimento de mundo, para quese compreenda que este website tem, dentre suas funcionalidades, a troca de mensagens instantâneas e compartilhamento de conteúdo.

Nas primeiras estrofes pode-se observar que o autor conta à sua mãe que seu disco fora considerado o "Disco do Ano", referenciando nomes da música popular brasileira, que estão há décadas no ramo musical: "... Caetano/ Nelson Mota..."

Mamãe, eu fiz o disco do ano

[12] Os telegramas são mensagens urgentes e confidenciais transmitidas pela internet ou por outro meio eletrônico para o local em que a mensagem será impressa e auto-envelopada para entrega no endereço do destinatário. https://www.correios.com.br/correspondencia-marketing/envio-de-telegramas

[13] Como substantivo, nas comunicações, o processo de se transferir uma cópia de um arquivo de um computador remoto para outro por meio de um modem ou uma rede.

[14] https://www.youtube.com/watch?v=vs4IlPVX3cY

E até mesmo o Caetano parece que aprovou
Mamãe, eu sigo na minha rota
Veja só o Nelson Mota disse que o disco é show

Nesta canção, mostra como se dá a indústria musical, fazendo uma irônica crítica aos formadores de opinião, já que para ser um artista de sucesso é necessário ser aceito por influenciadores, como Folha de São Paulo, Veja e Piauí.

Só falta que a Folha de São Paulo
Comece a incensá-lo
Dizer que eu sou o cara
Ou então, que os rapazes da Veja
Me chamem p'r'uma cerveja
Veja só que coisa rara

Na terceira estrofe, utiliza simultaneamente de estrangeirismos, gíria e onomatopeias, para mostrar-se na moda. Recorde-se de que mainstream é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante.

Mamãe, não sou mainstream[15]*, nem sou cult*
Eu sou assim vapt-vupt[16]
Caiu na boca do povo

Na estrofe a seguir, continua:

Mamãe, é bom ser experiente
Ainda mais independente
Não ser nem velho nem novo

Utilizando-se de antítese para mostrar à mãe que está na luta comercial, para dar visibilidade à obra.

Só falta ser capa da Rolling Stone
O hype[17] *dos ringtones*

---

[15] é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. A tradução literal de *mainstream*é "**corrente principal**" ou "**fluxo principal**". https://www.significados.com.br/mainstream/

[16] O Dicionário Unesp atribui os seguintes significados: «[como interjeição] «expressa acção rápida de ida e volta»; «[como nome masculino] movimento muito rápido de ida e vinda»; «[como adjectivo] rápido» https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/expressao-vapt-vupt/19125

[17] é o **exagero de algo**, ou em marketing uma estratégia para enfatizar alguma coisa, ideia ou um produto. https://www.significados.com.br/hype/

O mega hit no YouTube
E as cantoras que há de sobra
Festejarão minha obra
Não saio mais desse clube

Faz também referência a outro website, o Youtube, uma plataforma de compartilhamento de vídeos, em que é possível alavancar uma carreira de acordo com as visualizações ocorridas. E diz: "e as cantoras que há de sobra", mostrando que hoje há muitos artistas na indústria musical, deixando implícito que alguns até de pouca vocação.

Na penúltima estrofe repete: "Mamãe, fiz o disco do ano", não fazendo alusão só ao nome dado ao seu CD, mas também à fama conquistada.

Note-se que faz uso de expressões informais, utilizadas pelo público jovem, como: "Foda/ Show",para expressar autoelogio, já que a obra fora tão aplaudida pela crítica.

Mamãe, eu fiz o disco do ano
Parece até que o Hermano falou bem na Piauí
Mamãe, o fato é que eu tô na moda
Mamãe, fiz um disco foda

O discurso informal utilizado justifica-se porque o autor sabe a que público dirige seu texto.

Finaliza do texto, utilizando a linguagem da informática: "Faz um download", mostrando que pelo Facebook, é possível enviar mensagens em tempo real, além de compartilhar imagens, vídeos, links, áudios, arquivos, além de "baixar" arquivos, entre outros.

Faz um download
Ouve aí

A coerência nesta letra é garantida por meio do conhecimento de mundo e partilhado entre os interlocutores, já que necessário que se conheça o Facebook para que fique compreendido o diálogo mantido entre sujeito e sua mãe.

Além disso, a relevância e consistência permitem que o diálogo avance e o tema seja mantido. Por meio da compreensão dos intertextos, percebe-se a utilização de palavras emprestadas do mundo da informática.

Considerações finais

A leitura das letras destas canções possibilitaram perceber os múltiplos textos contidos em um, mostrando a necessidade de se ter conhecimento de mundo e familiaridade com textos advindos, sobretudo da informática, para que fique garantida a coerência.

Vale pontuar que, na busca de intertextos com ênfase em informática, descobriram-se outros mundos, como na "Admirável Chip Novo" que também faz referência ao mundo da propaganda; em Pela Internet", perceberam-se termos advindos do mundo do candomblé; em "Tecnopapiro", o diálogo entre o novo e o antigo, remete o interlocutor às formas de comunicação no século XX; finalmente, em "Mamãe No Face", além das expressões referentes ao mundo a internet, citam-se pessoas e veículos formadores de opinião do e no ramo musical, como Caetano Veloso, Nelson Motta, fala-se da Folha de São Paulo e Veja.

Como se pôde perceber, o reconhecimento dos intertextos e demais fatores de textualidade ajudam a se realizar uma leitura mais densa e significativas das letras das canções, remetendo-nos à Foucault (1971, p. 21) para quem:

A maior das verdades já não estava naquilo que o discurso era ou naquilo que fazia, mas sim naquilo que o discurso dizia: (...)

.

Referências:

COELHO, L. M., TEIXEIRA, W. B., & FERREIRA, C. J. Múltiplos olhares sobre o ensino de línguas: Tecnologias da Informação e Comunicação. Manaus: EDUA, 2017

CORTIZO, J. (2015). O Admirável Mundo criado por Aldous Huxley – El Mundo Feliz creado por Aldous Huxley. Fonte: Phantasticus. Disponível em: <https://jotacortizo.wordpress.com/2015/09/20/o-admiravel-mundo-criado-por-aldous-huxley-el-mundo-feliz-creado-por-aldous-huxley/>. Acesso em 20 de mai 2019

DAVIES, C. (2010). Facebook exploit reveals live chat contents [Video]. Fonte: Slash Gear. Disponível em: <https://www.slashgear.com/facebook-exploit-reveals-live-chat-contents-video-0584451/>. Acesso em: 27 de mai 2019

FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 2003.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade - Um Projeto Em Parceria. 5. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2002. (1991). V. 13 Coleção Educar.

FERRARI, C. G. (2013). O surgimento da informática e sua chegada ao Brasil. Fonte: Portal da Educação. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/o-surgimento-da-informatica-e-sua-chegada-ao-brasil/47410>. Acesso em 13 de mai 2019

FOUCAULT, M. L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971
HUXLEY, A. Admirável Mundo Novo. Porto Alegre: Globo, 1979
IBGE, I. B. (2013). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Fonte: Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel para Uso Pessoal. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63999.pdf>. Acesso em: 27 de abr 2019
KOCH, I. G. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2007.
_____, & ELIAS, V. M. Ler e Compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.
_____& TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2002;.
LÉVY, P.T. Cibercultura. São Paulo: 34, 1999.
MACHADO, E. (2009). A rede e o reino. Fonte: Estória das Histórias. Disponível em: < http://ew-willianlira.blogspot.com/2009/07/a-rede-e-o-reino.html>. Acesso em: 10 de jun 2019
MATTEI, C. (2011). Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Fonte: O prazer de aprender com a informática. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2011/pedagogia_artigos/ainformedinf.pdf>. Acesso em 20 de abr 2019
MUNDO, C. n. (2013). Guia Gráfico Mapas. Fonte: Continente no Mapa Mundo. Disponível em: <https://www.guiageo-mapas.com/continentes.htm>. Acesso em: 20 de abr 2019
SANDMANN, A. J. Morfologia Geral. São Paulo: Contexto, 1991.
SAWAYA, M. R. (2009). Dicionário de Informática e Internet. Fonte. Disponível em: <https://nosda18.files.wordpress.com/2009/04/dicionariode-informatica-e-internet.pdf>. Acesso em 17 de mai 2019
VELLOSO, F. D. Informática: Conceitos Básicos. Rio de Janeiro: Elsevier. 2017.

Anexos

Admirável Chip Novo
Priscilla Novaes Leone (Pitty)

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado

E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor
Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor
Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

Pela Internet
Gilberto Passos Gil Moreira

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar

Tecnopapiro
Mayra Corrêa Aygadoux (Maria Gadú)

Perdão mãe
Se a vida virou um mundo de botão
Se a tela espia nossa solidão
Se digitei errado pra você
Me dê mãe
Tua caligrafia meia dois
A pauta inteira pra eu saber depois
Se eu não compartilhar teu sol num papiro
Analógica você
Cartas num papel de pão
Teu aroma de vinil
Me inspira
Analógica você
Cartas num papel de pão
Teu aroma de vinil
Me inspira
Cadê mãe?
Aquela Barsa que atirou em mim

O monstro alado da história sem fim
Um telegrama pro e-mail errado
Fudeu, né?
Vou te ligar de dentro do avião
Pra te dizer que o meu velho pião
Tecnoroda nos meus sonhos antigos
Analógica você
Cartas num papel de pão
Teu aroma de vinil
Me inspira
Analógica você
Cartas num papel de pão
Teu aroma de vinil
Me inspira
Calei mãe
Já fiz download do teu coração
Já imprimi teu mapa astral no meu

Mamãe no Face
José Ribamar Coelho Santos (Zeca Baleiro)

Mamãe, eu fiz o disco do ano
E até mesmo o Caetano parece que aprovou
Mamãe, eu sigo na minha rota
Veja só o Nelson Mota disse que o disco é show

Só falta que a Folha de São Paulo
Comece a incensá-lo
Dizer que eu sou o cara
Ou então, que os rapazes da Veja
Me chamem p'r'uma cerveja
Veja só que coisa rara

Mamãe, não sou mainstream, nem sou cult
Eu sou assim vapt-vupt
Caiu na boca do povo

Mamãe, é bom ser experiente
Ainda mais independente
Não ser nem velho nem novo

Só falta ser capa da Rolling Stone
O hype dos ringtones
O mega hit no YouTube

E as cantoras que há de sobra
Festejarão minha obra
Não saio mais desse clube
Mamãe, eu fiz o disco do ano
Parece até que o Hermano falou bem na Piauí

Mamãe, o fato é que eu tô na moda
Mamãe, fiz um disco foda
Faz um download
Ouve aí

Faz um download
Ouve aí
Faz um download
Ouve aí
Faz um download
Ouve aí

A Sociedade e o totemismo em O *Senhor das Moscas,* de William Golding[18]

Natália Barbosa Gomes Vago[19]

RESUMO

O presente ensaio pretende mostrar a representação da natureza humana na construção da sociedade no romance o Senhor das Moscas, de William Golding, através de personagens-chave que servirão como elementos alegóricos não só na construção do enredo, mas também no desenvolvimento, ascensão e queda da sociedade, tendo como embasamento teórico Freud, Hobbes e Rousseau, entre outros teóricos, mostrando os desdobramentos de se viver em um mundo sem normas.

Palavras-chave: sociedade; totem; Senhor das Moscas, religião.

Introdução

O romance o **Senhor das Moscas**, escrito em 1954, apresenta duas questões que se complementam: a sobrevivência de um grupo de meninos em uma realidade em que não há adultos, enquanto procuram construir uma sociedade, determinando funções e escolhendo um líder e a presença do totemismo. É baseado em algumas dicotomias: autoritarismo e democracia, civilização e barbárie, inocência e corrupção, que servirão não apenas para estruturar o eixo narrativo, mas também para ascensão e queda da sociedade.

Ambientado em um mundo pós-guerra, extremamente fragilizado com a barbárie ocorrida e no início da Guerra Fria, o livro descortina os infortúnios vividos por um grupo de meninos, de idades variadas, que se refugiam em uma ilha após um acidente de avião. O mundo vivia o medo constante de novos ataques nucleares e o autor deixa, de maneira implícita, que o acidente poderia ter sido causado por um.

[18] Citar como: N.B. Gomes Vago, "A Sociedade e o totemismo em O Senhor das Moscas, de William Golding", Revista Arigó, 1, 68-81, (2020)

[19] Autora correspondente: nataliabgomesvr@yahoo.com.br

Logo nas primeiras páginas, um narrador onisciente apresenta Ralph, descrito como "O menino de cabelo claro (...) embora tivesse tirado o paletó do uniforme (...)."(GOLDING, 2014, p.9) e Porquinho "(...)Era mais baixo que o menino de cabelo claro, e muito gordo. (...) e, em seguida fitou o outro através de seus óculos de lentes grossas." (GOLDING, 2014, p.9) que terão grande importância ao longo da obra. O primeiro representa a força e a liderança nata; o segundo, a inteligência e a parcimônia. Aos poucos, outros meninos são apresentados e um grupo, liderado por Jack, descrito como " Dentro da túnica esvoaçante, o corpo alto, magro e ossudo; cabelos ruivos, sob o boné preto; rosto malfeito e sardento, feio, mas sem parecer estúpido: destacavam-se nele os olhos azul claros, agora frustrados e cada vez mais irritados." (GOLDING, 2014, p.21), figura que se torna antagônica ao longo da narrativa, mostra-se também um líder nato, porém mais autoritário. É esse embate do desejo de liderar que gera enredo do romance.

Sociedade: Um mal necessário?

Segundo Hobbes (2017, p.24), a ordem social é um direito sagrado necessário para que se tenham todos os outros direitos, porém, esse direito não vem da natureza, pois está fundado em regras, regras essas que são indispensáveis para que os meninos consigam viver bem.

O símbolo dessa sociedade democrática é uma concha branca encontrada na praia e que concede o direito da palavra a quem a segura, além de servir como corneta para convocar reuniões. A liderança é dada a Ralph e as tarefas são distribuídas: as prioridades são acender uma fogueira (com o uso dos óculos de Porquinho), indispensável para conseguirem cozinhar e também serem localizados; providenciar abrigo e comida. Logo, a hierarquia é definida, baseada nos moldes que os personagens conhecem. Regras são necessárias para que se viva em harmonia.

Freud (2010, p.56-57) corrobora essa informação, uma vez que afirma que a vida humana em comum só é possível quando uma maioria que é mais forte e se mostra mais forte diante de qualquer indivíduo, ou seja, o poder da comunidade supera o poder do indivíduo, a *força bruta*. E esse é o passo cultural considerado decisivo. Ainda diz que essa é a "garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol do indivíduo." (FREUD, 2010, p. 57).

Costa corrobora essa informação:

> (...) homens desnorteados se afogam no temor. Não há homem sem um ideal. Somos nós, indivíduos, que inventamos os universos de valores que nos permitem viver em comunidade, ou seja, assumindo

> compromisso. Só com valores nos tornamos capazes de prometer. De prometer e cumprir. O homem se diferencia do animal justamente porque seu destino não está traçado no automatismo do instinto. (1995, p. 9-10)

É como se a sociedade fosse capaz de regular a maldade humana. No entanto, a criação dessa sociedade gera tensões entre dois grupos e vê-se na frágil tentativa dos meninos de viver em sociedade cai por terra quando a liderança de Ralph começa a ser questionada.

Conforme a narrativa vai avançando, os pequenos ficam cada vez menos interessados em cumprir suas tarefas e mais propensos a levar uma vida mais descompromissada e divertida, conforme o trecho "Esta é nossa ilha. É uma boa ilha. Até chegarem os adultos para nos buscar, vamo-nos divertir." (GOLDING, 2014, p. 38).

O antagonismo entre Ralph e Jack cresce e outros personagens começam a ser mais explorados, principalmente Roger que, inicialmente, fica ao lado de Ralph e começa a mudar conforme percebe que as maldades cometidas não são punidas:

> Roger agachou-se, pegou uma pedra, mirou e a jogou em Henry — mas não para acertar. A pedra, uma relíquia de outros tempos, passou a uns cinco metros à direita de Henry e caiu na água. Roger pegou um punhado de pedras e começou a atirá-las.
> Mas havia um espaço ao redor de Henry, talvez com uns seis metros de diâmetro, em que ele não ousava acertar. Aí, invisível, mas poderoso, surgia o tabu da vida antiga. Em volta do menino ajoelhado, havia a proteção dos pais, da escola, da polícia e da lei. (...) Henry virava-se obedientemente, mas sempre tarde demais para ver as pedras no ar. Por fim, viu uma e riu, procurando o amigo que o estava provocando. Mas Roger escondera-se atrás do tronco da palmeira e se encostara a ele, respirando em ritmo acelerado, com os olhos piscando. Então, Henry perdeu o interesse nas pedras e foi embora. (GOLDING, 2014, p. 69-70)

A partir desse ponto, nota-se uma contrapartida a teoria de Rousseau (2017, p.37) que diz que a passagem do estado natural ao civil produz no homem tal mudança que o mesmo cede à justiça e deixa de lado o instinto, dando as suas ações à moralidade necessária, deixando de lado o impulso físico e se vê forçado a consultar a razão antes de atender seus

desejos. Nota-se em Roger que essa moralidade não faz mais efeito, sendo a falta de uma sociedade tradicional que desperta no rapaz essa sensação de poder.

Ainda em relação à construção da sociedade que, muitas vezes, tem como base a religião, conforme afirma Rousseau:

> (...) alicerçada num único país, fornece-lhe os deuses, os patronos próprios e tutelares; possui seus dogmas, seus rituais, seu culto exterior prescrito por leis; afora a única nação que a cultua, as demais são consideradas infiéis, estrangeiras, bárbaras; é uma religião que não estende os deveres e os direitos do homem além de seus altares. Foram assim todas as religiões dos primeiros povos, às quais se pode dar a denominação de direito divino civil ou positivo. (...) o culto divino e o amor das leis, e em que, fazendo da pátria o objeto da adoração dos cidadãos, ensina-os que servir o Estado é servir o deus tutelar. E uma espécie de teocracia, em que não se deve ter outro pontífice além do príncipe, nem outros sacerdotes senão os magistrados. (2017, p.145)

No romance, a relação entre o Estado e a Igreja levanta uma interessante questão: em momento algum Deus ou a religião são citadas diretamente, o que pode soar estranho, uma vez em que as crianças são inglesas, de uma classe mais abastada, provavelmente, e vivem em uma nação em que o soberano é o chefe da Igreja e de Estado, ou seja, leva-se a pensar que os meninos pertencem à religião Anglicana. Nesse contexto, falta aquilo que Freud (2010, p.25) define como *sentimento oceânico*, sentimento de unidade, de união com o mundo. O que vai uni-los não é a fé em algo, é o medo, medo esse criado pelos rumores de que um *monstro* habita o interior da ilha. Esse medo é muito similar ao que Otto descreve na obra **Das Heilige**:

> Esforça-se por clarificar o caráter específico dessa experiência terrífica e irracional. Descobre o sentimento de pavor diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum*, dessa *majestas* que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans,* em que se expande a perfeita plenitude do ser. R. Otto designa todas essas experiências como *numinosas* (do latim numen, "deus") porque elas são provocadas pela revelação de um aspecto do poder divino. O numinoso singulariza se como qualquer coisa de *ganz andere*, radical e totalmente diferente: não se assemelha a nada de humano ou cósmico; em relação ao *ganz andere*, o homem tem o sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento

> de "não ser mais do que uma criatura", ou seja – segundo os termos com que Abraão se dirigiu ao Senhor –, de não ser "senão cinza e pó" (Gênesis, 18: 27). (1997, *apud* ELIADE, 1992, p.12)

Com o sentimento de medo cada vez mais acentuado e com os ânimos ficando cada vez mais alterados, um episódio faz com que a realidade torne-se ainda mais dura: a fogueira apagada no momento em que um navio surge no horizonte e quando o mesmo continua a seguir o seu caminho, leva consigo parte da esperança dos meninos. Ralph culpa Jack e seus caçadores, cuja responsabilidade era manter a fogueira acesa. Jack irrita-se, como pode-se ver no trecho abaixo:

> — Você deixou a fogueira apagar.
> (...)
> — Precisávamos deles na caçada — disse —, ou não haveria gente suficiente para o cerco. Corou, consciente de um erro. — A fogueira só ficou apagada por uma hora ou duas. Podemos acendê-la de novo...
> (...)
> — Apareceu um navio. (...) — Apareceu um navio. Lá longe. Você disse que a fogueira seria vigiada e a deixou apagar! — Deu um passo na direção de Jack, que se virou e ficou olhando.
> — Poderiam ter visto a gente. Poderíamos ter ido para casa... Isso foi amargo demais para Porquinho, que perdeu a timidez na agonia da perda. Começou a gritar, agudamente.
> — Você e seu sangue, Jack Merridew! Você e sua caça! Poderíamos ter ido para casa...Ralph empurrou Porquinho para o lado.
> (...) — Precisávamos de carne.
> Jack ficou de pé, a faca ensanguentada na mão. Os dois se defrontaram. Ali estava o mundo brilhante da caça, táticas, regozijo feroz, habilidade. E ali estava o mundo da saudade e do senso comum frustrado. (...)
> Porquinho começou de novo.
> — Você não deveria ter deixado a fogueira apagar. Você disse que a fumaça continuaria...
> Isso, vindo de Porquinho, mais os lamentos de apoio dados por alguns dos caçadores, levou Jack à violência. O olhar desvairado chegou aos olhos azuis. Deu um passo e, finalmente, podendo atingir alguém, largou o punho na barriga de Porquinho. Porquinho

> caiu sentado, com um grunhido. Jack ficou de pé, olhando-o. Sua voz saiu distorcida pela humilhação.
> — É isso? Era isso que você estava querendo, não é? Gorducho! (GOLDING, 2014, p. 77-79)

Jack afirma que caçar é mais importante, o que se torna uma obsessão para ele e o seu bando. A partir de então, os grupos vão ficando cada vez mais distantes e percebe-se que a obra não vai falar apenas da perda da inocência ou construir alegorias da natureza humana, trata, também, da organização da sociedade que se divide, assim como no mundo real, por ideias políticas.

O Aparecimento do Totemismo

O grupo de Jack torna-se cada vez mais selvagem, à medida que começa a usar pintura corporal com argila e sangue do porco morto, fazer oferendas de sangue (daí surge o nome do livro), a religião que sequer foi citada explicitamente, desaparece por completo. Então, vai surgir a figura do *totem*, encarnado na figura do *Senhor das Moscas:* " (..)o Senhor das Moscas estava pendurado na vara e sorria. (...) viu os dentes brancos e os olhos opacos, o sangue — e seu olhar esgazeado prendeu-se àquele reconhecimento antigo e irrecusável."(2014)

Sobre o *totem*, Freud acrescenta:

> O totemismo, pelo contrário, é algo estranho aos nossos sentimentos contemporâneos - uma instituição social-religiosa que foi há muito tempo relegada como realidade e substituída por formas mais novas. Deixou atrás de si apenas levíssimos vestígios nas religiões, maneiras e costumes dos povos civilizados da atualidade e foi submetido a modificações de grande alcance mesmo entre as raças, sobre as quais ainda exerce influência.

É nesse contexto que o personagem Simon começa a ganhar mais destaque. De personalidade mais tímida e compleição física delicada, demonstra grande sensibilidade para com os animais. O personagem aparecerá como detentor da verdade, uma vez que é o mesmo que encontra a cabeça de porco em uma estaca no coração da floresta, já em avançado estado de decomposição e repleta de moscas.

Conforme tem longas conversas com o *Senhor das Moscas*, Simon torna-se o portador da verdade. Em uma dessas incursões pela floresta, descobre o corpo de um paraquedista morto, descortinando, assim, *o monstro:*

> As moscas também haviam achado a figura. O movimento quase de coisa viva assustou-as por um momento e elas fizeram uma nuvem escura ao redor da cabeça. Depois, ao cair o tecido azul do paraquedas, a figura corpulenta inclinou-se para a frente, suspirando, e as moscas pousaram novamente. Simon sentiu os joelhos baterem numa pedra. Foi em frente e logo compreendeu. A confusão das cordas mostrou-lhe qual era a mecânica dessa paródia; examinou os brancos ossos do nariz, dos dentes, as cores da decomposição. Viu como a borracha e a lona sustentavam impiedosamente o pobre cadáver que deveria estar apodrecendo em outra parte. Então o vento soprou de novo e a figura se levantou, inclinou-se e lançou em sua direção um cheiro fétido. Simon ficou de quatro e vomitou até sentir o estômago vazio. Pegou as cordas e as soltou das pedras, libertando a figura da indignidade do vento. (GOLDING, 2014, p.160)

e o arrasta até a praia, onde Jack e os seus comemoram a caça de um segundo porco em volta da fogueira. Confundido com o *monstro*, é assassinado, tem o corpo abandonado e levado pelas ondas, levando a barbárie a um novo nível:

> — É Ele! É Ele!
> O círculo tornou-se uma ferradura. Uma coisa rastejava para fora da floresta. Era escura, indefinida. O grito agudo que surgiu ante o bicho parecia de dor. O bicho precipitou-se na ferradura.
> Matem o bicho! Cortem a garganta! Tirem o sangue! Acabem com ele! As lanças caíram e a boca do novo círculo tremulou e gritou.
> O bicho estava de joelhos no centro, os braços levantados sobre o rosto. Gritava — contra o ruído abominável — algo sobre um cadáver na montanha. O bicho tentou avançar, rompeu o círculo e caiu do lado íngreme da pedra, na areia à beira da água. (...)
> A massa se rompeu, algumas figuras se afastaram dela. Só o bicho ficou imóvel, a poucos metros do mar. Até sob a chuva podiam ver como o bicho era pequeno: seu sangue já estava manchando a areia. Um vento forte levou a chuva para um lado e para o outro, fazendo a água cascatear nas árvores da floresta. No cimo da montanha, o paraquedas inchou-se, mexeu-se: a figura resvalou, ficou de pé, girou, desceu, oscilando, na vastidão do ar chuvoso e roçou com seus pés inertes as copas das árvores mais altas; caindo, caindo sempre, rumou para a praia e os meninos fugiram, gritando na

> escuridão. O paraquedas levou a figura para a frente, abrindo um sulco na lagoa e a fez passar por cima do recife, mar afora. Por volta da meia-noite, a chuva parou, as nuvens sumiram, o céu se encheu novamente com as incríveis lâmpadas das estrelas. (...)
> A linha de fosforescências enfiou-se pelos grãos de areia e pequenos seixos; sustentou-os numa ondulação de tensão, depois aceitou-os subitamente com uma sílaba inaudível e prosseguiu. Ao longo da linha de charcos da costa, a claridade progressiva estava cheia de estranhas criaturas de corpos banhados de luar, com olhos ardentes. Aqui e ali uma pedrinha maior cobria-se com um manto de pérolas. A maré subia sobre a areia marcada pela chuva e suavizava tudo com uma camada de prata. Tocou a primeira das manchas que se originavam no corpo dilacerado e as criaturas formaram uma silhueta móvel de luz enquanto se reuniam na beira da água. A maré subiu mais e vestiu com seu brilho o cabelo crespo de Simon. (GOLDING, 2014, p.167-168)

Nesse momento, descortina-se o que Freud denomina de *narcisismo das pequenas diferenças* em que:

> A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. (...) Dei a esse fenômeno o nome de 'narcisismo das pequenas diferenças'(2010, p.81)

Ralph e Porquinho tentam, de todas as formas, convencer a si mesmos que não tiveram participação na selvageria e que só se encontravam no mesmo local para desfrutar da comida. O bando de Jack ganha cada vez mais força, já que as crianças assumem posição ao seu lado, pois o medo faz com que apoiem o mais forte. É o que Darwin (2009, p. 86) chama de *seleção natural*, a sobrevivência dos mais aptos e o poder acaba alimentando os instintos mais selvagens.

O clímax é atingido quando o bando de Jack rouba os óculos de Porquinho para fazer fogo. Os gêmeos Samieric (vistos o livro todo como se fossem um só), Porquinho e Ralph decidem apelar para racionalidade e se dirigem até a "fortaleza" de Jack para pedirem

os óculos de volta. O grupo de Ralph ainda acredita no diálogo e na civilidade, afinal, como Ralph afirma "Afinal, não somos selvagens. Somos ingleses e os ingleses são melhores em tudo. Logo, precisamos fazer as coisas certas." (2014, p.45). Entretanto, é inútil. Porquinho, que carrega o símbolo da democracia, é esmagado por uma pedra jogada por Roger, acabando, assim, com qualquer tentativa de viver em sociedade. Segundo Hobbes:

> (...) tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, o mesmo é válido também para o tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e sua própria invenção. Numa tal situação não há lugar para a indústria, pois seu fruto é incerto; consequentemente não há cultiva da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar; não há construções confortáveis, nem instrumentos para mover e remover as coisas que precisam de grande força; não há conhecimento da face da Terra, nem cômputo do tempo, nem artes, nem letras; não há sociedade; e o que é pior do que tudo, um constante temor e perigo de morte violenta. E a vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta. (2014, p.112)

Samieric são subjugados e obrigados a se juntar ao bando, restando a Ralph permanecer sozinho, lutando por sua sobrevivência. Os gêmeos avisam que ele será morto e que todos sairão a sua procura. Agora, a racionalidade é deixada de lado e a inteligência, que morreu com Porquinho, deixa de ser premiada. O que buscam é um líder forte que os proteja de seus medos. "*Homo homini lúpus* (o homem é o lobo do homem)." (FREUD, 2010, p.77)

Conforme afirma Rousseau "A força é um poder físico, não vejo que moralidade pode resultar de seus feitos. Ceder à força é um ato de necessidade, não de vontade; quando muito é um ato de prudência" (2017, p.26), ou seja, muitos se juntam a Jack por pura necessidade, medo ou prudência e não por compartilharem de seus ideais.

Entretanto, isso não os impede de caçar Ralph por toda a ilha à medida que a sede de matar de Jack aumenta, enquanto a ilha arde em chamas:

> Ralph gritou, um grito de medo, fúria e desespero. Suas pernas se esticaram, os gritos tornaram-se contínuos e espumantes de ódio. Lançou-se para a frente, pelo matagal, surgiu na clareira gritando, uivando, sangrando. Atirou a lança e o selvagem caiu. Desviou-se,

> enquanto uma lança errava o alvo e daí veio o silêncio, enquanto corria. Imediatamente, as luzes que faiscavam à frente dele fundiram-se, o rugido da floresta cresceu num trovão e um alto arbusto bem no seu caminho queimou numa imensa chama em forma de leque. Virou para a direita, correndo desesperadamente depressa, com o coração batendo no seu lado esquerdo e o fogo correndo para a frente como uma maré. O ulular cresceu por trás dele e se espalhou, uma série de gritos curtos e agudos, o chamado de aviso. Uma figura bronzeada apareceu à sua direita e caiu. Estavam todos correndo, gritando loucamente. Pôde ouvi-los caindo no mato e, à esquerda, havia o trovejar quente e brilhante do fogo. Esqueceu suas feridas, sua fome e sede e se tomou de medo; medo sem esperança, de pés que voavam, correndo pela floresta para a praia aberta. Ante seus olhos saltaram manchas que se transformaram em círculos vermelhos que se dilataram rapidamente até se perderem de vista. Suas pernas, sim, eram suas pernas que estavam ficando cansadas e o ulular desesperado progredia como uma franja dentada de ameaça, quase em cima dele. Tropeçou numa raiz e o grito que o perseguia ficou mais alto ainda. Viu uma cabana arder em chamas e o fogo adejar sobre seu ombro direito. Mas ali estava o brilho da água. Então caiu, rolou e rolou na areia quente, encolhido e com um braço levantado para se proteger, tentando gritar, num pedido de misericórdia. (GOLDING, 2014, p. 220-221)

A Ralph não resta mais nada senão fugir, esconder-se e lutar por sobrevivência. E o pior não acontece porque um grupo de marinheiros chega à praia, atraídos pela fumaça do incêndio. Ralph explica que só há crianças na ilha, que dois morreram e, finalmente, permite-se chorar:

> O oficial fez um gesto de assentimento, como se ele houvesse respondido a uma pergunta.
> — Há alguns adultos... algum adulto com você? Ralph sacudiu silenciosamente a cabeça. (...)
> O oficial examinou o pequeno espantalho à sua frente. O menino precisava de um banho, de um corte de cabelo, de uma assoada de nariz e de uma boa quantidade de unguento.
> — Ninguém morreu, espero. Há algum cadáver?
> — Só dois. E sumiram.
> O oficial inclinou-se para baixo e olhou bem de perto para Ralph.

— Dois? Assassinados?

Ralph concordou com um gesto. Atrás dele, toda a ilha estremecia em chamas. O oficial sabia, por ofício, quando as pessoas falavam a verdade. Assobiou baixinho. Outros meninos apareceram, alguns deles muito pequenos, bronzeados, com as barrigas protuberantes de pequenos selvagens. Um deles chegou perto do oficial e olhou para cima.

(...)

— Vamos levar vocês. Quantos são?

Ralph sacudiu a cabeça. O oficial olhou, além dele, para o grupo de meninos pintados.

— Quem é o chefe aqui?

— Eu — disse Ralph, em voz alta. Um menino que usava os restos de um extraordinário boné preto no cabelo ruivo e carregava o que sobrara de um par de óculos no pulso, adiantou-se, depois mudou de ideia e ficou quieto.

— Vimos sua fumaça. E você não sabe quantos são?

— Não.

— Eu imaginava... — começou o oficial enquanto pensava na busca que iria ser necessária. — Eu imaginava que um grupo de meninos britânicos... vocês são britânicos, não é?... seria capaz de apresentar um espetáculo melhor que esse... quero dizer...

— No começo foi tudo bem — disse Ralph —, antes que as coisas... Parou. — Estávamos reunidos então... O oficial concordava, animando-o.

— Eu sei. Uma coisa e tanto. Como a Ilha de Coral.

Ralph olhou-o em silêncio. Por um instante, vislumbrou uma imagem fugaz do estranho encanto que outrora dominara as praias. Mas a ilha estava carbonizada como lenha usada... Simon morrera... e Jack havia... As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces e soluços sacudiram-no. Pela primeira vez, desde que chegara à ilha, entregou-se ao choro; grandes e convulsivos espasmos de tristeza pareciam torcer todo o seu corpo. Sua voz elevou-se sob a fumaça negra diante dos restos incendiados da ilha; contagiados por aquela emoção, os outros meninos começaram a tremer e a soluçar. No meio deles, com o corpo sujo, cabelo emaranhado e nariz escorrendo, Ralph chorou pelo fim da inocência, pela escuridão do coração humano e pela queda no ar do verdadeiro e sábio amigo

> chamado Porquinho. O oficial, cercado por todo esse ruído, ficou emocionado e um pouco embaraçado. Virou-se para dar tempo a que se recuperassem. Esperou, deixando os olhos fixos no garboso cruzador a distância. (GOLDING, 2014, p.221-223)

e o oficial, encabulado, lhe dá espaço para que se recomponha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Lepore (2017) "A utopia is a planned society; planned societies are often disastrous; that's why utopias contain their own dystopias." É exatamente o que ocorre em o **Senhor das Moscas**. Os meninos criam, ao seu modo, uma organização hierárquica desde a base, promovendo uma eleição para a escolha do líder, exercendo a democracia. E essa democracia deveria funcionar como um mundo em que todos têm voz, o que foi muito bem representado no romance através da concha, assim como a sua destruição serve como metáfora para a morte da democracia e da sociedade. Na situação em que se encontravam, a sociedade que constroem é baseada na sobrevivência do mais apto e, nesse caso, o mais apto é o mais forte.

Embora o tema de garotos perdidos em uma ilha não fosse uma premissa pouco explorada na literatura, a roupagem e o tratamento dados ao tema são. Em **Robson Crusoé** e a **Ilha do tesouro** não há carnificina e barbárie cometidas por crianças e adolescentes. Golding usa o simbolismo do acidente aéreo e as crianças como alegorias para falar da natureza humana: Ralph representa a vontade de se viver em uma sociedade democrática; Porquinho é o detentor da sabedoria, Simon aparece como detentor da verdade, já que ele descobre a verdade sobre o *monstro* e encontra o *Senhor das Moscas:*

> Depois, as moscas descobriram Simon. Fartas, pousaram às margens dos riachos de suor e beberam. Fizeram cócegas sob as narinas e brincaram de pular sela nas suas coxas. Eram inúmeras, pretas e verdes iridescentes. Diante de Simon, o Senhor das Moscas estava pendurado na vara e sorria. Enfim, Simon desistiu e olhou; viu os dentes brancos e os olhos opacos, o sangue — e seu olhar esgazeado prendeu-se àquele reconhecimento antigo e irrecusável. Na têmpora direita de Simon, um latejar começou a golpear seu cérebro. (GOLDING, 2014, p.152)

Roger vai representar a regulação que a sociedade exerce sobre o homem, conforme Costa e Freud afirmam, respectivamente, em **O espelho da cultura** e **O mal-estar na civilização**.

A ilha não apenas vai servir de cenário para que a natureza humana se manifeste, mas também é como se estivesse viva, à medida que se mostra como um verdadeiro paraíso tropical, como se pode notar no trecho "Avançou para a ponta da plataforma que entrava pelo mar e ficou ali, olhando água adentro: clara até o fundo, a água brilhava com a eflorescência do coral e das algas tropicais." (GOLDING, 2014, p.12), logo que os meninos se instalam. Conforme a selvageria vai tomando grandes proporções, torna-se um ambiente escuro e opressor "(...) se enfiou pelas trepadeiras até chegar à escuridão da floresta. Andou sombriamente por entre os troncos, um rosto inexpressivo, com sangue seco em volta da boca e do queixo." (GOLDING, 2014, p. 160) e chega ao ápice da violência completamente em chamas, destruída, assim como os meninos que ali viveram, perderam a inocência e conheceram todas as mazelas da natureza humana.

Passado mais de meio século desde o seu lançamento, o **Senhor das Moscas** tem muito do mundo atual no que tange à maneira como as pessoas escolhem os seus líderes, seja pelo carisma, como a escolha de Ralph, ou pela força e ideias extremistas, o que levou Jack a se tornar o novo líder. A utopia que existia inicialmente para as crianças, com a ideia de viver em um mundo sem adultos, acaba sendo destruída por elas mesmas, à proporção que vão fazendo escolhas ruins. E, conforme afirma Lepore (2017), as distopias nada mais são que locais envenenados pela política polarizada em uma guerra por procuração de mundos imaginários. E é exatamente isso que se encontra em o **Senhor das Moscas.**

REFERÊNCIAS

COSTA, Freire Jurandir. *A ética e o espelho da cultura.* Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies.* Portugal: Planeta Vivo, 2009.

GOLDING, William. *Senhor das Moscas.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936).* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBES, Thomas. *Leviatã.* São Paulo: Martin Claret, 2014.

LEPORE, Jill. *"A golden age for dystopian fiction."* In: THE NEW YORKER https://www.newyorker.com/magazine/2017/06/05/a-golden-age-for-dystopian-fiction. Acessado em: 30 de maio de 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social.* Porto Alegre: LP&M, 2017.

Revivendo Luís de Camões: desconcerto do mundo, reflexão, renovação e relevância em sua lírica e épica[20]

André Carneiro Ramos (Unimontes)[21]

> (...) embora o tema de Camões seja o heroísmo português, o poeta está sempre a contabilizar o custo humano de tudo o que relata, e a sua profunda ambivalência reflete um gênio tão compadecido quanto corajoso.
>
> Harold Bloom (2003, p. 525).

Neste ensaio, procurarei através de um retorno a alguns pormenores da lírica e épica camoniana, ressaltar a importância de se trabalhar esses textos no sentido de mantê-los vivos, assim como seu criador. Ao se canonizar o autor d`*Os Lusíadas*, deve-se ter o cuidado para dele não afugentar os jovens das escolas brasileiras, em virtude de sua escrita inadvertidamente ser considerada *antiga*, tratando de temas de *difícil compreensão* hoje para alguns; tentarei, portanto, demonstrar o quanto Luís Vaz, ao se desvincular de sua aura mitológica, pode dos novos leitores se aproximar através de sua atualidade e humanidade. Vejamos.

O Renascimento inspirou-se na cultura clássica, recuperada através de certo número de signos esquecidos na Idade Média, o que resultou na aceitação das formas artísticas bem como o espírito greco-latino. Mas o entusiasmo pela novidade gerou uma cultura fincada no clássico, na contramão do Teocentrismo medievo valorizando sobremaneira a razão, a partir daí utilizada para cada vez mais se dominar a natureza. Nessa linha, o protagonismo do homem aliado à adoção de novos referenciais (literários, inclusive) ajudariam a fundar o que se denomina também por Humanismo/Classicismo.

---

[20] Citar como: A.C. Ramos, "Revivendo Luís de Camões: desconcerto do mundo, reflexão, renovação e relevância em sua lírica e épica", Revista Arigó, 1, 82-95, (2020)

[21] Autor correspondente: andremacartney@hotmal.com

Em se tratando de Portugal, essa atmosfera não se delineou apenas pelo contato com tais valores, mas também por outros que lhe foram característicos. Refiro-me à incisiva transformação decorrente das grandes navegações e os consequentes *descobrimentos*, que para além de revelarem um mundo novo aos portugueses acabou por transformá-los existencial e ideologicamente, sem contar no quanto as inovações científicas, técnicas e geográficas que tiveram em decorrência disso contribuíram para sua ascensão econômica.

Todavia, a partir desse trânsito Portugal abandonou quase por completo a agricultura, associando-se a uma série de vícios que, com o tempo, degradariam bastante sua soberania. E o criador que mais claramente reverberou essa problemática foi Luís Vaz de Camões (1524 [?] - 1580): humanista e apaixonado, soldado e viajante, poeta que melhor representou a culminância e a síntese do Renascimento português, potencializando também parte da literatura do século XVI.

Fruto dessa ampla e profunda experiência de vida é sua obra, composta por uma parte lírica[22], com as *Rimas* (lírica tradicional, sonetos, églogas, canções, etc.), e uma parte épica, representada pela riqueza d´*Os Lusíadas,* e o seu teatro, com *Auto de Filodemo*, *Auto dos Enfatriões* e o *Auto del-Rei Seleuco.*

A questão é que Camões foi, antes de qualquer atributo, um preciso observador de seu tempo. A obra que escreveu emulou/reinventou[23] as correntes estéticas e filosóficas seiscentistas, especialmente o Horacionismo segundo Márcia Arruda Franco, bem como o Petrarquismo, o Platonismo e o consequente Neoplatonismo, informação que pode ser devidamente comprovada em sua lírica com os desdobramentos temáticos do contrassenso,

[22] Uma ressalva: desde que em 1595 apareceu o primeiro *corpus* camoniano, publicado por Fernão Rodrigues Lobo Soropita, o mesmo acabaria incrementado com novas contribuições de diferentes editores até o século XIX (com o manuscrito do Visconde de Juromenha), sendo que até hoje muitos críticos divergem quanto ao seu verdadeiro conteúdo. Sobre isso, faz-se crucial o trabalho realizado pelo professor Leodegário de Azevedo Filho, que por muitos anos expurgou todos os equívocos atribuídos ao poeta, no sentido de ratificar a lírica que Camões verdadeiramente compôs (RODRIGUES, 2006, p. 21).

[23] A *Imitatio* enquanto exercício de composição escrita engloba a tradução e a paráfrase, porém, delas se destaca como emulação ou interpretação e refundição do modelo, pois agrega a seus temas e imagens não apenas sentidos históricos, meio à revelia do poeta, presentes na tradução e na paráfrase, mas outros sentidos inventados por seu engenho e arte. Não se trata de cópia nem de imitação servil ou humilde: pelo leque de citações poéticas e por meio da reinvenção do sentido do lugar comum, adotando o processo criativo da imitação, o poeta mais recente pretende impor a sua perspicácia e a sua técnica poética, como emulação ou superação do modelo (...) (FRANCO *in*: AGUIAR E SILVA, 2011, s/p.).

desconcerto do mundo e disparidades da existência. Sobre o Platonismo, por exemplo, verifiquemos parte da anotação de José Hermano Saraiva extraída de sua análise da ode 8 (...-6) *Pode um desejo imenso*[24]:

> Sob as roupagens filosóficas que o envolvem, pressente-se neste ataque um movimento triunfal, o incontido ufanismo de quem, enfim, superou limitações, *nódoas do terreno manto*, e atingiu algo que para ele fora um desejo imenso. Em termos filosóficos, trata-se apenas da superação de uma visão contingente da conquista da altura, donde tudo se contempla com olhos imortais. (S/d, p. 170-1).

Na sequência, vale mencionar que o Renascimento primava bastante pela conceituação platônica, daí resultando a noção de *mulher ideal*, musa da poesia lírica que Camões tanto evocava. Porém, qualquer oferenda de um amor para além do desejo só poderia ser compreensível no/pelo *mundo das ideias*, com sua imagem jamais sendo rebaixada ao *mundo das sombras*, isso porque os poetas já tinham se desapegado do desejo de posse, algo *extra carnalidade*. Só que a lírica camoniana é o avesso do avesso disso tudo: atração física e desapego; desejo ardente e amor sublimado; apelo dos sentidos e amor platônico. A contradição da lírica camoniana é o bel-prazer que se mostra controlado (será?) pela racionalidade.

Contudo o poeta, muito embora buscasse o ideal e a perfeição, deparava-se constantemente com a insignificância humana (cito: *Contra um bicho da terra tão pequeno*[25] no Canto I, estrofe 106, d´*Os Lusíadas*). Nessa dinâmica, Camões chega à conclusão de que não tal absoluto poderia ser questionado, restando-lhe divagar sobre o real e o ideal, o eterno e o transitório, a vida e a morte; da fricção entre esses pares é que se materializará uma espécie de ponto de equilíbrio entre sua lógica e seu sentimento:

[24] Segue o fragmento comentado: "Pode um desejo imenso / Arder no peito tanto, / Que à branda e à vida alma o fogo intenso / Lhe gaste as nód[o]as do terreno manto, / E purifique em tanta alteza o esprito / Com olhos imortais, / Que faz que leia mais do que vê escrito/ (...)" (CAMÕES, 1963, p. 341).

[25] Segue o famoso trecho: "No mar tanta tormenta e tanto dano, / Tantas vezes a morte apercebida, / Na terra tanta guerra, tanto engano, / Tanta necessidade avorrecida! / Onde pode acolher-se um fraco humano, / onde terá segura a curta vida, / que não se arme e se indigne o Céu sereno/ Contra um bicho da terra tão pequeno?". (IDEM, p. 33).

> Amor é um fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói, e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer. (...) / É querer estar preso por vontade; / É servir a quem vence, o vencedor; / É ter com quem nos mata, lealdade. / Mas como causar pode a seu favor / Nos corações humanos amizade, / Se tão contrário a si é o mesmo Amor? (CAMÕES, 1963, p. 270).

O referido soneto (aqui um fragmento), clássico e popular pelas figuras de linguagem empregadas (antíteses e oximoros), é considerado uma espécie de paradigma quando o assunto é o desconcerto do mundo em Camões. Através dele não nos vinculamos a uma definição imediata do objeto contraditório e paradoxal que o poeta pretendeu investigar: o amor.

Se por um lado a relação amorosa é algo mesmo irrealizável, com o objeto do desejo se firmando inatingível; por outro, ao descrever a mulher amada, o eu-lírico emprega meios que a faz migrar do plano sensível para o inteligível. Assim desperta/revive/relembra um conhecimento deveras olvidado, seja em direção ao visceralmente sentido (rente à matéria), ou em vias do intelecto (rumo ao divino), com toda essa força da natureza e mistério confluindo num irretocável mote (neo)platônico por excelência. Desse modo o poeta, em meio a tais formas sinuosas e conflituosas, enquanto protagonista de uma real tensão, perderá por vezes ainda a própria identidade: *Transforma-se o amador na cousa amada, / Por virtude do muito imaginar; / Não tenho, logo, mais que desejar, / Pois em mim tenho a parte desejada. / Se nela está minha alma transformada, / Que mais deseja o corpo de alcançar?* (CAMÕES, 1963, p. 301). Ou, ainda, reverberando dilemas próprios e, notadamente, existenciais: *Mas em vida tão escassa / Que esperança será forte? / Fraqueza da humana sorte, / Que quanto da vida passa / Está recitando a morte!* (IDEM, p. 499).

Eis então o amor retrabalhado não só como símbolo do desejo, mas também causador dos *desconcertos* a que ainda hoje estamos submetidos, os mesmos que o homem-Camões vivia. Evoluímos no pensamento, todavia ainda haveremos de nos reconhecer nessa luta de si contra si em todas as contradições e paradoxos que encurralam os sentidos humanos. Por isso posso afirmar, citando Saraiva & Lopes (2001, p. 322), que Camões erige

em grande parte de sua lírica *(...) um esboço da própria marcha de dois pés, o pé do real e o pé do ideal, (...) das ânsias em que o desejo vai, afinal, constantemente recriando como coisa humana.*

Essa reflexão nos leva a outra, espraiada num campo maior dessa *coisa humana*, algo mais filosófico até sobre quem foi Luís Vaz. Nessa direção, muito do que for aqui mencionado serão conjecturas, e só por se indagar acerca de um homem-poeta factual de séculos atrás, trazendo-o para o hoje, já nos faz a empreitada ter sentido. E o que se apresentou forte até agora também foi a ideia de Camões enquanto um sacrossanto-herói em seu país, com tal imagem reverberando para outros sítios; nessa base, até que poderia pautar este ensaio em torno da noção do trágico, tendo como premissa o poeta como um sujeito que, ao pavimentar o próprio caminho, descobriria o quão ilógica/*desconcertante* é a vida:

> Os bons vi sempre passar / No mundo graves tormentos; / E pera mais me espantar, / Os maus vi sempre nadar / Em mar de contentamentos. / Cuidando alcançar assi[m] / O bem tão mal ordenado, / Fui mau, mas fui castigado, / Assi[m] que só pera mi[m] / Anda o mundo concertado. (CAMÕES, 1963, p. 475-6).

Por ser um homem de seu tempo, era um visionário e, convenhamos: o mais difícil para um artista é a sua necessidade de manter-se contemporâneo em sua era, indo ao encontro de suas prospecções ou as rasurando, dependendo da proposta estética que escolher. Podemos pensar que o positivo de uma geração de poetas é o fato de que em certa maneira todos afundarão numa coletividade geracional. Mas isso não ocorreu com Camões, que inclusive não se destacou tanto em sua época se pararmos para pensar.

Ele se projetaria futuramente, no hoje, acentuando sua dramática perspectiva. José Saramago muito bem trabalhou tal enfoque em sua peça *Que farei com este livro?* (1980) tratando da problemática que envolveu a publicação d´*Os Lusíadas* em 1572. Camões sofreu bastante com o fardo da extensa obra que escrevera, angustiado com a possibilidade de não conseguir vê-la materializada. Registros históricos atestam o ocorrido e Saramago evidenciou muito bem esse dilema de Luís Vaz, inclusive em relação às dificuldades financeiras pelas quais passou:

> DIOGO DO COUTO: (Falando de fora) Luís Vaz mora nesta casa?
> ANA DE SÁ: (Abrindo a porta) Nesta mesma. Vós, quem sois?
> DIOGO DO COUTO: Diogo do Couto, amigo e companheiro de vosso filho, para vos servir.
> ANA DE SÁ: Vos sois Diogo do Couto? Entrai. E não repareis na pobreza da casa, que é de mulher velha e viúva. E, se não fica mal dizer, só desde há duas semanas mãe outra vez.
> DIOGO DO COUTO: Senhora, de casas pobres falais com homem de muita experiência que não viveu em palácios, ou quando neles habitou não foi em salas e aposentos principais. Tal como vosso filho.
> ANA DE SÁ: Sentai-vos, sentai-vos. Deixai que olhe bem o rosto do amigo do meu Luís. (SARAMAGO, 1998, p. 27).

Eis que a literatura nos faz enxergar o quanto realmente existiu um homem de carne e osso por detrás da alegoria-Camões; alguém por vezes angustiado, que também conseguia se aproveitar de seus percalços, externalizando-os em versos. E a constatação de que ele respirou como nós o destitui um pouco dessa sua aura, endeusada por um país que no futuro abraçaria tal imagem feito símbolo a ponto de torná-lo um pilar envolto em vitórias, com o Estado Novo português (de 1933 a 1974), encabeçado por António de Oliveira Salazar[26], apropriando-se muito bem de tal significância a ponto de correlacioná-la aos feitos de um Portugal pretérito e vitorioso; assim, o legado desse Camões-ideia (o herói) se veria quase que em segundo plano: o mais importante era a fratura grandiloquente do poeta, que se sacrificou de todas as formas possíveis em nome de sua nação-império.

Entretanto, podemos pensar no quanto mais este homem-Camões se vinculou à humanidade por ele sentida, espelhando todo um peso do conhecimento a partir das reflexões que elaborava, isso a partir de toda a dor da existência que almejava transmitir pelo crivo poético; toda essa substância, muito embora individual, descamba também para uma

[26] Presidente (leia-se: ditador) do então instituído Ministério português, entre 1932-33, perpetuando-se em seguida como Presidente do Conselho de Ministros por 35 anos (1933-68). Adotando uma postura autoritária e excessivamente nacionalista – de inspiração livremente hitlerista –, intensificou a propaganda interna em seu país de uma realidade falseada, ao valorizar o tríptico Deus-pátria-família, intensificando a repressão (com o uso de sua polícia política, conhecida como PIDE) a quem dele discordasse. Todo esse posicionamento levaria Portugal a um peremptório declínio, associado ao isolacionismo propagado desde sempre pela política salazarista de cunho excessivamente agrária, inclusive com foco na exploração das colônias africanas, que só tiveram sua independência assegurada à partir de 1975, com a Revolução dos Cravos em Portugal marcando o fim de todo esse sufocante período.

espécie de resgate dos valores de seu povo e sua terra, que o poeta desde sempre engrandeceu:

> No mundo poucos anos, e cansados, / Vivi, cheios de vil miséria dura: / Foi-me tão cedo a luz do dia escura, / Que não vi cinco lustros acabados. / Corri terras e mares apartados, / Buscando à vida algum remédio ou cura; / Mas aquilo que, enfim, não quer Ventura, / Não o alcançam trabalhos arriscados. / Criou-me Portugal na verde e cara / Pátria minha Alanquer; mas ar corruto, / Que neste meu terreno vaso tinha, / Me fêz manjar de pe[i]xes em ti, bruto / Mar, que bates na Abássia fera e avara, / Tão longe da ditosa Pátria minha! (CAMÕES, 1963, p. 285).

E na mesma medida, apresentam-se os erros ancestrais de um Portugal que à época das grandes navegações se deixaram ainda mais agravar. Ora bem: o poeta acaba tomando para si, sem exagero, um devir de homens e deuses. Ao se tornar herói para além daquilo que escreveu, necessitou colocar-se inteiro em cada linha, e isso o fez se aproximar do delírio do saber; podemos pensar, então, no quanto tentou fugir desse destino, através de suas batalhas, amores vividos, exílios, prisões; mas em cada escapada contraditoriamente se aproximava mais e mais de seu *outro* eu, o Camões-ideia mitológico.

Como decorrência disso: hoje, quando se tenta alinhavar Luís Vaz de Camões para o mais perto possível de nós, esbarramos em alguns entraves. Aos leitores contumazes, que com livros e escritores procuram sempre se cercar, a tarefa pode parecer menos complexa. Então: e aqueles que não se importam com o poeta, muito menos com a recepção de seus versos?

É sabido que se trata de um esforço de atenção a construção da ideia que frutifica a partir do reconhecimento/entendimento de um soneto camoniano, em sua complexidade argumentativa. A experiência estética é coisa sem igual, todavia, a reflexão sugerida, o mergulho na diferente atmosfera apresentada por cada estrofe, com suas especificidades linguísticas e culturais do século XVI, fator esse que se desdobra por vezes em espelhamentos contemporâneos, tudo se edifica sob a condição de um ávido jogo entre código e destinatário. Para tanto, devemos no mínimo estar propensos à decodificação de tal mensagem.

Ressalte-se que no Brasil a leitura é um tema deveras problemático. Se a questão fosse melhor trabalhada, talvez boa parte das vicissitudes sociais hoje enfrentadas tivesse um impacto menos acentuado. Utopias à parte, o fato é que o trabalho com o letramento literário nas escolas, com seus desdobramentos em múltiplas modalidades, é algo imprescindível na formação/manutenção de novos e atuantes leitores, o que certamente minimizaria a periférica condição que nos impetrada desde sempre, engrossando o caldo de uma subserviência não somente social, mas cultural-epistêmica[27] também. Alinhavando esse atroz panorama, Marta Morais da Costa salienta que:

> (...) 75% dos brasileiros são ou analfabetos absolutos, ou funcionais, isto é, pouco ou nada entendem do que lêem. Também proliferam os estudos sobre a valorização do livro, ou dos textos em geral, em suportes os mais diversos, como o computador, a publicidade, a letra de canções, o jornal, rótulos de embalagens, correspondências, receitas de bolos, enfim, todos os gêneros em que se veiculam textos na sociedade humana em tempos de comunicação absoluta. (...) a batalha se trava no terreno da capacidade de compreender os textos lidos. Essa capacidade é aprendida na interação com os textos e, principalmente, na interação com outros leitores. É muita pretensão imaginar que o leitor construa sentidos para os textos apenas a partir de si mesmo, ou de um repertório desimportante e ralo. Toda aprendizagem é um ato interacional. (2006, p. 131).

Ocorre que em muitos casos, num espaço propriamente escolar, os próprios professores (nem todos, ressalte-se) não se disporiam a um trabalho pleno de leitura a partir de textos camonianos. E tal expediente seguiria se intensificando por aqui, com a utilização precária do autor[28]. O desafio é como mudar essa dinâmica, tanto no ensino médio quanto no superior (para quem cursa Letras). Saliento que as dificuldades quase sempre são as mesmas, e o motivo também: falta de leitura. Os alunos da graduação, em sua grande maioria,

[27] Sobre o assunto, indico a leitura de: SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In:* SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010.

[28] Que até bem pouco tempo servia apenas como pretexto para se ensinar análise sintática, a partir de alguns fragmentos retirados d'*Os Lusíadas*. Atualmente, nem isso mais ocorre, dado o nível de despreparo mesmo de muitos professores de língua portuguesa.

chegam com esse *déficit* e uma vez mais pergunto: como suplantar tal problema? Nesse sentido, a peculiar atualidade de Camões pode muito bem ser um apropriado começo.

E é sempre uma satisfação pensar em modos de se reviver Camões (que em nada seria *desimportante e ralo*, pelo contrário), para assim trazê-lo de volta à vida em cada linha sua devorada. Luís Vaz certamente se sentirá feliz e útil em sua poesia, por meio dela interagindo com outras modalidades/eventos de leitura, tais como o cinema (com filmes sobre a época das grandes navegações, por exemplo), incitando a promoção de posteriores debates; a elaboração e encenação (foco nos aspectos cênicos e diálogos) de peças de teatro, de preferência feitas pelos próprios alunos, a partir de episódios escolhidos d'*Os Lusíadas*; leituras dramatizadas de trechos substanciais da referida peça *Que farei com este livro?*, de José Saramago, enfatizando a perspectiva mundana do poeta; no trabalho com a música Monte Castelo, da banda brasileira de Rock *Legião Urbana*, que a seu modo *pop* atualizou o soneto *Amor é fogo que arde sem se ver*, mesclando-o a trechos da Bíblia; apresentações em grupo, orais e visuais, com o uso de slides, vídeos gravados com entrevistas sobre o poeta e as percepções de seus leitores em todas as idades; celebração do Dia de Portugal, de Camões, e das Comunidades Portuguesas (10 de junho), talvez organizando um evento[29] de letramento literário convocando os discentes para a elaboração/apresentação de cartazes com desenhos em homenagem ao poeta e declamação de alguns poemas, etc. Na verdade, são muitos os afazeres, todos partindo da leitura de um Camões vivo.

Nessa linha, no tocante à sua épica, todo o trabalho feito é, convenhamos, genial. O povo luso é seu herói, fazendo-se presente através de intrépidos navegantes que rasgaram o mar desapegados de tudo, até do próprio viver. Assim, a convocação dessa viagem é um convite ao sonho, e torná-la real foi uma aventura infinita. Por isso que Camões consagrou a sua imagem também como a de um eterno viajante (SALGADO JÚNIOR *in:* CAMÕES, 1963, p. 45-8) tendo, inclusive, nos idos de 1553-1555, refeito a própria rota de Vasco da Gama.

[29] Que bem poderia ser ampliado para um projeto interdisciplinar, envolvendo Geografia e História por exemplo.

Num plano geral, o que vemos em *Os Lusíadas* se vincula mesmo a toda essa ideologia mencionada do século XVI: seu épico liga-se a uma nobreza associada a hábitos não só guerreiros, mas expansionistas, numa busca desenfreada por riqueza e segurança econômica para os lusos; tal ânsia pelo colonialismo foi o mais sério motor dessa empreitada, e assim aparece na obra, não tanto como se pode deduzir de seu contexto histórico, isso porque se nota uma reflexão de cunho *desconcertante* (e ambígua) acerca dos destinos de uma pátria que se comprometeria abusivamente com a ação dos descobrimentos.

> E também as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé [e] o Império, e as terras viciosas / De África e de Ásia andaram devastando, E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando: / Cantando espalharei por toda parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (IDEM, p. 9).

Em outra face da mesma moeda, a fala do Velho do Restelo (Canto IV, estrofes 94-97) é uma crítica marcante a isso tudo, pois a campanha também se revelou custosa demais em vidas humanas e outras desgraças (LOURENÇO, 1999, p. 61). Tal discurso é proferido no momento em que Vasco da Gama conta ao rei de Melinde (destinatário de toda a narração) a ocasião em que sua armada partia de Portugal rumo à Índia:

> - Ó glória de mandar! Ó vã cobiça / Desta vaidade, a quem chamamos Fama! / Ó fraudulento gosto, que se atiça / Cua aura popular, que honra se chama! / Que castigo tamanho e que justiça / Fazes no peito vão que muito te ama! / Que mortes, que perigos, que tormentas, / Que crueldades neles exprimentas! (IBIDEM, p. 112).

Uma leitura atenta desse episódio, junto ao do Gigante Adamastor (Canto V)[30], aponta para uma crítica pertinaz ao expansionismo. Todavia, é certo que há também outro significado épico em *Os Lusíadas*, e que se liga aos valores culturais do período. Refiro-me

[30] Leia-se a estrofe 41: "E disse: - Ó gente ousada, mais que quantas / No mundo cometeram grandes cousas, / Tu, que por guerras cruas, tais e tantas, E por trabalhos vãos nunca repousas, / Pois os vedados términos quebrantas / E navegar meus longos mares ousas, / Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho, Nunca arados de estranho ou próprio lenho:" (CAMÕES, 1963, p. 123).

concretamente ao nexo da obra como motivo de exaltação do esforço e valor humano que, muitas vezes, impõe-se ao rigor dos elementos; somos levados a crer na vitória do homem por sobre a natureza, algo obtido através da constante evolução do conhecimento científico a partir da observação direta dos fatos, bem como das experiências avaliadas.

O curioso é ainda a insistente imagem/fala do Velho do Restelo, teimando em relativizar tais questões como se apontasse para um *desconcerto do mundo* à sua volta. Isso reforça a noção de que por conta de toda essa *engenhosidade aliada à arte*, Camões seguiria em seu tempo avesso a quaisquer classificações, incapazes que são de darem conta dessa atualíssima poética.

Nota-se que a variação temática da obra poética de Luís Vaz de Camões até aqui apresentada revela um sujeito de nervos e sonhos, que vivenciou intensamente o momento histórico seiscentista; seus conflitos sociais e pessoais seguem, nunca é demais afirmar, registrados em seus versos: instantâneos deste mundo em transição[31], em constante *desconcerto*.

Pensar em futuro quando o assunto é Camões, essa é a nossa proposição final, já que uma situação das mais complexas para o professor de literatura hoje, como mencionado, é manter vivo o interesse de seus alunos pelo autor de *Os Lusíadas*. Isso talvez pareça estranho, pois representaria para muitos um *envelhecimento* do poeta em meio às inovações tecnológicas oferecidas pelo século XXI. Nesse caso, poderíamos até mesmo ampliar o tema da questão e indagar qual o sentido da poesia camoniana no agora, cuja resposta soprará em uníssono três motes: reflexão, renovação e relevância.

Em verdade, a poesia como um todo não precisa da gente, e isso é um fato mais do que consumado: nós é que dela avidamente necessitamos. E aqui se firma a ideia de *reflexão* (mote nº 1) em se tratando de Camões, pois seus versos estão aí, modernamente espalhados na cultura lusófona, presentificados em nosso dia a dia não somente pela visceralidade oferecida por canções de Rock, como pela nítida ideia de *luz e beleza* que contém. O desafio maior, então, é encontrar maneiras de se propalar algumas chaves de compreensão

[31] Aproveitando a oportunidade, menciono um fragmento da portentosa análise feita por João Adolfo Hansen, intitulada *A máquina do mundo*. Segue: "A poesia de Camões não é um reflexo do seu mundo, mas um meio simbólico que põe em cena as figuras relevantes do seu presente, estabelecendo relações entre a experiência do passado e a expectativa do futuro" (*in*: NOVAES, 2005, p. 160).

camoniana para os alunos (com a temática do *desconcerto do mundo* sendo um dos mais interessantes e atuais, sem dúvida).

Nesse quesito, a reflexão mencionada já se instaura na primeira pergunta a se fazer: como ler *Os Lusíadas* hoje, por exemplo? Tal indagação abre espaço para a proposta de Wolfgang Iser, que ao abordar a noção de *jogo do texto* (*in*: LIMA, 2002, p. 116) sinalizou que a obra literária não seria um mero espetáculo observado pelo leitor, mas um acontecimento provocativo, a suscitar um envolvimento de sua parte naquilo que considera como encenação; e tal jogo pode e deve ser cumprido individualmente por cada leitor, que ao realizá-lo produziria um suplemento único: o sentido do texto.

A par de todas as considerações até agora, imaginar um Luís Vaz de *carne e osso* pode surtir um efeito positivo nos jovens que, curiosos acerca do gênio, procurariam conhecer, de modo mais abrangente, sua obra, bem como o quanto nela o homem-Camões se desnudou.

Outras formas de despertar essa curiosidade, como adendo às já mencionadas, coaduna-se aos trabalhos com textos e autores contemporâneos que dialogam diretamente com a obra camoniana (menciono brevemente três sugestões: o poema *Tríptico*, do livro *A colher na boca*, 1961/2006, bem como o incrível conto *Teorema*, do livro *Os passos em volta*, 1964/2005, ambos de Herberto Helder; ou alguns dos reflexivos poemas do livro *Signos de Camões*, 2013, de Luis Maffei).

E também, porque não se pensar numa *renovação* (mote n° 2) da ideia que fazemos do poeta e seus escritos, contextualizando-os com a situação de colapso político hoje vivenciada nas Américas, especialmente nos Estados Unidos e Brasil[32], com suas dicotômicas contendas? A ideia seria destacar uma estrofe potencial de *Os Lusíadas* para, após uma leitura atenta, averiguar de que modo seus versos repercutiriam nossa atualidade:

> Por meio destes hórridos perigos, / Destes trabalhos graves e temores, / Alcançam os que são de fama amigos / As honras imortais e graus maiores: / Não encostados sempre nos antigos / Troncos nobres de seus antecessores; / Não nos leitos dourados,

[32] Contextualizando: enquanto escrevo este ensaio, vivemos o ano de 2020 em meio aos mandatos presidenciais de Donald Trump e Jair Bolsonaro, cujas insensatas administrações agravaram problemas de ordem socioeconômica e ideológica (especialmente no Brasil), ainda mais com a pandemia da Covid-19.

> entre os finos / Animais de Moscóvia zibelinos; (CAMÕES, 1963, p. 160).

Para concluir: todo e qualquer diálogo resultante poderia se estabelecer a partir da constatação de que o poeta segue glorificando os feitos da armada portuguesa, que conseguiu com valentia ultrapassar perigos e cruzar *mares nunca dantes navegados*. Mas não apenas isso. Para os nossos dias, a lição que se apreende da mencionada estrofe é a de sabermos tomar as rédeas de nossas vidas e futuro, para que não dependamos dos *antigos troncos nobres de nossos antecessores*; a *relevância* (mote nº 3) disso tudo se alia ao fato de um poeta desse quilate ainda se fazer ouvir, mesmo passando por muitas desconstruções. Na verdade, ele – e o que sua obra fez e faz pensar (e sentir) – ainda consegue produzir jogos e sentidos diversos nos leitores. A força de sua lírica e sua épica – cuja recepção impõe obstáculos, como se viu – reinventa-se na produtiva capacidade de diálogo com outras produções literárias e linguagens para assim estabelecer, na contemporaneidade, importantes pontos de ancoragem.

Devemos, portanto, desenterrar o poeta das areias de um saudosismo melancólico lusitano para, nesse esforço, fazê-lo novamente respirar como Luiz Vaz, homem-poeta com nervos e sonhos, que não se rendia às vicissitudes de sua era, e que no hoje tem sua obra por vezes revivida à custa de um rico trabalho de leitura, algo ao mesmo tempo prazeroso e vigoroso. Camões é um deleite estético que comprova o dizer aristotélico de que todo poema é um animal indomável.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel (org.). *Dicionário de Luís de Camões*. Alfragide-Portugal: Editorial Caminho, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa, volume único*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.

BLOOM, Harold. *Gênio: os cem autores mais criativos da história da literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: GB. Companhia Aguilar Editora, 1963.

COSTA, Marta Morais da. *Mapa do mundo: crônicas de aprendiz*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006.

HELDER, Herberto. *Os passos em volta*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

LIMA, Luiz Costa (seleção, coordenação e tradução). *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MAFFEI, Luis. *Signos de Camões*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

NOVAES, Adauto (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Marina Machado. *Camões e os poetas do século XVI*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SARAIVA, Antonio José & LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª ed. corrigida e atualizada. Porto: Porto Editora, 2001.

SARAIVA, José Hermano. *Vida Ignorada de Camões*. 2ª ed. revista e aumentada. Publicações Europa-América: Lisboa, s/d.

SARAMAGO, José. *Que farei com este livro?* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Relatos Historiográficos

Volta Redonda e os seus espações culturais: memória, história e herança[33]

Djalma Augusto dos Santos Mello

A História de Volta Redonda foi forjada não só na aciaria, mas também fora da Companhia Siderúrgica Nacional através dos seus símbolos arquitetônicos que fomentam a cultura na Cidade do Aço. Nascida através de um acordo entre os presidentes Franklin D. Roosevelt e Getúlio Vargas em um encontro em Natal, - capital do Rio Grande do Norte, - Vargas forneceu uma base para as tropas estadunidenses para combaterem os nazi-fascistas na África Saariana e o Brasil teve a sua usina. Antes da emancipação de Volta Redonda enquanto território barra-mansense, a História de Volta Redonda era a História de Barra Mansa, território com uma cultura agrícola e simbolizada com a chaminé que se encontra entre o bairro Aterrado e Nossa Senhora das Graças e datado em 1903.

Naquele momento Volta Redonda produzia aguardente com o engenho e de vital importância para a economia de Barra Mansa após a Abolição da Escravatura em 1888. Em 1885 a Princesa Isabel e o Conde D'Eu estiveram na inauguração da segunda estação de trem de Barra Mansa e a primeira em Volta Redonda, tendo a ilustre presença do historiador Capistrano de Abreu. Hoje não temos mais a estação de Volta Redonda, mas temos o marco zero da cidade que é a chaminé e tombada como patrimônio histórico do município.

Após a chegada dos arigós, imigrantes que vieram das Minas Gerais, São Paulo, Nordeste e do interior fluminense, a cidade de Volta Redonda foi sendo moldada esteticamente em um padrão norte-americano e observado pelo então derrotado em 1960 durante a corrida pela Casa Branca Richard Nixon ao comparar a Cidade do Aço com Pittisburgh, cidade também industrial.4

O modelo estético de Volta Redonda ganhava ares do Modernismo Arquitetônico, sob forte influência de Oscar Niemeyer. A Vila Santa Cecília se tornou um corredor modernista do arquiteto Attilio Corrêa Lima com o Cine 9 de Abril em 1985, o Banco do Brasil projetado por Oscar Niemeyer, a Praça Brasil com a imagem da figura histórica mais importante de Volta Redonda Getúlio Vargas, o obelisco que simboliza uma importante vitória desde os tempos do Egito Antigo e popularizado na Roma Antiga, diante de duas

[33] Citar como: D. A. dos Santos Mello, *"Volta redonda e os seus espaços culturais: memória, história e herança"*, Revista Arigó, **1**, 97-98, (2020)

matronas que materializavam a ideia de uma usina acolhedora, materna e que pariu a cidade. Na mesma praça, temos a estátua de um operário na aciaria, o típico peão da CSN que ajudou a construir a imagem da CSN diante do capitalismo moderno. O Posto de Puericultura com os seus tijolos ingleses, tombado em 1992 é um marco na saúde pública do município. Desde a criação das leis de incentivo ao tombamento dos bens naturais, materiais e imateriais com o Secretário de Cultura Gustavo Capanema com a criação do SPHAN- Serviço de Patrimônio Histórico Artístico Nacional atual IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, além do Inepac.

Turismo e História Cultural de Volta Redonda

Ao longo dos anos, Volta Redonda tem sido citada como cidade para o turismo empresarial por causa da Companhia Siderúrgica Nacional e empresas de pequeno porte no município, porém a cidade tem atrativos culturais que podem impulsionar a economia criativa como a visitação guiada para os bens tombados e não tombados. Os visitantes do Estado do Rio de Janeiro podem se beneficiarem do programa implementado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro o Turismo Consciente fomentando as cidades fluminenses. O legado cultural de Volta Redonda pode ser um atrativo para os moradores do município de todas as idades, turistas de todo o Estado pós Covid-19. O turismo cultural e patrimonial pode perfeitamente serem encarados como educação patrimonial teórico e prático nas escolas e inseridos como conteúdo programático. Para os Ensinos Fundamental II e Ensino Médio na rede pública, a História dos Patrimônios Materiais ensinado pelos Professores de História com Antropologia, Conjuntos Arquitetônicos e suas características e Arqueologia no Brasil e em Volta Redonda; Professores de Geografia sobre o os bens naturais tombados e não tombados no Brasil e o Rio Paraíba e Sociologia sobre preservação de bens para a sociedade lembrar das suas origens.

Referências bibliográficas:

COSTA, Flávia Roberta. Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação. Ed. Senac, São Paulo, SP. 2009;

CURY, Maria Zida Ferreira. Horizontes Modernistas. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, MG. 1998

Os percursos historiográficos de um historiador: novas perspectivas sobre o Vale do Café[34]

Antonio Carlos da Silva[35] (UGB)

Ao longo de seus estudos todo historiador segue por caminhos cada vez mais profundos, em busca de respostas que satisfaçam sua curiosidade, ferramenta principal em nosso ofício. As muitas leituras que fazemos servem de base para que possamos trilhar nosso próprio caminho, mesmo que às vezes surja a necessidade de revisitar algumas obras várias vezes. Existem trabalhos que nos marcar de forma muito especial, às vezes pelo brilhantismo do escritor, outras vezes pela profundidade do tema e até mesmo por modismos de ocasião. Entretanto, podemos afirmar que os trabalhos mais interessantes são aqueles que nos sugerem novos questionamentos, que nos dão base de informações, mas abrem espaços para interpretações e nos colocam de frente com problemas historiográficos ainda não resolvidos. Foi assim que, lendo a importante obra dos historiadores Lúcia Bastos e Humberto Machado[36] decidimos mergulhar nos estudos sobre o período imperial brasileiro. Com linguagem clara e objetiva os autores nos transportam pelos caminhos desse período tão emblemático da história do Brasil.

A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, os problemas e estratégias que levaram à independência em 1822, os conflitos militares, os arranjos políticos e o fim do império, são temas trabalhados na obra, mas a nossa atenção foi completamente fisgada pelos autores quando os mesmos discutem o papel socioeconômico exercido pelos grandes produtores de café e suas implicações na cena política imperial brasileira. Ao abordarem os locais onde o café proliferou e criou novos atores social, os "barões do café", eles apresentam Vassouras, Paraíba do Sul, Resende e Valença como principais polos de poder dessa aristocracia rural enraizada no Vale do Paraíba Fluminense.

---

[34] Citar como: A.C.da Silva, "Os percursos historiográficos de um historiador: novas perspectivas sobre o Vale do Café", Revista Arigó, **1**, 99-109(2020)

[35] Autor correspondente: antoniovoz@yahoo.com.br

[36] NEVES, Lúcia Bastos Pereira das e MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Depois da leitura dessa obra muitas outras foram consultadas a fim de entendermos melhor sobre o café, o Vale e os barões do café e não é preciso pesquisar muito para perceber que uma obra relevante para entender esse contexto é a de Stanley Stein[37]. A fim de entender os "ciclos econômicos" o Stein veio ao Brasil pela primeira vez em 1942, voltou em 1948, ficando aqui até 1949. Nesse período quando estava preparando sua tese e doutorado dedicou-se a estudar o município de Vassouras no sul da Província do Rio de Janeiro. A região que havia se destacando como grande produtor de café do Brasil principalmente a partir da década de 1850. O Acesso às fontes cartoriais e aos arquivos da Câmara Municipal de Vassouras foi decisivo no desenvolvimento da pesquisa de Stein. Além disso, ele se utilizou de uma série de documentos particulares, cartas, imagens, entrevistas e jornais. Tal esforço culminaria com a confecção e sua tese em 1951 e a transformação de seu trabalho em livro, em 1957. A grande quantidade de informações levantada naquela obra serviu de inspiração para outros trabalhos que se seguiram posteriormente.

A obra de Stein apresenta a formação do território, sua população, demografia escrava e a importância desta para a economia do Império do Brasil; aprecia os diferentes grupos sociais e sua participação naquela sociedade; influências econômicas, religiosas e culturais que ajudaram a compor sua análise.

> A ênfase nos fatores econômicos foi imposta pela documentação recolhida. Dados econômicos foram facilmente encontrados em inventários, testamentos e outros registros. Tais dados, no entanto, lançam apenas uma luz indireta sobre os relacionamentos sociais a as organizações políticas.
>
> As relações numa família de fazendeiros nem poderiam receber um tratamento mais extenso, pois era difícil obter informações confiáveis sobre essas famílias e seus inter-relacionamentos, eliminar a fantasia da realidade, avaliar o que muitas vezes era uma reconstrução desejada e evitar enfatizar uma família indevidamente[38].

A obra de Stein sem dúvida é uma referência, mas não concordamos com ele quando afirma que a documentação utilizada não lhe permitia entender as relações familiares, sociais ou até mesmo a vida política. A prova disso são os muitos trabalhos que tem sido realizados utilizando as mesmas bases documentais, só que privilegiando os outros aspectos. Para

[37] STEIN, Stanley J. Vassouras: Um Município Brasileiro do Café, 1850-1900. Tradução: Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990
[38] Idem p. 14

citarmos um exemplo, elegemos o trabalho de Angelo Ferreira Monteiro[39] que apresentou em sua dissertação de mestrado uma discussão sobre as redes de sociabilidade em Vassouras no século XIX servindo-se de muitos dos documentos utilizados por Stein. A análise de Angelo Monteiro é feita através da morte do judeu Benjamim Benatar que se estabeleceu na cidade de Vassouras como comerciante, construiu sua vida, mas que na hora de sua morte causou um imenso problema, pois a família revelara que este era judeu. Angelo Monteiro, para isso analisou atas da Câmara Municipal de Vassouras, da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, inventários, testamentos, processos judiciais, livro de assentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, dentre outros. Trabalhos como o de Angelo Monteiro provam que embora a obra de Stein seja importante, o viés econômico não é o único possível no estudo da região do Vale do Paraíba Fluminense.

Nos últimos anos a historiografia do vale do Paraíba avançou muito com alguns trabalhos como Célia Maria Loureiro Muniz[40], que estuda o sistema cafeicultor escravista de Vassouras, durante o século XIX, analisando algumas das principais famílias e quais eram as estratégias utilizadas por elas para superarem algumas crises instaladas no vale a partir de meados do século. Para isso ela se baseia principalmente em famílias como os Ribeiro de Avellar e os Teixeira Leite. Em uma análise mais específica, Mariana Muaze[41], apresenta um estudo baseado na imagem que a família Ribeiro de Avellar construiu durante o século XIX e seu projeto político-econômico para a região.

Mas o Vale não era somente Vassouras! E os outros municípios eram iguais a Vassouras? Esta pergunta tem nos motivado a pesquisar ainda mais sobre o tema. Por esse motivo escolhemos o município de Valença que na mesma época possuía os mesmos números que Vassouras, mas que não fora contemplada com mais estudos devido a falta de acesso aos documentos.

Até os anos 2000 basicamente o que se tinha sobre esse município eram as obras de dois importantes memorialistas locais. Primeiro Luís Damasceno Ferreira[42], filho de um importante político e fazendeiro valenciano no século XIX, o Major João Damasceno Ferreira. Provavelmente por influencia de seu pai que fora vereador, juiz de paz, subdelegado dentre outras funções públicas, Luís Damasceno exerceu a partir de 1897 o cargo secretário da Câmara Municipal de Valença onde permaneceu por vinte e cinco anos até sua

[39] MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX. O caso Benatar*. Vassouras. Ed. Autor. 2008.
[40] MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *A riqueza fugaz: trajetórias de famílias de proprietários de terras de Vassouras, 1820-1890*. (tese de doutorado). Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ. 2007
[41] MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. *O Império do Retrato: família, riqueza e representação social no Brasil oitocentista (1840-1889).* (tese de doutorado) Niterói: ICHF/UFF
[42]FERREIRA, L. D. *História de Valença*. Valença: Ed. Valença, 1924.

aposentadoria. Seu cargo lhe deu acesso privilegiado aos documentos produzidos naquela casa.

A falta de uma política séria de guarda dos documentos oficiais, levaram ao deterioramento e perda de muitos documentos o que transformou a obra de Luis Damasceno fundamental, pois o mesmo se dedicara as narrar a história do município através dos atos oficiais da Câmara Municipal. Além disso, ele se deu ao trabalho de resumir todas as atas de sessões dos vereadores. Como é bem comum entre os memorialistas da época, Luis Damasceno listou os grandes personagens do município, suas famílias, os logradouros públicos e as realizações da municipalidade até 1920.

José Leôni Iório foi outro importante memorialista a escrever sobre o município de Valença em obra publicada em 1953. Ele mesmo em sua apresentação faz questão de dizer que a missão de escrever a história do município lhe fora incumbida por Luís Damasceno Ferreira em um encontro entre os dois em 1924.

> Um dia em 1924, surgiu-me a figura respeitável e querida de Luís Damasceno, valenciano de alto quilate social, que me trazia, com distinta dedicatória uma exemplar de sua "História de Valença" publicado naquele ano. Ao ofertar-me o precioso livro, hoje esgotado disse estas palavras, textualmente: "Aí esta a pequenina história de nossa terra. Agora espero que você seja o continuador dela". Meu livro será de alguma utilidade, e, com certeza, um livro honesto, produto do devotamento a terra do meu berço, que tem a sua história cheia de espiritualidade, onde a pátina do tempo que precisa ser conservada, vai dando ao ambiento o perfume dos belos tempos idos.[43]

Leoni Iório era farmacêutico formado em Ouro Preto, mas desde cedo exerceu em Valença atividades jornalísticas tendo fundado em 1915 o jornal *O Lynce*, mesmo sendo bastante jovem na época. Leoni Iório era o típico cidadão "bom" cidadão valenciano que ocupou cargos na Câmara Municipal de Valença, na Mitra Diocesana. Além disso, era funcionário concursado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – onde se aposentou em 1963. De fato ele deu continuidade ao trabalho de Luís Damasceno e acrescentou muitos dados estatísticos fornecidos pelo IBGE, onde apresenta população, dados de produção agrícola e industrial e um profundo levantamento sobre os limites da região. Sua maior contribuição foi a de utilizar obras como a de Afonso Tunnay[44], e dos

[43] IÓRIO, J. L. *Valença de Ontem e de Hoje*: subsídios para pesquisa. 1789-1952. 2. ed. Valença: Jorge Iório, 2013. p. 05

[44] TAUNAY, A. E. *Uma pequena história do café*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

viajantes como do Reverendo Charles Walsh, Auguste Saint-Hilaire e vários documentos e jornais pesquisados na Biblioteca Nacional. Embora os dois trabalhos de Iório e Damasceno não apresentem nenhuma crítica aos temas abordados, algo inerentes aos historiadores atuais, não podemos desconsiderar tais obras, pois durante quase cinquenta anos foram as únicas pesquisas sobre o município de Valença e por muitos documentos terem sido perdidos constituem uma importante fonte de dados.

Pouco antes dos anos 2000 alguns trabalhos foram publicados ou defendidos em programas de pós-graduação, e isso serviu para ampliar os horizontes historiográficos sobre Valença, o Vale e o Império. Em 1997**,** Elisa Maria Amorim da Costa escreveu sobre a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valença no século XIX[45]. Tal trabalho apresentou uma pequena discussão sobre os motivos que levaram personagens da aristocracia local a criarem essa instituição de caridade. Sua pesquisa não trouxe grande contribuição para a historiografia uma vez que se utilizou basicamente dos trabalhos de Damasceno Ferreira e Leoni Iório para desenvolver seu objeto e contextualizar a Santa Casa de Misericórdia de Valença no cenário local.

Desse momento em diante alguns trabalhos começaram a apresentar contribuições mais relevantes, pois passaram a problematizar alguns casos específicos e através desses casos abriu-se um debate para se repensar a historiografia regional. O Primeiro foi Cláudio Teixeira[46], com uma análise sobre a indústria têxtil em Valença onde discutiu a presença da indústria têxtil em Valença a partir do final do século XIX e as relações de trabalho ali existentes. Sua relevância está em tentar entender uma sociedade que transitara de uma economia cafeeira para uma economia têxtil.

Na mesma linha o trabalho da economista Marise Resende Figueira que escreveu sobre a transferência do capital cafeicultor para indústria têxtil, no município de Valença entre os anos de 1850 e 1906."[47] Tal trabalho apresenta uma discussão sobre a transformação do capital cafeicultor em capital industrial. A autora faz um esforço para entender esse processo de transformação do "capital". Porém, mais uma vez a referência utilizada são os autores Ferreira e Iório, o que não desqualifica seu trabalho, mas compromete sua relevância para a historiografia. O que de fato é mais significativo em sua pesquisa é apontar para a presença de imigrantes italianos na região e sua inserção na sociedade local.

Com estudos voltados para a escravidão três pesquisadores se destacam, com

[45] COSTA, Elisa Amorim da. *Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valença* (1838-1889) (Dissertação de Mestrado), Vassouras: PPGHIS/USS, 1997.

[46] **TEIXEIRA, Cláudio** Luiz Rodegheri. *A indústria têxtil em Valença 1906-1932: o operário entra em cena.* Vassouras: (dissertação de mestrado) PPGHIS/USS, 2003.

[47] FIGUEIRA, Marise Resende. *As **elites do legado**: a transferência **do** capital cafeicultor para indústria têxtil, no município de Valença 1850-1906.* (dissertação de mestrado) Vassouras: PPGHIS/USS, 2004.

abordagens bem especificas sobre o assunto, tratando-se de três estudos de caso, que visaram enxergar modelos explicativos maiores na sociedade valenciana, mais especificamente na comunidade escrava. O primeiro é Sidney Pereira da Silva com as relações sócio parentais entre escravos através do batismo de escravos em Valença,[48] onde estuda o compadrio (adoção de um padrinho) pelos escravos em Valença. Sua maior relevância está em apresentar uma pesquisa nos registros de batismos de 1823 a 1885. Seu arcabouço teórico tenta aproximar os casos observados de uma ideia de resistência mútua através da aproximação familiar, o "compadrio".

Argemiro Eloy Gurgel analisou as ações de liberdade em Valença"[49] com foco na lei de 31 de março de 1831. Ele se valeu de farta documentação localizada no Arquivo do Museu da Justiça do Rio de Janeiro e apontou para questões muito interessantes no que diz respeito às ações movidas por escravos contra senhores, porém, sua análise, ficou comprometida por falta de um conhecimento maior da sociedade estudada. Uma das coisas que pode demonstrar isso é quando o autor deixa em aberto a questão dos advogados que optavam por defender casos dos senhores ou escravos, como o Dr. Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, muito citado pelo autor, que não apresenta uma identificação do mesmo, uma vez que este além de defender os escravos era o advogado dos principais fazendeiros da região, foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Valença na época da abolição da escravidão no Brasil em 1888. Cremos que se o autor contextualizasse esses fatos sua obra estaria mais completa e contribuiria ainda mais para a historiografia.

Regina Faria Arieira[50] por sua vez, faz um estudo sobre as sociabilidades entre famílias escravas, seu estudo segue um pouco da rota traçada por Sidney Silva, mas ela parece dar um olhar mais apurado às fontes estudadas. Nos três casos o que podemos observar é que eles se rendem a modelos explicativos maiores procurando comprovar suas hipóteses. Todos esses trabalhos são frutos de Programas de Pós-Graduação em História, e sem dúvida bem escritos, mas o que eles deixam escapar é uma reflexão da sociedade que insere seus objetos de estudo. Na dimensão da sociedade eles reproduzem o que os autores do inicio do século XIX escreveram como se nada mais pudesse ser acrescentado.

Um autor que parece ir à contramão do desenvolvimento da historiografia regional é Rogério da Silva Tjader, professor universitário, que escreveu uma biografia do Visconde do

[48] SILVA, Pereira da Silva. *As relações sócio-parentais entre escravos: o batismo de escravos em* ***Valença,*** *província do Rio de Janeiro (1823-1885)* (dissertação de mestrado) Vassouras: PPGHIS/USS, 2005.
[49] GURGEL, Argemiro Eloy Gurgel. A *Lei de 31 de março de 1831 e as ações de liberdade em Valença (1870 a 1888).* (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: PPGHIS IFCS/UFRJ, 2004
[50] **ARIEIRA**, Regina Faria. *Família e redes de sociabilidade em Valença: um estudo de caso. (Província do Rio de Janeiro - 1823 - 1888).* (dissertação de mestrado) Vassouras: PPGHIS/USS, 2007.

Rio Preto[51], seu trabalho mais importante. Tal trabalho apresenta sua relevância quando ele aponta para algumas fontes até então desconhecidas, mas se compromete quando fecha a questão propondo que tudo para se saber sobre seu personagem estudado já está descrito ou nas obras de Ferreira e Iório ou em sua própria obra.

Não concordando com esta visão memorialista de Rogério Tjader é que desenvolvemos nossa dissertação de mestrado[52] onde apresentamos novas fontes, cruzamos informações e demonstramos como o mesmo participou de uma rede de sociabilidade de fazendeiros locais para concluírem alguns projetos que visavam a melhoria da infraestrutura dos transportes do café produzido na região. Demonstramos como algumas instituições foram criadas, ampliadas ou fortalecidas para proporcionarem ambiente propício ao estabelecimento dessas redes de sociabilidade.

Nos últimos dez anos, com o crescimento dos programas de pós graduação em História, muitos historiadores residentes e/ou atuantes na região Sul Fluminense tiveram a oportunidade de desenvolverem estudos mais profundos cursos de doutorado. Um exemplo disso é o historiador Raimundo César de O. Mattos[53]. Sua proposta foi bem original e seguiu no contrafluxo da historiografia apresentando Manoel Antônio Esteves como homem de negócios diferente dos demais fazendeiros locais.

Realmente o senhor Esteves foi diferenciado em seu tempo, mas outros homens como o próprio Visconde do Rio Preto e o Barão de Guaraciaba eram homens que diversificaram seus investimentos, aplicando seu dinheiro em empresas, ações, escravos, propriedades e muito mais. O Barão de Guaraciaba, por exemplo, era um homem negro que começou a vida como ourives, foi tropeiro, fazendeiro e terminou a vida como banqueiro, aliás, sócio de Domingos Theodoro de Azevedo, genro do Visconde do Rio Preto. Assim como Manoel Esteves esses dois personagens nunca entraram na vida pública até verem seus interesses ameaçados.

Se por um lado Manoel Esteves constituiu relações importantes chegando a casar seu filho com a filha do Conselheiro Zacarias Goés de Vasconcellos, o mesmo aconteceu com o filho do Visconde do Rio Preto que se casou com a filha do Barão de Pirassununga e neta do Marquês de Olinda.

---

[51] TJADER, Rogério da Silva. *Visconde do Rio Preto, Sua Vida, Sua Obra, o Esplendor de Valença.* Valença: PC Duboc Ltda, 2004

[52] SILVA, Antonio Carlos da. *A boa sociedade valenciana do século XIX: redes de sociabilidade (1829-1868)* (dissertação de mestrado), Vassouras: PPGHIS/USS, 2010

[53] MATTOS, Raimundo César de Oliveira. *Manoel Antônio Esteves – Um capitalista esquecido no Vale* (1850-1879). Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGH/UERJ. 2012

Embora Manoel Esteves não fosse uma grande exceção, o grande mérito de Raimundo Mattos foi apontar um personagem que fugia aos padrões acerca da origem dos grandes proprietários que eram todos oriundos de Minas gerais, e, portanto, já tinham alianças familiares constituídas desde o século XVIII. Outros portugueses nunca passaram de personagens secundários no cenário econômico e político local. Nisso conseguimos enxergar em Manoel Esteves uma singularidade.

Outro aspecto muito importante levantado por Raimundo Mattos, e que consideramos inédito, é o fato dele apontar para uma profunda diferença entre a elite vassourense da elite valenciana. Todos nós desde Stanley Stein e dos muitos memorialistas locais tendíamos a ver certa semelhança entre esses dos polos cafeicultores e somos levados a uma reflexão quando ele afirma que enxergaremos a diferença se olharmos para a origem das duas cidades. Enquanto Vassouras surgiu de um projeto dos Ribeiro de Avellar, Correia e Castro e Teixeira Leite, Valença foi uma cidade que aconteceu naturalmente. Por esse motivo existia uma coesão em torno das três famílias em Vassouras, enquanto em Valença nunca houve a hegemonia de famílias, mas de indivíduos como nós mesmo apontamos.[54]

Conforme vimos até aqui, a historiografia sobre o Vale do Paraíba Fluminense tema avançado significativamente com a produção de artigos, dissertações e teses, e livros. Não podemos deixar de mencionar aqui também as pesquisas que realizamos sob forte influência dos muitos trabalhos que citamos aqui. Desde nossa graduação, a temática das relações políticas, econômicas o sociais no Império do Brasil nos chamaram muito a atenção. Seja pela influência dos professores da graduação ou pelo meio em que vivemos cercados de prédios, praças, igrejas e muitos outros elementos do período imperial do Brasil, o fato é que temos nos dedicado com bastante afinco a entender um pouco mais sobre o período e as suas marcas e influências deixadas.

Conforme já expusemos a historiografia sobre Valença carecia de novos estudos e foi assim que surgiu nosso interesse em estudar a nobreza valenciana composta por fazendeiros, políticos, funcionários públicos e profissionais liberais. Desde a graduação nossas pesquisas basearam-se em entender as relações envolvendo Domingos Custódio Guimarães, Visconde do Rio Preto. Damos destaque para nossa dissertação de mestrado desenvolvida no Programa der Pós-Graduação em História da Universidade Severino Sombra, hoje Universidade de Vassouras. Nesse trabalho, pudemos identificar as redes de sociabilidade que ligavam o Visconde do Rio Preto a outros fazendeiros e políticos locais através das relações comerciais, de compadrio e muito mais.

No doutorado em História cursado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desenvolvemos uma pesquisa voltada a entender a imprensa instalada no Vale do

[54] *Ver*. SILVA, Antonio Carlos da. *Op. cit*

Paraíba Fluminense no século XIX[55]. Nosso foco continuou sendo a cidade de Valença. Na oportunidade, utilizamos uma série de periódicos produzidos na cidade entre 1832 e 1870 articulando com periódicos produzidos na cidade do Rio de Janeiro. Como resultado, identificamos grupos políticos e como os fazendeiros locais utilizavam a imprensa para fazerem ideias circularem pela cidade. Manutenção da escravidão, fortalecimento da lavoura eram os principais temas, mas os jornais também apresentavam temas do cotidiano como informes de casamentos, fugas de escravos, resumos de julgamentos e muito mais.

Nos últimos anos, tendo atuado como professor universitário de algumas instituições da região tivemos a oportunidade de orientar diversos trabalhos de conclusão de curso analisando temas relacionados à região durante o período imperial brasileiro. Acreditamos que a função do doutor seja pesquisar e liderar pesquisas e, pensando nisso, temos realizado debates e eventos a fim de estimular novos pesquisadores e aproximar os historiadores da região.

No ano de 2020, demos início à Coleção Vale do Café, pela Interagir Editora. Trata-se de uma série de livros oriundos de pesquisas acadêmicas com temas relacionados ao café, a riqueza que gerou na região e aos desdobramentos políticos, econômicos e sociais. O primeiro livro da série versa sobre a introdução do café na região e foi escrito em parceria com Iam Martins Sena e Gislene Braz[56]. Outra obra de nossa autoria é uma coletânea de texto sobre a imprensa região no século XIX. O livro reúne trabalhos de historiadores de toda a região e analisa a imprensa nas cidades de Valença, Vassouras, Barra Mansa e Resende[57].

Considerações Finais

A historiografia brasileira avançou significativamente nos últimos trinta anos e podemos associar isso diretamente a fatores como a ampliação de cursos de pós-graduação em História, estabilização da economia, maior acesso à centros de documentação pesquisa e à difusão de informações por meio digital. Tudo isso colaborou que para que houvesse maior colaboração e troca de informações entre os historiadores brasileiros e até com profissionais de renome internacional.

Seguindo a tendência, a produção historiográfica sobre o Vale do Paraíba Fluminense também cresceu em número e qualidade. A exigência da Lei de Diretrizes e Base da Educação (9.394/96) de que as instituições de ensino superior do Brasil deve possuir em seu corpo

[55] SILVA. Antonio Carlos da. O cotidiano da imprensa e a imprensa no cotidiano: espaços públicos e a defesa da "lavoura" em Valença no século XIX Rio de Janeiro Tese de doutorado PPGH/UER 2016.

[56] BRAZ, Gislene. SENA. Iam Martins. SILVA, Antonio Carlos da. A Introdução do Café no Vale do Paraíba Fluminense. Valença. Interagir. 2020.

[57] SILVA, Antonio Carlos da. SILVA Luis Antonio Ferreira da. SILVA, Tamires Ferreira Ramos da. História da Imprensa: cotidiano, poder e circulação de ideias no Vale do Paraíba. Valença. Interagir. 2020

docente pelo menos 2/3 de mestre e doutores fez com que muitos profissionais buscassem se qualificar e isso foi bom para a pesquisa histórica. É notório que foi a partir do inicio do século XXI que o numero de ingressos em programas de pós-graduação começou a aumentar significativamente ampliando o numero de mestres e doutores.

Recentemente, criamos a Sociedade de Estudos dos Vale do Café, um grupo que reúne profissionais e estudantes de História interessados na temática da região. Nosso objetivo com isso é estreitar as relações intelectuais e propiciar a troca de informações e favrecer o debate. Esperamos como isso que mais pesquisas surjam e novos temas sejam abordados.

Referencias

ARIEIRA, Regina Faria. *Família e redes de sociabilidade em Valença: um estudo de caso. (Província do Rio de Janeiro - 1823 - 1888).* (dissertação de mestrado) Vassouras: PPGHIS/USS, 2007.

BRAZ, Gislene. SENA. Iam Martins. SILVA, Antonio Carlos da. A Introdução do Café no Vale do Paraíba Fluminense. Valença. Interagir. 2020.

COSTA, Elisa Amorim da. *Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valença* (1838-1889) (Dissertação de Mestrado), Vassouras: PPGHIS/USS, 1997.

FERREIRA, L. D. *História de Valença*. Valença: Ed. Valença, 1924.

FIGUEIRA, Marise Resende. *As* ***elites do legado****: a transferência* ***do*** *capital cafeicultor para indústria têxtil, no município de Valença 1850-1906*. (dissertação de mestrado) Vassouras: PPGHIS/USS, 2004.

GURGEL, Argemiro Eloy Gurgel. A *Lei de 31 de março de 1831 e as ações de liberdade em Valença (1870 a 1888).* (dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: PPGHIS IFCS/UFRJ, 2004

IÓRIO, J. L. *Valença de Ontem e de Hoje*: subsídios para pesquisa. 1789-1952. 2. ed. Valença: Jorge Iório, 2013. p. 05

MATTOS, Raimundo César de Oliveira. *Manoel Antônio Esteves – Um capitalista esquecido no Vale* (1850-1879). Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGH/UERJ. 2012.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX. O caso Benatar.* Vassouras. Ed. Autor. 2008.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. *O Império do Retrato: família, riqueza e representação social no Brasil oitocentista (1840-1889).* (tese de doutorado) Niterói: ICHF/UFF
MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *A riqueza fugaz: trajetórias de famílias de proprietários de terras de Vassouras, 1820-1890*. (tese de doutorado). Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ. 2007
NEVES, Lúcia Bastos Pereira das e MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SILVA, Antonio Carlos da. *A boa sociedade valenciana do século XIX: redes de sociabilidade (1829-1868)* (dissertação de mestrado), Vassouras: PPGHIS/USS, 2010
SILVA, Antonio Carlos da. SILVA Luis Antonio Ferreira da. SILVA, Tamires Ferreira Ramos da. História da Imprensa: cotidiano, poder e circulação de ideias no Vale do Paraíba. Valença. Interagir. 2020

SILVA, Pereira da Silva. *As relações sócio-parentais entre escravos: o batismo de escravos em* ***Valença,*** *província do Rio de Janeiro (1823-1885)* (dissertação de mestrado) Vassouras: PPGHIS/USS, 2005.
SILVA. Antonio Carlos da. O cotidiano da imprensa e a imprensa no cotidiano: espaços públicos e a defesa da "lavoura" em Valença no século XIX Rio de Janeiro Tese de doutorado PPGH/UER 2016.

STEIN, Stanley J. Vassouras: Um Município Brasileiro do Café, 1850-1900. Tradução: Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TAUNAY, A. E. *Uma pequena história do café*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

TEIXEIRA, Cláudio Luiz Rodegheri. *A indústria têxtil em Valença 1906-1932: o operário entra em cena.* Vassouras: (dissertação de mestrado) PPGHIS/USS, 2003.
TJADER, Rogério da Silva. *Visconde do Rio Preto, Sua Vida, Sua Obra, o Esplendor de Valença.* Valença: PC Duboc Ltda, 2004

Mulheres escritoras ontem, hoje e sempre: Carmen da Silva[58]

Angeli Rose[59]

"Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!"
(Gilka Machado, Cristais Partidos, 1915)

A chamada

Há várias maneiras de construir-se um perfil, por exemplo, pela biografia com os dados que fazem de uma personalidade cidadã do mundo: nascimento, local de nascimento, família e por aí. Escolhemos como ponto de partida para este breve perfil de Carmen da Silva o fim, isto é, sua passagem pelos municípios de Volta Redonda e Resende, por ocasião de mais uma conferência, porém, inacabada.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA — JORNAL DO BRASIL 5/5/85

Carmem, sua vida valeu!

POR onde andaram os jornais, televisões e fotógrafos que perderam a oportunidade de mostrar uma das cenas mais raras e comovedoras dos últimos dias?

Ei-la: o caixão com o corpo de Carmem da Silva — líder feminista, segue pelas alamedas do cemitério São João Batista. Mas não são os coveiros que o transportam. Não são homens que o carregam. São mulheres. As feministas, unidas, seguram as alças do esquife e vão se revezando no trajeto. Carregar em corpo morto não é só tarefa de homem forte. Carregar o corpo da amiga é ritual fraterno daquelas que conviveram alegremente com o corpo vivo de Carmem.

Aquele caixão que segue amparado pelas mulheres, mais que um objeto, é a incorporação de um símbolo. Por ato, uma das companheiras de Carmem teve um gesto inventivo, bonito. Fez uma bandeira de cetim cor-de-rosa onde o símbolo feminista surgia em purpurina azul. Uma brincadeira ou fantasia alegre e respeitosa. E quando o caixão baixava à sepultura e, em tom de chamada, alguém gritou: Carmem da Silva!, todas as mulheres uníssonas responderam: "presente". O caixão baixava e uma delas ainda falou:

— Carmem, sua vida valeu!

Por isto não sei por onde andaram os jornais, televisão e fotógrafos que perderam a oportunidade de mostrar essa cena rara e comovedora. — Carmem, a sua vida valeu!

Eu a conheci em janeiro de 1960 em Buenos Aires, quando havia publicado Fuga de Setembro. Mas não é sobre isto que quero falar. Estou com aquela frase de adeus em minha cabeça e pensando que é uma bela despedida que qualquer um gostaria de ouvir no último dia. É essa notícia do desaparecimento de uma líder feminista, que fez a cabeça de toda uma geração, cruza com outra divulgada nos jornais: a das 46 mulheres já assassinadas no Espírito Santo nos últimos meses. E não se sabe o que é mais terrível, se os assassinatos em si, ou se a declaração do Secretário de Segurança, Dircea Cardoso, de que as mulheres assassinadas são as culpadas, pois por serem "provocantes e sensuais" atraíram o(s) assassino(s).

E o Secretário não pára aí. Declara ainda que o número de crimes ocorridos no Estado é reduzido em relação ao número de mulheres. Segundo essa nova filosofia criminal, deve existir uma cota de crimes para cada sexo, raça ou classe social. Será que a estatística dos assassinatos de mulheres ali só seria alarmante depois que liquidassem 50% delas?

Não sei por que, mas essa afirmação só tem paralelo na declaração do presidente da Associação Médica Brasileira, Nelson Proença, que segundo o JB da última quarta-feira, está preparando um relatório sobre a doença e a morte de Tancredo Neves, com o seguinte objetivo: "evitar uma imagem negativa, perante a história, dos médicos e da medicina, devendo-se atribuir a culpa pelo fracasso ao próprio paciente".

Meu Deus! que país é este? que medicina é esta? que polícia é esta? Deixaram morrer o Presidente, em grande parte, por incompetência, e ainda zombam de nós. Será que vamos ter que assistir agora à encenação de um novo inquérito do Rio-Centro, um Rio-Centro médico, onde um major ou médico instruído pelos seus superiores, e em nome dos "superiores interesses", vem nos mentir escancaradamente?

Ah, Carmem da Silva, você se foi a tempo de não ter que ouvir mais esta. Estamos aí praticando aquele tópico medieval, do "mundo às avessas": a mulher assassinada por machistas é que é culpada, porque é mulher. E, sobretudo, culpada porque se deixou assassinar. Nem o Presidente do país escapa dessa lógica. É Presidente, mas quem mandou? ficou doente, agora que se dane. Médico não erra e a medicina é uma carreira onde só há sacerdotes zelosos, como me lembra em carta um médico que é comunista para uso externo, mas autoritário e stanilista para uso corporativista. E isso a medicina é maravilhosa, o que atrapalha são os clientes (e os jornais).

— Vale mais uma vida ou a "imagem" da classe médica? Vale mais uma vida, ou a imagem da classe policial? Ah, Carmem da Silva, a nossa vida aqui continua não valendo nada. Mas a sua, valeu.

Carmen Silva morreu em Volta Redonda, em 29 de abril de 1985, depois de passar mal quando proferia uma conferência sobre "Jornalismo e Feminismo" no SENAC de Resende/RJ dias depois. Ela dizia: "A discussão sobre a mulher ampliou-se: hoje ela interessa também aos homens, aos inteligentes, é claro". O jornal "O Globo" assim noticiou em seu obituário: "Carmen da Silva, jornalista, escritora e feminista, faleceu no Hospital da

[58] Citar como: A. Rose, "Mulheres escritoras ontem, hoje e sempre: Carmen da Silva", Revista Arigó, **1**, 110-117 (2020)

[59] Autora correspondente: proftutoraangelirose@gmail.com

Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, onde fora internada sexta-feira com aneurisma na aorta abdominal, aos 65 anos".

Combativa que foi Carmen chegou a responder a algumas provocações com um "Feminista sim. E daí?". Entretanto, esse "e daí?" não esvaziara a militância em presença e em escrita, tampouco as vidas de brasileiras nos jogos de poder entre homens e mulheres. Sua frase reafirma com veemência a luta da qual não se ausentava ou se envergonhava. O constrangimento seria do outro e não uma manifestação vexatória, como a história de nosso país irá registrar. Carmen morreu com a mesma dignidade da que em vida lutou pelos direitos da Mulher. Nunca se casou oficialmente, tendo vivido com o companheiro Claudio Lopes em Niterói/RJ até 1979-80,quando volta a viver em Copacabana ,no Rio de Janeiro. Anos depois, na passeata do Dia Internacional da Mulher de 1983 pelas ruas do centro do Rio de Janeiro (ainda me recordo do episódio!),Carmen da Silva fantasia-se de *Rainha do Lar*, com avental e colher de pau em punhada, sem esquecer do balde, faixa e coroa, como crítica ao machismo.

E do mesmo jeito que sua vida provocou impactos sobre as vidas de inúmeras brasileiras, principalmente, as feministas, a morte de Carmen da Silva não fora diferente. Como bem destaca e narra Afonso Romano, enterrada no cemitério São João Batista do Rio de Janeiro, o caixão fora carregado por mulheres até o túmulo, o que fora uma iniciativa absolutamente inesperada e arrojada. A memória do enterro traz um pouco da história do que Carmen representou e representa no cenário sócio - político e cultural brasileiro, em específico o fluminense. Primeiro, o bordão que hoje é repetido quando se fala da figura de Marielle Franco – vereadora do Rio de Janeiro assassinada em 14 de março de 2018, esteve forte no enterro de Carmen, fazendo história. O escritor conta que a certa altura do cortejo, "quando o caixão baixava a sepultura e, em tom de chamada, alguém gritou: "- Carmen da Silva!, todas as mulheres em uníssonas responderam : Presente!"(Sant'Anna,1985) . O mesmo "presente" de dor e força que ainda gritamos ao lembrarmos e manifestarmos a falta imposta de Marielle em nosso presente, porque são personalidades que estão e ficarão por muito tempo "presentes" nas vidas das mulheres. Continua Afonso Romano contando que "o caixão baixava e uma delas ainda falou: ***Carmen, sua vida valeu***!".

O chamado

Carmen nasceu no Rio Grande em 31 de dezembro de 1919, teve mais quatro irmãos, mas somente Maria Pia parece ter criado um vínculo afetivo mais forte com ela, relação evidenciada em e-mail da sobrinha, filha de Pia, à pesquisadora e biógrafa Maria José Lima em 2011. Formou-se como professora, foi trabalhar em empresas, publicou casualmente dos 18 aos 25 anos. Em 1944, deixa pra trás a "Carmenzinha-do-rio-grande" e vai trabalhar em Montevidéu, no escritório comercial do Brasil e em uma organização internacional sobre

direitos políticos como tradutora, porém, atuando politicamente também nesta. Em 1949, muda-se para Buenos Aires, aonde faz uma formação psicanalítica, frequenta o meio intelectual de escritores, passa a viajar muito a negócios e a essa altura publicava com certa regularidade, inclusive, em revistas feministas famosas. Ganha e lê "O segundo sexo", livro de Simone de Beauvoir, o que lhe é determinante para sua produção e atuação política como feminista anos mais tarde. Em 1957 publica "Sietembre" que somente dezesseis anos depois é publicado no Brasil sob o título de "Fuga em Setembro". Em 1960, já premiada e vivendo a agitação do meio político e intelectual, passa por um período de depressão. Refeita, a condição de estrangeira faculta-lhe desvantagens políticas que a incomodam e em 1962 volta para o Brasil. Foi quando em 1963, contratada pela revista "Claudia" assume a coluna "A Arte de ser mulher", que protagonizou como única durante 22 anos até 1985. Seu primeiro artigo no espaço conquistado intitula-se "A protagonista", do qual passamos a transcrever um fragmento :

> "Cada mulher pode e deve protagonizar sua vida dentro do âmbito que escolheu, seja êle vasto ou reduzido, seguindo suas inclinações, acatando os ditames de seu temperamento e, em certa medida, do círculo social, econômico e cultural a que pertence. O problema não consiste em fazer coisas espetaculares, mas sim em tomar consciência dos seus objetivos e aceitar a tarefa que sua consecução impõe."(Silva, *In:* Claudia,1963)

Carmen nem sempre teve bons momentos gloriosos, no Rio grande era chamada de "devassa" por fumar nas ruas aos 18 anos, certa vez numa de suas conferências em Goiânia quase foi agredida por um grupo de homens indignados com seus escritos feministas. Entre os vários temas que abordara, sobre "SEXO E PRAZER" da coluna de "Claudia" : "A vaidade masculina inventou que mulher, quando diz não, quer dizer sim". E a respeito de "AUTONOMIA" :

> "(...) certos homens jamais aceitariam uma mulher independente. Como outros tampouco aceitam a mulher livre de compromissos (todos conhecemos algum exemplo dessa obsessão pela mulher alheia), a honesta, a inteligente, a refinada, a culta. Os seres de segunda categoria - seja moral, intelectual ou ambas - procuram a forma de seu sapato, o que é muito lógico; mas eles não constituem a norma e de nenhum modo é justo tomá-los como padrão."

A relevância de Carmen da Silva no processo de reconhecimento dos direitos da Mulher recebeu diversas iniciativas, entretanto, em 1988,*post-morten,* a revista "Manchete" noticiava a inauguração do "Centro Carmen Silva de Informações sobre a Mulher, espaço dentro da Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro, com um acervo doado por sua irmã Maria Pia" e que segundo Branca Moreira Alves, a presidenta do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher(CEDIM-RJ), deveria "dar continuidade ao trabalho" da jornalista, psicanalista, escritora e feminista.

Mas foi o desejo de dar vasão à curiosidade sobre parte de minhas memórias que me trouxe de volta a essa personalidade, que percebi ser muito mais importante em minha trajetória cidadã do que supunha. Recordo que vez por outra minha mãe comprava a revista feminina "Claudia" da editora Abril nos 70-80 do século passado. Não a comprava sempre porque era uma revista cara, mas recordo que a partir de algum momento no início dos anos 70 eu me apropriava de suas revistas antes delas seguirem para algum vendedor de rua numa troca justa por outra qualquer que ela, minha mãe não tivesse lido. E nesses pequenos "empréstimos" eu passei a ter acesso a alguns textos de Carmen da Silva. Eram assuntos inicialmente difíceis de entender e elaborar, contava com 10 anos, e ainda que a prosa de Carmen fosse fluida e sabiamente de fácil leitura, minha curiosidade não estava alargada para algumas experiências narradas sobre a vida de mulheres naquela época.

Entretanto, os textos da jornalista eram envolventes o suficiente para prender a atenção de uma menina que começava a mergulhar na leitura como atividade principal do cotidiano. Lembro que sentia um prazer diferente ao ler a cada mês possível as novidades que trazia sobre a realidade feminina. E tempos depois como jovem adulta comprei eu mesma as revistas e continuei acompanhando as contribuições de Carmen Silva para "Claudia" até a sua morte. Nos 22 anos Carmen escreveu sua coluna "A Arte de ser mulher", a revista passou a receber de 400 a 500 cartas mensais devido à coluna de Carmen, o que indicou posteriormente, na avaliação de pesquisadoras, que a escritora teria transformado seu espaço em um "consultório sentimental". No entanto, hoje podemos agradecer a ela esse legado para pesquisadoras interessadas na história do Feminismo no Brasil, tendo como referência a produção de Carmen da Silva, pois tais cartas também deram a ver e ainda podem muito sobre a mulher brasileira, seus dramas, perfis e conquistas. Em 1981 na comemoração dos 20 anos de "Claudia", José escreve sobre Carmen, mas não a personagem da lendária cigana sedutora Carmen de Próspero Merrimé, consagrada por Bizet em sua ópera homônima. Esse outro José, o Inácio Loyola, escreve um artigo em homenagem à coluna da escritora, "A Arte de ser Carmen", reafirmando o caráter representativo de Carmen da Silva, na sociedade brasileira e na imprensa feminina, como se todas as mulheres tivessem um pouco de Carmen e a força simbólica do nome próprio feminino na história literária e operística ocidental.

A coluna tinha a sua marca a ponto de no aniversário de 33 anos de "Claudia" (1967), a revista lança o livro "A Arte de ser Mulher" como escolha acertada, segundo noticiário da época sobre a coletânea.

Nos idos de 1970, ela não esteve só, havia Heloneida Studart, colunista da revista Manchete, e Marina Colasanti, pela revista Nova (*Cosmopolitan*). Para mim, fora uma surpresa fazer a conexão poucos anos depois entre a Marina colunista da "Nova" e a autora de infanto-juvenis, já na condição de docente de literatura brasileira em meio ao "*boom*" da literatura infantil e infanto-juvenil que explodia nos anos 80.

Carmen da Silva foi muito homenageada em vida e *in memoriam*, além de lembrada recorrentemente por sua frase impactante: "O feminismo é uma festa.". Criou-se também um premio com o seu nome: Prêmio de Jornalismo Carmen da Silva.

A escritora de ontem

Muito tempo adiante, tive a oportunidade de ter contato com mais produções de Carmen da Silva, na condição de pesquisadora, já contava certa leitura no tema do "feminismo". Mas destaco agora este artigo em que Carmen incita as mulheres a assumirem suas próprias vidas:

MULHERIO

Abracadabra!

Carmen da Silva

Ciça

O humor, através do recurso da ironia, pode ser identificado logo no primeiro parágrafo desse seu texto. O título já provoca um estranhamento, considerando que o bordão dos mágicos (*Abracadabra*!) sugere a evocação de certa manifestação surpreendente para os leitores, ou melhor, leitoras, porque Carmen é criteriosa nessa avaliação de que a direção dos textos é para mulheres, assim como é precisa em avaliar que são leitoras que poderão comentar seus textos e não um incontinente número de leitores indiscriminados, como é possível verificar no primeiro parágrafo da subseção do artigo (*Isso e Aquilo*).

Esse artigo foi escrito para o número 0,inaugural do jornal *Mulherio*, de março-abril de 1981,ação integrante de um projeto criado pela Fundação Carlos Chagas. E observa-se que depois da evocação para que a magia se faça na vida das mulheres, Carmen da Silva desenvolve o artigo direcionando-o para alguns dos fortes aspectos que caracterizam a condição de submissão da mulher, porém, apontando para responsabilidade feminina sobre a possibilidade de mudar a própria realidade, daí a mágica a ser feita, ou o "milagre" como ela mesma sugere.

Na segunda subseção do texto (*Fé e Impotência*) a autora é mais enfática com a clareza que lhe era peculiar no estilo jornalístico e entra pelos meandros da contradição entre ter fé e a possibilidade de (se) realizar e "fazer" a vida acontecer, sendo mulher na sociedade brasileira de então. Repare, se o título do artigo vem com a força da convocação da magia, do inesperado, que estaria na ordem do extraordinário, sem auxílio da razão, é nessa seção que Carmen vai dar a ver que é justamente a "fé" tal como ela a vê na vida das mulheres que será responsável pela inconsciência da própria potência em "fazer" algo por si, ante uma realidade adversa. Cito-a: "Pois justamente a fé no milagre, a esperança no sobrenatural, o recurso às soluções mágicas são típicos da impotência: quem pode faz, quem não pode reza suplicando que Alguém faça – seja qual for o nome dado a esse portentoso e quase sempre cego e surdo Alguém."(1981)

Cabe nesse ponto breve digressão a título de adensar a leitura de um dos artigos de Carmen da Silva que é essa relação entre magia e racionalidade. Há inúmeros textos hoje clássicos na antropologia, na sociologia e na filosofia, principalmente, que discutem tal relação, alguns tiveram enorme visibilidade dos anos 70 em diante no meio universitário. Entretanto, colhemos o artigo de Paula Montero (1994) e dele extraímos um fragmento a fim de situar melhor a discussão e a relação entre esses dois paradigmas importantes para compreender (-se) a cidadania, que ao fim e ao cabo era o que Carmen da Silva já estava a adiantar no que tange a condição da Mulher:

> "A literatura sobre magia é imensa, não se trata, pois de percorrê-la. Fundamentando-nos em alguns estudos clássicos e na experiência brasileira, procuraremos ressaltar os aspectos, característicos de toda forma de pensamento mágico, mais interessantes para o tema que aqui nos preocupa: as relações entre magia e cidadania. Sucintamente podemos organizar nossa reflexão em torno de três tópicos, que, é claro, se implicam mutuamente, mas que, para maior clareza(...):
>
> 1) a centralidade da noção de pessoa;
> 2) a ausência, na magia, da noção de responsabilidade moral;

3) a identificação por analogia entre o domínio do homem e da natureza."

Assim, observa-se que pela organização dada ao seu pensamento, Montero sugere que é algo da ordem estrutural numa visão antropológica e nós podemos deduzir que há uma interseccionalidade com a questão de gênero a partir do artigo de Carmen da Silva, que teve em sua formação os clássicos como Marcel Mauss entre outros autores do campo. Mais adiante no artigo de Montero (1994),a pesquisadora indica depois das análises desenvolvidas sobre algumas religiões na sociedade brasileira e as organizações sociais impactadas por elas: "Não se trata, pois, de contrapor magia e razão."

A citação de forte imagem religiosa no artigo de Carmen da Silva, depois de nomear a estrutura social que impede que a mulher seja livre e exerça seus direitos e uma cidadania mais plena, embora à época ainda não existisse ainda e não tivesse sido promulgada a aclamada Constituição "cidadã" de 1988, portanto, Carmen estava à frente do seu tempo e em consonância com o movimento feminista no exterior, o artigo dela nos chega com: "Mas a essas alturas, muitas mulheres já estão fazendo como Moisés com a montanha: Se o milagre não lhes cai do céu, elas mesmas vão fabricá-lo."

Como profunda conhecedora da realidade da sociedade brasileira, tal evocação do campo mágico ou sobrenatural é um recurso eficaz para aproximar sua leitora para o que ela, Carmen, acredita ser de fundamental importância: mudar a condição de sujeição da mulher. E não o faz sem enumerar os casos rumorosos da época como os de Doca Street, aquele que assassinou a socialite carioca Ângela Diniz e do Michel Frank, responsável pela morte de Claudia Lessin Rodrigues, ambos da década de 1970. A representatividade dos crimes no artigo vale porque Carmen comenta os "donos do poder", os homens, porque eles fazem as leis, julgam os crimes contra mulheres e em se tratando de homens com poder financeiro, isso acentua a desvantagem da mulher ao ir a busca de saídas de uma condição de sujeição.

Atravessado por comentários auto reflexivos em relação às possibilidades que a coluna de Carmen viesse a ter, o artigo do início ao fim investe na potência comunicativa desse "fazer" jornalístico, crítico, ensaístico, que a coluna da autora assume nos 22 anos de colaboração com a revista "Claudia". Os mais variados temas são perpassados por flash autobiográficos e provocativos no que concerne a função social da colunista. Arremata o artigo com a questão fundamental de suas leitoras: "-o que fazer?". O que fazer diante de tal realidade descrita pela autora? O que fazer diante de tanta dificuldade, seja econômica, seja emocional? Ao que a multifocal escritora responde com o "milagre" possível, investindo (-se) dele: a realização de uma "comunicação solidária", e hoje diríamos de Sororidade também, capaz de respostas para tal questão, o que para ela, Carmen, já seria um "milagre" não de "Alguém", mas *"nosso"*,

conforme finaliza o artigo. Um "nosso" preenchido de densidade autoral ,singular e propriedade, isto é, no sentido de que o "fazer" pela própria mulher é que já é em si um "milagre", dadas as condições de vida da mulher brasileira.

Assim, essa visita à memória de minha pré-adolescência ao pensar na Carmen da Silva que conheci através dos textos e que me formou como mulher e cidadã, pensei também no fim de sua vida que se deu em Volta Redonda, ainda militando pelo "Feminismo". E pode-se lembrar que:

> "Carmen da Silva foi uma jovem interiorana que morou nas grandes capitais e enfrentou o estranhamento das cidades grandes. É o esboço das mulheres fortes que viriam aparecer e comandar a visão de mundo de muitas leitoras. Mulheres que desafiam a mentalidade de uma sociedade, com persistência e determinação."(Duarte,2005)

A passagem

Carmen ficou conhecida pela frase que a lembra até hoje "O feminismo é uma festa.", além da imagem de "um dos símbolos da modernização da imprensa e da sociedade brasileira contemporânea". Curioso que ficou durante muito tempo mais lembrada como jornalista e psicanalista do que como feminista ou escritora, o que pode em si já permitir refletir sobre que representações a mulher tem por "direito" nessa sociedade machista e conservadora(?).O fato é que a cidade de Volta Redonda tem no capítulo de sua história a passagem de escritora tão importante para a formação de mentalidades de várias gerações de 45 até 1985,no mínimo, para citar apenas o período em que Carmen estava viva. Com sua vivacidade e certeza de que a vida era pra ser vivida, espero que nesse ponto do artigo o leitor e a leitora tenham já enorme curiosidade sobre essa mulher que começou a se despedir da vida em Resende, passando por Volta Redonda. Por isso, deixo os leitores e as leitoras com a imagem sorridente da escritora, intelectual e feminista Carmen da Silva no centro e protagonismo num dos eventos de sua trajetória:

Uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br